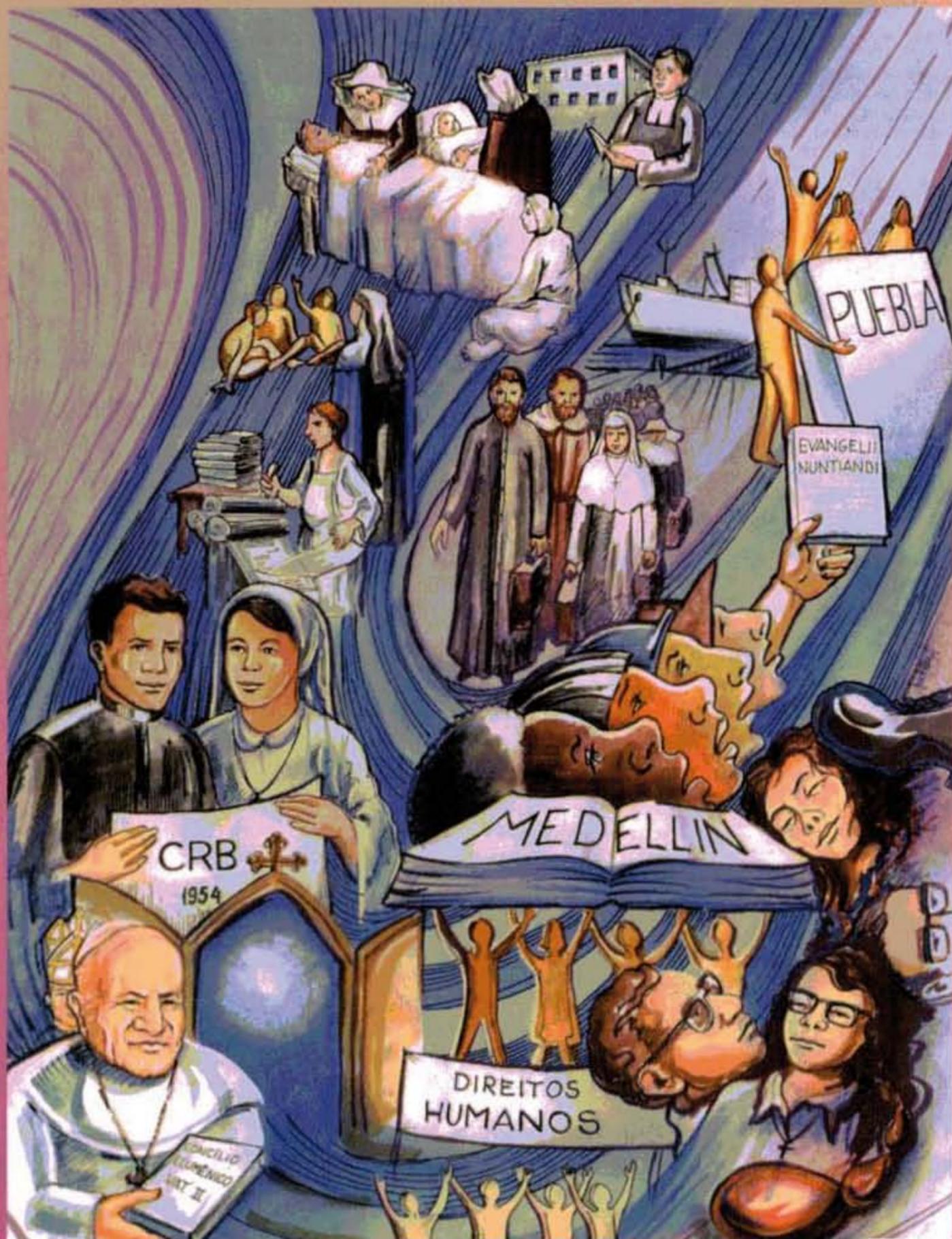


convergência

SETEMBRO ▪ 1994 ▪ ANO XXIX N° 275

RUMO A UM NOVO MODELO DE VIDA CONSAGRADA — Pe. Edênio Valle, SVD

ALGUNS DESAFIOS DA CIDADE AOS RELIGIOSOS — Pe. José Comblin



convergência

CRB
40
anos

SUMÁRIO

EDITORIAL

"UMA QUESTÃO DE MODELOS" 387
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

PALAVRA DO PAPA

CARTA ÀS FAMÍLIAS - III 389

RUMO A UM NOVO MODELO DE VIDA

CONSAGRADA 393
Pe. Edênio Valle, SVD

ALGUNS DESAFIOS DA CIDADE

AOS RELIGIOSOS 414
Pe. José Comblin

A MISSÃO NO EVANGELHO DE LUCAS 422
Ir. Lina Boff, SMR

AO ENCONTRO DA TERCEIRA IDADE 435
Pe. Victor Hugo S. Lapenta, CSSR

FAZEMOS NOSSO O CLAMOR
DOS POBRES 444
Pe. José Ernane Pinheiro

NOSSA CAPA

Detalhe do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, dos artistas populares Anderson Souza Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Após a restauração da Vida Religiosa, mediante vigoroso transplante de Congregações antigas e recentes da Europa para o Brasil, nasce uma nova caminhada. A criação da CRB, em 1954, preparou a Vida Religiosa para a marcha a que a Igreja se propõe na América Latina, nesta nova fase: participação do povo, ênfase em nossa realidade e olhos no Vaticano II, Medellín, Puebla, Direitos Humanos, Evangelii Nuntiandi... Religiosos (mulheres e homens) se misturam ao povo caminhando na mesma direção.

ASSINATURA PARA 1994:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 25,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea US\$ 85,00

Número avulso (Brasil) US\$ 2,50

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Edênio Valle, SVD

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenador:

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Membros:

Pe. Atico Fassini, MS, Ir. Lina Boff, SMR e

Fr. Luis Fernando Peixoto, OFM

DIREÇÃO, REDAÇÃO,

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar

Cinelandia — Tel.: (021) 240-7299

20038-900 — Rio de Janeiro — RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 — Ipiranga

04216-000 — São Paulo — SP

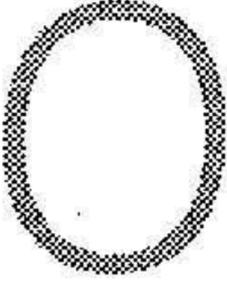
Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL

"UMA QUESTÃO DE MODELOS"

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

 cristianismo não se pretende uma filosofia, ideologia, ciência antropológica, moral, cultural, modelo sociopolítico, expressão de religiosidade. É fundamentalmente uma fé, um engajamento comunitário e pessoal, centrado em Jesus, na força do seu Espírito, em comunhão com o Pai e todas as pessoas assumindo de modo libertador a história global do mundo. Surge no acontecimento histórico de Jesus, em seu testemunho de vida, em sua palavra e seu mandamento de amor e de missão.

Para se encarnar e expressar em cada época, o cristianismo, e, por consequência, a própria vida religiosa, elabora modelos que refletem as circunstâncias particulares em que foram gerados sem, contudo, romper a unidade entre seu projeto histórico, suas prioridades e utopia própria. Posto que Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre, é a fé em sua pessoa que permite aquela fidelidade.

Desde o Concílio de Trento, especialmente através da elaboração teológica de Roberto Belarmino, e até quase nossos dias, apresentou-se um modelo eclesial demasiadamente marcado pelos elementos institucionais (corpo místico de Cristo, comunidade perfeita etc.). Nas últimas décadas, aprofundou-se uma compreensão de Igreja com novos elementos. Os teólogos de cada período, partindo da vida da Igreja, aprofundaram os diferentes elementos da comunidade eclesial. Assim, Congar explicitou a importância que tem a palavra do

Senhor na edificação do povo de Deus. Hamer marcou melhor o aspecto de comunhão que se faz realidade no povo de Deus, insistindo que a Igreja é primeiramente uma assembléia, na qual as relações interpessoais são importantes e profundas. Rahner e Schillebeeckx insistiram na verdade de que a Igreja, toda ela, é serviço para o mundo. Tem carismas e ministérios em linha de diaconia para a comunhão e, para cumprir tal serviço ao mundo, toda sua estrutura está orientada para este fim. Metz e McBrien realçam o papel profético da Igreja e de sua ação política, como nota essencial do serviço do reino de Deus, anunciado nas estruturas do mundo. Procuraram recompor nos crentes a realidade da dimensão política da fé e promover uma verdadeira desprivatização dela. Nos últimos anos acentuou-se a reflexão sobre a Igreja particular e a inculturação, insistindo sobre a fisionomia própria de cada Igreja local, com seu método de evangelização, sua pedagogia catequética, sua liturgia, sua expressão e celebração da vida e realidade. A religiosidade popular, as CEBs, a opção preferencial pelos pobres, as diferentes reuniões da Igreja na América Latina contribuíram mais ainda na relativização histórica dos modelos.

Da reflexão sobre os modelos de Igreja passou-se rapidamente para a reflexão sobre os modelos de Vida Religiosa, pois, na realidade, é íntima a conexão entre ambos. A Vida Religiosa sendo uma grandeza essencialmente eclesial não pode ser senão um reflexo da Eclesiologia e uma dimen-

são da sua concretização em um dado modelo.

A pouco menos de um mês para a realização do Sínodo de Bispos sobre a Vida Consagrada é evidente que a questão dos modelos (ou *um* determinado modelo considerado único) está subjacente na aproximação eclesiológica que se faça do mesmo. A leitura do recente Documento de Trabalho, tão tardiamente divulgado e impedindo que se faça uma contribuição mais participativa da base da vida consagrada, mostra como a questão continua atualíssima...

Essa a razão pela qual este número de CONVERGÊNCIA tem seu eixo na questão que introduzimos. P. Edênio Valle, SVD, nosso Presidente nacional, abre o debate com o artigo "Rumo a um novo modelo de vida consagrada" no qual, embora renunciando a um exercício de futurologia, detecta um caminho no futuro que passa pelo tipo exodal e kenótico: uma VR empurrada pelo Espírito Santo em direção à periferia, à fronteira e ao deserto. Já o nosso sempre esperado Pe. Comblin contribui com a questão do modelo centrado na cidade, próprio do mundo de

modernidade, como lugar privilegiado de desafio à Vida Religiosa. Sua intuição aguda leva a detectar determinadas tentações identificadas na paróquia urbana, no transformar-se em mão-de-obra para as pastorais, no narcisismo da cultura urbana. Ir. Lina Boff, a partir de material de sua tese de doutorado apresentada recentemente na PUC/RJ, propõe a releitura do modelo de missão, a partir do Evangelho de Lucas. Já o P. Victor Hugo, da equipe de psicólogos da CRB-Nacional, introduz a reflexão sobre um modelo de etapa existencial: a velhice, ou terceira idade, e o questionamento sobre o projeto pessoal, comunitário e congregacional que deste modelo possa resultar. Finalmente, P. José Ernane Pinheiro, assessor da CNBB ajuda-nos a refletir sobre o modelo sócio-político-econômico brasileiro, tão significativo na compreensão que queiramos ter e divulgar num momento em que nos aproximamos dos processos eleitorais.

Uma revista de "aqui e agora" (hic et nunc)! Textos que nos ajudem a todos a sermos, mais do que espectadores da História, seus construtores e colaboradores entre tantos irmãos e irmãs!

PALAVRA DO PAPA

CARTA ÀS FAMÍLIAS – III

Há pouca vida humana nas famílias dos nossos dias. Faltam as pessoas com quem criar e partilhar o bem comum.

A GENEALOGIA DA PESSOA

9. Através da comunhão de pessoas, que se realiza no matrimônio, o homem e a mulher dão início à família. Com a família está ligada a genealogia de cada homem: *a genealogia da pessoa*. A paternidade e a maternidade humana estão radicadas na biologia e, ao mesmo tempo, superam-na. O Apóstolo, “dobrando os joelhos diante do Pai, do Qual toda a paternidade [e toda a maternidade], nos Céus como na Terra, toma o nome”, em certo sentido coloca diante do nosso olhar o mundo inteiro dos seres vivos, desde os espirituais nos céus até os corporais na terra. Toda a geração encontra o seu modelo originário na Paternidade de Deus. Todavia, no caso do homem, esta dimensão “cósmica” de semelhança com Deus não basta para definir adequadamente a relação de paternidade e maternidade. Quando da união conjugal dos dois nasce um novo homem, este traz consigo ao mundo uma particular imagem e semelhança do próprio Deus: *na biologia da geração está inscrita a genealogia da pessoa*.

Ao afirmarmos que os cônjuges, enquanto pais, são colaboradores de Deus Criador na concepção e geração de um novo ser humano, não nos referimos apenas às leis da biologia; pretendemos sobretudo sublinhar que, *na paternidade e maternidade humana, o próprio Deus está presente* de um modo diverso do que se verifica em qualquer outra geração “sobre a terra”. Efetivamente, só de Deus pode provir aquela “imagem e semelhança” que é própria do ser humano, tal como aconteceu na criação. A geração é a continuação da criação.

Assim, pois, tanto na concepção como no nascimento de um novo homem, os pais encontram-se diante de um “grande mistério” (Ef 5,32). Também *o novo ser humano*, não diversamente dos pais, *é chamado à existência como pessoa, é chamado à vida “na verdade e no amor”*. Tal chamamento não se abre só a quanto existe no tempo, mas em Deus abre-se à eternidade. Esta é a dimensão da genealogia da pessoa, que Cristo nos revelou definitivamente, projetando a luz do seu Evangelho sobre o viver e o morrer humano e, portanto, sobre o significado da família humana.

Como afirma o Concílio, o homem é a “única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma”. A origem do homem não obedece apenas às leis da biologia, mas sim e diretamente à vontade criadora de Deus: é a esta vontade que se fica a dever a genealogia dos filhos e filhas das famílias humanas, Deus “quis” o homem desde o princípio — e Deus “o

quer” em cada concepção e nascimento humano. Deus “quer” o homem como um ser semelhante a Si, como pessoa. Este homem, cada homem, é criado por Deus “por si mesmo”. Isto aplica-se a todos, incluindo aqueles que nascem com doenças ou deficiências. Na constituição pessoal de cada um, está inscrita a vontade de Deus, que quer o homem como fim, em certo sentido, de si mesmo. Deus entrega o homem a si mesmo, confiando-o contemporaneamente à família e à sociedade, como sua tarefa. Os pais, diante de um novo ser humano, têm, ou deveriam ter, plena consciência do fato que Deus “quer” este homem “por si mesmo”.

Esta sintética expressão é muito rica e profunda. Desde o momento da concepção e do nascimento depois, o novo ser está destinado a *exprimir em plenitude a sua humanidade* — a “encontrar-se” como pessoa. Isto diz respeito absolutamente a todos, também aos doentes crônicos e deficientes. “Ser homem” é a sua vocação fundamental: “ser homem” à medida do dom recebido. À medida daquele “talento” que é a humanidade própria e, só depois, à medida dos outros talentos. Neste sentido, Deus quer cada homem “por si mesmo”. Mas, *no desígnio de Deus*, a vocação da pessoa ultrapassa os confins do tempo. Vai ao encontro da vontade do Pai, revelada no Verbo encarnado: *Deus quer oferecer ao homem participação na sua própria vida divina*. Cristo diz: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

O destino último do homem não está em contraste com a afirmação de que Deus quer o homem “por si mesmo”? Se é criado para a vida divina, existe o homem verdadeiramente “por si mesmo”? Esta é uma pergunta-chave, com grande importância tanto ao desabrochar como ao findar da existência terrena: é importante por toda a duração da vida. Poderia parecer que, destinando o homem à vida divina,

Deus o subtraía definitivamente ao seu existir “por si mesmo”. Qual é a relação que existe entre a vida da pessoa e a participação na vida trinitária? Responde-nos Sto. Agostinho com as célebres palavras: “O nosso coração está inquieto, enquanto não repousa em Ti”. Este “coração inquieto” indica que, de fato, não há contradição entre uma finalidade e outra, mas sim uma ligação, uma coordenação, uma unidade profunda. Pela sua própria genealogia, a pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, é precisamente *participando na vida d’Ele que existe “por si mesma”* e se realiza. O conteúdo de tal realização é a plenitude da vida em Deus, a mesma de que fala Cristo (cf. Jo 6, 37-40), que nos redimiu exatamente para nos introduzir nela (cf. Mc 10,45).

Os cônjuges desejam os filhos para si, vendo neles o coroamento do seu amor recíproco. Desejam-nos para a família, qual *dom preciosíssimo*. É um desejo, em certa medida, compreensível. Todavia, no amor conjugal e no amor paterno e materno, deve inscrever-se a verdade do homem, expressa de maneira sintética e precisa pelo Concílio com a afirmação de que Deus “quer o homem por si mesmo”. É necessário, por isso, que a vontade dos pais se harmonize com o querer de Deus: neste sentido, *eles devem querer a nova criatura humana como a quer o Criador*: “por si mesma”. A vontade humana está sempre e inevitavelmente sujeita à lei do tempo e da caducidade. A vontade divina, pelo contrário, é eterna. “Antes que fosses formado no ventre de tua mãe, Eu já te conhecia — lê-se no livro do profeta Jeremias; antes que saíesses do seio materno, Eu te consagrei” (1,5). Portanto, a genealogia da pessoa está unida primariamente com a eternidade de Deus e, só depois, com a paternidade e a maternidade humana, que se realizam no tempo. No instante da concepção, o homem já está ordenado para a eternidade em Deus.

O BEM COMUM DO MATRIMÔNIO E DA FAMÍLIA

10. O consentimento matrimonial define e torna estável *o bem que é comum ao matrimônio e à família*. “Recebo-te por minha esposa — por meu esposo — e prometo ser-te fiel e amar-te e honrar-te, tanto na prosperidade como na provação, por toda a nossa vida.” O matrimônio é uma singular comunhão de pessoas. Na base de tal comunhão, a família é chamada a tornar-se comunidade de pessoas. É um compromisso que os noivos assumem “diante de Deus e da Igreja”, como lhes recorda o celebrante no momento em que mutuamente trocam o consentimento. Desse compromisso, são testemunhas quantos participam no rito; neles se encontram representadas, em certo sentido, a Igreja e a sociedade, âmbitos vitais da nova família.

As palavras do consentimento matrimonial definem aquilo que constitui o bem comum do *casal e da família*. Antes de mais, o bem comum dos esposos: o amor, a fidelidade, a honra, a permanência da sua união até a morte — “por toda a nossa vida”. O bem de ambos, que é simultaneamente o bem de cada um, deve tornar-se depois o bem dos filhos. Por sua natureza, o bem comum, ao mesmo tempo que une as diversas pessoas, assegura o verdadeiro bem de cada uma. Se a Igreja, como aliás o Estado, recebe o consentimento dos cônjuges expresso através das palavras acima referidas, fá-lo porque aquele está “escrito nos seus corações” (Rm 2,15). São os esposos que se dão reciprocamente o consentimento matrimonial, jurando, isto é, confirmando diante de Deus a verdade do seu consentimento. Enquanto batizados, eles são na Igreja os ministros do sacramento do matrimônio. São Paulo ensina que o seu compromisso recíproco é “um grande mistério” (Ef 5,32).

Assim, as palavras do consentimento exprimem aquilo que constitui o bem co-

mun dos cônjuges e *indicam o que deve ser o bem comum da futura família*. Desejando pô-lo em evidência, a Igreja pergunta-lhes se estão dispostos a acolher e a educar cristãmente os filhos que Deus lhes quiser dar. A pergunta refere-se ao bem comum do futuro núcleo familiar, tendo presente a genealogia das pessoas, inscrita na própria constituição do matrimônio e da família. A pergunta sobre os filhos e a sua educação está estreitamente ligada com o consentimento conjugal, com o juramento de amor, de respeito conjugal, de fidelidade até a morte. O acolhimento e a educação dos filhos — duas das finalidades principais da família — estão condicionados pelo cumprimento desse compromisso. A paternidade e a maternidade representam uma *tarefa de natureza conjuntamente física e espiritual*; através daquelas, passa realmente a genealogia da pessoa, que tem o princípio eterno em Deus e a Ele deve conduzir.

O Ano da Família, ano de particular oração das famílias, deveria tornar cada família consciente de tudo isto, de um modo novo e profundo. Existe grande riqueza de motivos bíblicos, que podem servir de substrato a essa oração. Às palavras da Sagrada Escritura, é necessário juntar sempre a *recordação pessoal dos cônjuges-pais* e a dos filhos e netos. Mediante a genealogia das pessoas, a comunhão conjugal *torna-se comunhão das gerações*. A união sacramental dos dois, selada pela aliança estipulada diante de Deus, perdura e consolida-se na sucessão das gerações. Essa união sacramental deve tornar-se união de oração. Mas, para que isso possa transparecer significativamente no Ano da Família, é indispensável que a oração se torne um hábito arraigado na vida cotidiana de cada família. A oração é ação de graças, louvor a Deus, pedido de perdão, súplica e invocação. Em cada uma dessas formas, *a oração da família tem muito que dizer a Deus*. Também tem tanto que dizer

aos homens, a começar pela recíproca comunhão das pessoas unidas por laços familiares.

“Que é o homem, para Vos lembrardes dele?” (Sl 8,5), pergunta-se o Salmista. A oração é o espaço onde, do modo mais simples, se manifesta a recordação criadora e paterna de Deus: não apenas e nem tanto a recordação de Deus por parte do homem, como sobretudo a *recordação do homem por parte de Deus*. Por isso, a oração da comunidade familiar pode tornar-se lugar da recordação comum e recíproca: efetivamente, a família é comunidade de gerações. Na oração, todos devem estar presentes: aqueles que vivem e os que já morreram, como também quantos ainda devem vir ao mundo. É necessário que na família se reze por cada um, na medida do bem que a família constitui para ele e do bem que ele constitui para a família. A oração corrobora mais solidamente um tal bem, precisamente como bem comum familiar. Mais ainda, aquela dá também início a este bem, de modo sempre renovado. Na oração, a família reencontra-se como o primeiro “nós”, no qual cada um é “eu” e “tu”; cada um é para o outro respectiva-

mente marido ou esposa, pai ou mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, avô ou neto.

São assim as famílias, às quais me dirijo com esta Carta? Certamente não poucas são assim, mas os tempos em que vivemos manifestam a tendência para restringir o núcleo familiar ao âmbito de duas gerações. Isso sucede freqüentemente por causa do acanhamento das moradias disponíveis, sobretudo nas grandes cidades. Mas também, e não raro, o mesmo se fica a dever à convicção de que mais gerações em conjunto são obstáculo à intimidade e tornam demasiado difícil a vida. Mas não é precisamente este o ponto fraco? *Há pouca vida humana nas famílias dos nossos dias*. Faltam as pessoas com quem criar e partilhar o bem comum; e, contudo, o bem, por sua natureza, exige ser criado e partilhado com os outros, porque “*bonum est diffusivum sui*”, “o bem tende a difundir-se”. Quanto mais for comum o bem, tanto mais ele será próprio: meu - teu - nosso. Essa é a lógica intrínseca do viver no bem, na verdade e no amor. Se o homem sabe acolher essa lógica e segui-la, a sua existência torna-se verdadeiramente um “dom sincero”.

RUMO A UM NOVO MODELO DE VIDA CONSAGRADA

Pe. Edênio Valle, SVD
Rio de Janeiro

Os maiores problemas da Vida Religiosa no mundo atual: sua irrelevância para a juventude de hoje, a pequena influência que exerce na sociedade contemporânea, seu débil impacto no mundo de hoje, sua ineficiência na evangelização.

A. APRESENTAÇÃO

“A VR experimenta hoje um momento particularmente significativo de sua história, devido à renovação exigente e ampla que lhe impõem as cambiantes condições socioculturais, no umbral do terceiro milênio da era cristã” (João Paulo II no Congresso Internacional sobre a Vida Consagrada, USG, 1993).

1. Horizontes da Questão

Qualquer observador percebe facilmente que a Vida Consagrada (1) encontra-se, na Igreja Católica, em meio a uma *transição epocal*. Suas formas clássicas passaram nos últimos decênios por drásticas mudanças quanto a suas concepções e estilos de fundo. Para certos observadores, sua *figura histórica* tradicional, tida como universalmente válida até a época do Con-

cílio Vaticano II, acha-se em vias de exaurir-se, ao menos nos países do Ocidente cristão, que foram, aliás, o seu berço. Para outros, tratar-se-ia mais de uma dolorosa mas transitória fase de purificação e correção do modelo. Esse acabará por salvaguardar sua continuidade não só teológica, a que diz respeito aos seus elementos essenciais, como histórica e socioeclesial, a que se refere aos *modelos de Vida Religiosa*.

Para o autor, é, a essa altura da evolução dos fatos, praticamente impossível dizer que formas a VR irá assumir no século XXI, digamos dentro de 50 anos. Mas é altamente provável que ela passará ainda por inúmeras outras transformações antes de encontrar um ou mais modelos que satisfaçam às exigências da Igreja, da(s) cultura(s) e do mundo contemporâneo. Mas os irá plasmando pouco a pouco, de maneira dialética (superação) e não de forma linear.

Na América Latina, lugar desde o qual teceremos nossos comentários, não dispomos de dados que nos permitam presumir “*desaparecimento*” da Vida Religiosa. Essa, ao contrário, apresenta sinais inequívocos de vitalidade, tanto de um ponto de vista qualitativo quanto quantitativo (2).

Em termos de “modelo de VR”, os limites e parâmetros bem disciplinados sugeridos pela “*Perfectae Caritatis*”, dentro de uma concepção ainda pré-conciliar, já foram há muito rompidos pela marcha dos acontecimentos.

As três pistas tão fecundas oferecidas pela P.C. nº 2 para a renovação (retorno ao Evangelho, como fonte de toda vida cristã; volta à inspiração original dos institutos; adaptação às condições de nosso tempo) a essa altura já se revelaram como insuficientes. Há uma tensão interna que impõe a questão do futuro quase que por si mesma, pois a evolução já cumprida pede novas e urgentes transformações. Decretos da autoridade ou atos voluntarísticos dos que se encontram dentro do processo não podem trazer soluções ou deter o rumo das coisas. De dentro do processo se pode, sim, prever e orientar. Mesmo assim com precariedade ainda maior do que no passado, uma vez que a modernidade torna a condição humana e a realidade social geopolítica, econômica e culturalmente fragmentadas. É uma era de vazio, como diz Lipovetsky (3). Em realidades tão diversificadas e complexas como a A.L. nada é homogêneo. No processo eclesial e eclesiástico houve, sem dúvida, avanços expressivos e também rupturas do(s) modelo(s) (4). O processo de renovação da VR na AL foi e é muito desigual, variando de país a país e de congregação a congregação. Não obstante, todos os grupos foram atingidos, uma vez que era a Igreja em seu todo que passava por essas mudanças. Ao lado do que poderíamos chamar de revisão "ad intra", o impacto maior veio da descoberta e da inserção nas realidades latino-americanas. A renovação pós-conciliar pôs fim à alienação em que vivia a VR, antes umbilicalmente ligada a uma realidade externa e alheia ao seu mundo, às suas culturas, aos seus povos e às religiões historicamente existentes entre nós. No momento existe certo pluralismo de formas, de estados de consciência e de projetos, dentro de uma tendência mais dominante, que tem sido amplamente descrita também na Europa. É improvável que se trate de uma questão de "aut...aut", mas é certo que as congregações estão sendo impelidas a tomar decisões ante o novo que está nascendo. Essa

é não só uma lei da história. É muito mais uma exigência do princípio da encarnação que preside o projeto de salvação de Deus e é norma para a vida cristã e a pregação da Igreja. É fato que o Espírito sopra forte. Os passos dados nestes últimos 30 anos com relação ao estilo de vida, aos objetivos, à ação missionária, à organização interna, à formação, à espiritualidade pessoal e comunitária e ao modo de estar socialmente presente indicam uma direção provavelmente irreversível nas concepções teológicas e nas práticas da VR. A tarefa que aqui me proponho é descrever o contexto e os horizontes desse modelo que está emergindo ainda com contornos não inteiramente definidos. A pergunta de fundo é: para que modelo aponta o futuro da VR latino-americana? Será esse uno ou plural?

2. Futurologia e modelos

A futurologia andou muito em moda nos anos 70. Existia a convicção generalizada de que o mundo estava às vésperas de uma virada revolucionária. Muitos cientistas, institutos e organizações de pesquisa se dedicaram ao estudo das possibilidades abertas ao desenvolvimento no futuro (5). Em termos de Igreja e de Teologia pode-se dizer que o Vaticano II corresponde à discussão do modelo de Igreja mais compatível com a modernidade, especialmente a européia.

Esses esforços de previsão do futuro se inspiravam quase sempre em interesses de natureza econômica, política e militar. Alguns deles, em especial na América Latina, buscavam dar consciência à utopia socialista de uma sociedade igualitária e sem divisão de classes e privilégios. Outros (a maioria) eram calcados diretamente em projetos de expansão do modelo de desenvolvimento. A América Latina apareceria aí no papel secundário de apoio ao projeto global do capitalismo dependente.

Nos últimos anos surgiu outra fonte de alimentação dos sonhos do futuro. Talvez

em conseqüência dos fatos não previstos da derrocada do mundo comunista, o exercício da futurologia tomou uma conotação mais mística, mais esotérica. A "new age" é um bom exemplo dessa nova maneira de encarar o futuro da humanidade e do planeta. Nesses movimentos neo-modernos existe a mesma certeza de que estamos às vésperas de uma radical mutação de paradigmas. Um modo inteiramente novo de ser e de viver instaurar-se-á levando a humanidade a relacionar-se comunionalmente com a natureza e o Cosmos, consigo mesma e com o divino, por meio de uma consciência qualitativamente nova do "Self". A "era de Aquário" já está se gestando: será uma era de harmonia e paz. Os futurólogos, porém, não se tornaram todos místicos e utópicos. Persiste, embora com mais modéstia, a futurologia herdeira do racionalismo e do iluminismo. Continua sendo expressão da vontade do poder e da confiança na ciência e na tecnologia como instância de dominação do homem sobre a natureza, e sobre o outro homem. Sua base reside na matemática com seus fascinantes modelos de exatidão. No campo das Ciências Humanas os "tipos ideais" (Max Weber) continuam sendo considerados interessantes mediações para a compreensão sociológica e política do real. A economia contemporânea, montada na velocidade dos computadores, trabalha hoje com modelos extremamente ágeis, podendo simular suas variações quase até o infinito.

Na Psicologia Social, área na qual me sinto mais em casa, o uso dos "construtos teóricos" de meio alcance são parte integrante das teorias que explicam os comportamentos sociais das pessoas, dos grupos e das organizações.

Os novos paradigmas

A palavra "paradigma" (em grego = exemplo, modelo, tipo) surgiu no campo das ciências para designar as mudanças estruturais que se processaram no campo das concepções científicas, sacudidas por

verdadeiras "revoluções", como diz Thomas Khun. Aos poucos o termo passou a ser usado em vários campos do conhecimento e não só na física, na biologia, na matemática e na cibernética. O significado da palavra é às vezes impreciso e fluido, pois se trata de revoluções em curso. O homem comum, também o religioso comum, é, no entanto, obrigado a constatar que tais paradigmas já existem e atuam com incrível força de persuasão. No campo da experiência religiosa, das elites como do povo, é fácil detectar a existência de tais paradigmas. Às vezes podem parecer múltiplos e contraditórios. Outras, podem suscitar a impressão de que existe neles algo de "unidimensional" (Marcuse), uma vez que são fenômenos, percepções e evidências constatáveis em escala mundial.

Que é paradigma? No fundo, também quando aplicado às culturas e à religião, trata-se de um modelo de interpretação e de explicação desde o qual se torna possível entender e explicar a realidade em sua globalidade e, por força dessa intuição explicativa mais ampla, se logra compreender também os aspectos parciais do fenômeno de maneira até então impossível. Um exemplo didático bem ilustrativo é a passagem do modelo de compreensão geocêntrico do sistema solar para o heliocêntrico. De maneira muito mais sofisticada e com implicações de extraordinária abrangência, sucedem-se os modelos teóricos paradigmáticos que dizem respeito à origem do universo ou à constituição da matéria. Em um campo muito distinto, firma-se hoje no mundo, afetando a economia, a política e os comportamentos culturais, o paradigma "ecológico", fadado, ao que parece, a ser elemento articulador da nova imagem do planeta terra. A religião, a grande vilã dos paradigmas positivistas e revolucionários do século XIX, volta à cena e é revalorizada, pois retoma o seu papel paradigmático e rearticulador de sentido, porém no contex-

to da modernidade e da cultura pluralista e secularizada. Portanto, um paradigma, além de vetor de compreensão, é também um feixe de significados e valores que motivam e suscitam a inteligência, a vontade (e o desejo, diria o psicólogo). No âmbito da religião católica tem-se falado em "mutação de paradigmas". Com essa expressão menos categórica se designa a transformação do conjunto da constelação de percepções, quadros de base e modelos ideais desde a qual a Igreja e os fiéis católicos compreendem a si mesmos, a sociedade, o mundo e o próprio mistério de Deus (5a).

Küng, em dois escritos recentes, tentou enumerar algumas das viragens paradigmáticas pelas quais o Cristianismo passou, através de uma sucessão de mutações diacrônicas que foram gerando diferentes modelos de compreensão teológica, pastoral, espiritual e política. Ele distingue os seguintes paradigmas: o das comunidades apostólicas, a Igreja grego-bizantina, a Igreja medieval romano-católica, a Reforma evangélica-protestante, a época defensiva ante o iluminismo moderno, a Igreja de hoje. Nós da América Latina, seguramente, especificaríamos melhor o paradigma gestado entre nós, calcado na opção preferencial pelos pobres, na revisão do papel social da Igreja, na espiritualidade bíblico-libertadora, na evangelização inculturada etc. Na passagem de um a outro paradigma, estabelece-se a crise do modelo superado. Essa se traduz na exploração "criativa" de caminhos, linguagens e sentidos, no retorno aos núcleos de força mais essenciais e em inevitáveis tensões entre o que já era e o que ainda não nasceu inteiramente. Só aos poucos a crise leva à partilha comum que torna eficaz, atuante e realizadora a força do fermento novo que os paradigmas em construção trazem em seu bojo, e que só é percebida por todos quando se faz história já vivida. É só nesse

instante que cessam as desconfianças dogmáticas e as inseguranças existenciais e políticas, demonstrando mais uma vez a veracidade do provérbio que diz: "é caminhando que se faz caminho".

O tema que me foi confiado é uma demonstração evidente de que esse modo de pensar a realidade já entrou na teologia.

3. Contribuição do presente artigo

Meu objetivo aqui não é fazer as vezes de um futurólogo que no fundo é uma espécie de vidente mais sofisticado. Meu propósito, ao aceitar o tema, é outro. pretendo partir de uma plataforma mais intuitiva, usando minha experiência de observador participante e também de analista das transformações em curso na Igreja e na Vida Religiosa. De modo algum prometo ao leitor um modelo da VR do futuro. Estou até convencido de que não existirá "um" modelo futuro, a exemplo do que aconteceu durante mais de um milênio, em especial na Europa e no Oriente. Minha hipótese de partida é que o futuro terá um rosto plural também no que toca à Vida Religiosa. Considero a situação de tal maneira fluida que prefiro me ater ao que vivenciei na América Latina, circunscrevendo minhas observações mais a VR apostólica masculina e feminina. As hipóteses apontadas estão aí para um debate. Certezas maiores só as obteremos à medida que o caminho for sendo feito.

Saliento, também, que não falarei como teólogo. Essa função está sendo assumida aqui por outros colegas. Falar em modelos culturais é próprio do sociólogo, do antropólogo, do psicólogo e do historiador. É mais desse ângulo que pretendo colocar-me. Como cristão e religioso que se dirige a um público de mulheres e homens provados na experiência da fé, quero estar aberto e atento às surpresas e aos sustos que o Espírito nos prepara nos meandros

3
C
I
B
E
P
E
N
O
C

da história. É essa, parece-me, a melhor maneira de dar uma contribuição útil embora modesta à discussão tão oportunamente proposta por essa XXIII Semana para Institutos de Vida Consagrada. Como todos os participantes do debate, parto do pressuposto de que é o Espírito quem vai conduzindo a VR à objetivação do carisma a ela entregue para o bem da Igreja. Em cada conjuntura histórica Ele a converte, "da cappa", ao Evangelho de Jesus, guardando sempre a fidelidade à tradição essencial.

Só por essa via poderemos perceber como e por que uma vida como a que levam hoje as Religiosas inseridas nas grandes favelas das cidades latino-americanas, tão distante sociológica e culturalmente da vivida por Antão ou Pacômio, é fruto de um só e mesmo impulso que vem do coração do próprio Deus, que é Trino e habita com seu amor nossos caminhos e esperanças.

A exposição se fará em três pontos maiores. No primeiro deles buscará contextualizar melhor a questão da construção do modelo de VR. E esse processo será situado em relação aos seus condicionamentos histórico-culturais e aos modelos de Igreja ora em construção, dentro da originalidade do que vivemos no "continente da esperança", logo, do futuro.

No segundo momento, se voltará para a crise de identidade que está levando também a VR latino-americana a pensar na necessidade não apenas de se renovar, mas também de "se refundar", indo até a raiz do projeto evangélico para recriar desde aí uma nova figura histórica.

O terceiro ponto conduzirá ao que mais interessa aqui, ao levantamento dos elementos existentes para a construção de um (ou mais) possível modelo (ou modelos). Ao lado de algumas convicções pessoais exporemos algumas "quaestiones" que poderiam ser chamadas de "disputatae".

B. ANÁLISE

I. CONTEXTUALIZAÇÃO DA QUESTÃO

1. Concepções de Igreja e modelos de VR

O Concílio Vaticano II foi eminentemente eclesiológico. O mistério da Igreja, povo de Deus que pela comunhão se faz sacramento da salvação e da unidade do mundo, voltou a ter um lugar central na teologia, ganhando uma base bíblico-teológica de grande fecundidade, antes bastante obscurecida pela eclesiologia centrada no conceito canônico de "societas perfecta". Com isso, como bem o comprova a "Gaudium et Spes", a Eclesiologia voltou a dar espaço à história enquanto lugar teológico fundamental na explicitação do projeto de Deus. Quase que automaticamente o modelo medieval-tridentino, que nascera de um progressivo processo de absolutização ("uma" figura era absolutizada como a "única" figura) e de abstração (o que era concreto, passava a ser definido no nível da abstração a-histórica), perdeu sua validade como referência exclusiva. Surgiu a necessidade de outro "tipo ideal" de Igreja, como diria M. Weber.

Os teólogos viram-se, assim, obrigados a conceber e a aprofundar a questão da relatividade histórica dos modelos e a considerar a possibilidade de outros modelos. O "modelo" do Vaticano II estava ali, com sabor de novidade, e não era possível negar que punha em xeque a figura histórica do anteriormente existente, numa demonstração evidente de sua inutilidade, como referência para a configuração sócio-histórica. Deu-se, então, um choque de modelos que ainda não foi inteiramente solucionado. Teorizações como a de Avery Dulles se refletiram imediatamente também na América Latina, onde, por várias ra-

zões, a recepção da Eclesiologia conciliar provocara um forte dinamismo renovador na Igreja, com apoio decidido e liderança do próprio Episcopado. Em Medellín, esse assumiu os desafios concretos da realidade de injustiça, como interpelação do Espírito para a implantação das diretrizes vindas dos decretos conciliares. J.B. Libânio descreve com rara maestria o significado dessa reinterpretação global. A ele se associaram outros nomes eminentes da teologia. Qualquer pessoa bem informada sobre a Teologia Latino-Americana sabe que boa parte desse esforço analítico se fez no âmbito das Conferências de Religiosos, uma vez que a VR, após certa vacilação inicial, assumiu com entusiasmo os rumos indicados por Medellín. Não é, pois, de estranhar que, rapidamente, da reflexão sobre os modelos de Igreja se tenha passado à reflexão sobre os modelos de VR. Na realidade é íntima a conexão entre ambos. A VR sendo uma grandeza essencialmente eclesial não pode ser senão um reflexo da Eclesiologia e uma dimensão da sua concretização em um dado modelo.

A construção de um modelo de VR não possui implicações diretas com o futuro. Mas as condições que foram plasmando o encaminhamento da renovação teológico-pastoral interna e externa da VR trouxeram consigo o confronto com a direção a ser dada em relação ao futuro. Havia o choque de tendências, havia uma rápida mudança nas circunstâncias político-sociais e havia, ainda, a consciência crescente de que a opção evangélica pelos pobres, por causa de seu caráter de interpelação profética, estava carecendo de uma definição nova quanto ao futuro. Também na A.L., modelo e futuro passaram a ser vistos quase como que uma só coisa. Perguntas como a de J. Füllenbach ("Como será a VR no ano 2000?") ou a das duas Conferências de Religiosos e Religiosas dos EUA ("Como será a VR no ano 2010?") (6) passaram a ser cada vez mais freqüentes nos ambien-

tes de reflexão e no cotidiano da VR latino-americana.

2. Condicionamentos socioeclesiais do modelo

Os anos 80 viram o recrudescimento da pressão neoconservadora sobre a VR. O ímpeto entusiasta dos pioneiros da inserção nos meios populares e da participação direta na vida e na pastoral das Igrejas locais começou a sentir os limites teóricos e práticos do que eles propunham. A esmagadora maioria dos capítulos gerais de renovação acolhe as propostas que vieram da A.L., em alguns casos com muita alegria e esperança. Isso, porém, na vivência cotidiana, não trazia luz para certas contradições que começaram a aparecer.

O que se dava na A.L. não coincide com a evolução acontecida nos países do Primeiro Mundo. Vejamos o caso dos EUA, nossos grandes vizinhos do Norte, uma Igreja de imigrantes que logrou se impor e construiu em pouco mais de 100 anos um verdadeiro império que tinha no disciplinado exército de Religiosos e Religiosas sua "force de frappe". O caso americano tem a vantagem de ser bem documentado do ponto de vista dos modelos (7).

Para alguns analistas, como Joan Chittister, o movimento de desconstrução da VR suscitado pelo Concílio fez com que a VR, buscando uma maneira diferente de se relacionar e de atuar na moderna cultura urbana dos Estados Unidos, assumisse como estilo o que lhe era oferecido pelo "modelo liberal". Ao lado de traços positivos foi assimilado amplamente o individualismo característico do "Way of life" estado-unidense. Também aqui não foi uma assimilação igualmente abrangente em todos os casos. Mas trouxe prejuízos para os objetivos da comunidade, uma vez que a convivência interna do grupo e a linha da missão comunitária passaram a ser subordinadas a projetos de cunho mais indivi-

dual. Os conceitos referentes a quase todos os aspectos da VR sofreram a influência da passagem de um modelo rígido e homogêneo para um outro pluralista, tolerante e secularizado, centrado mais na subjetividade que na missão com suas exigências.

Arbuckle fala de "modelo terapêutico", uma vez que o projeto se volta mais para a cura de mazelas dos indivíduos do que para os interesses que justificam a existência da comunidade. Dá-lhe, com certa ironia, também o nome de "me-teistic model", vendo-o como não correspondente com que a VR é e se propõe. Arbuckle reconhece que essa ênfase nas necessidades do "self" e na permissividade quanto à aceitação ou não do proposto pelo meio cultural envolvente era uma espécie de reação necessária ao isolamento e à despersonalização a que eram submetidas as pessoas no modelo anterior. Esse mesmo modelo tinha um cunho "ascético" ritualizado e absolutizado, sem nenhuma concessão ao consumismo tão característico da sociedade e cultura norte-americanas. O modelo "liberal" tem a vantagem de dar valor às pessoas e ao relacionamento, até caloroso demais, entre elas, na comunidade. Também abre espaço para a espiritualidade, porém, essa é buscada um pouco por toda a parte, tendo como seu eixo anseios e subjetivismo um tanto ambíguos. O calor aconchegante desse clima comunitário-espiritual personalizante acaba por levar risco ao que Arbuckle vê como o dinamismo mais importante na construção de um modelo evangelicamente válido para o futuro, capaz de assimilar e reorientar os valores já adquiridos ao longo dos últimos anos: o modelo da "comunidade-missão" (8). Esse poderá, nos termos da moderna cultura norte-americana, potenciar o profetismo missionário que constitui, em última análise, o cerne substantivo da Vida Religiosa apostólica.

Nesse modelo de comunidade-missão postulado por Arbuckle, a experiência pessoal e comunitária de Jesus Cristo ocupa o centro. É ela que faz cada pessoa abrir-se e aderir livremente às necessidades do mundo, renunciando às próprias, no que for preciso, em favor do projeto missionário coletivo. Daí advém um clima humanamente motivador de acolhimento e dinamismo para dentro e fora, sem violências ao que é pessoal e ao que é comunitário. Simultaneamente tal modelo ideal é capaz de ser aquela "terapia de choque" profética de que falava Metz, considerando a situação da Vida Religiosa da Europa Central.

3. Caminhos latino-americanos para um novo modelo

A Vida Religiosa da América Latina, à época das "pequenas comunidades" (anos 60), conheceu a tentação de buscar sua renovação a partir de uma aceitação unilateral dos valores e estilos da burguesia liberal. Esse modelo "liberal" existe ainda, por baixo de uma linguagem quase sempre renovada. Aqui os objetivos individuais têm a primazia. O que interessa, em primeiro lugar e em sentido excludente, é a realização pessoal no plano afetivo-sexual, profissional, cultural, grupal etc. Ou, então, os objetivos estruturados do grupo: suas obras, sua instituição. É claro que esses elementos "liberais" têm sua validade e não podem ser descartados de antemão. Seu perigo consiste em encerrar a pessoa e a comunidade em uma mentalidade determinada pelas obras da instituição e pelo estilo de vida (de classe média) que acaba funcionando como um condicionador das atitudes, da espiritualidade e do comportamento, tornando muito difícil à pessoa ou à comunidade rever suas obras e abrir seu projeto de vida e de missão ao desafio maior que a Igreja e a Vida Religiosa sentem existir hoje na América Latina: a evangélica opção pelos pobres.

A Vida Religiosa deve à opção pelos pobres o seu despertar profético-carismático e missionário. Essa opção, pensada e vivida à luz da prática de Jesus, ajudou imensamente a descobrir a parcialidade de Deus ao revelar-se em sua Aliança, desde o Antigo Testamento. Deus quis fazer dos pobres os destinatários privilegiados da Boa Nova e o critério para discernir a presença ou ausência do Reino. A Teologia da Vida Religiosa elaborada na América Latina vê nos pobres o critério para o julgamento também dos modelos de Vida Religiosa. São os pobres, ouve-se com frequência na América Latina, que nos evangelizam, que nos mostram os caminhos do seguimento de Jesus.

Por essa razão aos Religiosos(as) latino-americanos nos interessa mais um modelo solidário com a causa dos pobres do que um outro (que tem sua validade) cujo centro de interesse sejam as questões que vêm da modernidade, do mundo liberal, culto, rico e bem alimentado. Se existe na América Latina um modelo que serve de referência para todos, vivam na inserção direta ou em qualquer outro contexto sócio-econômico ou profissional, é o modelo centrado nessa causa dos pobres. Essa é a causa e o critério para a definição da qualidade evangélica das modalidades possíveis e desejáveis de vida, missão, espiritualidade e organização dos Religiosos e Religiosas.

A Vida Religiosa *inserida* é “uma” dessas modalidades. Não é a única, mas tem uma função importante de clarificação para a maioria que não vive na inserção direta.

Há alguns anos existia um quase conflito entre inseridos e não-inseridos. Essa fase está passando, por vários motivos. Principalmente pelo diálogo que se estabeleceu paulatinamente entre as partes, levando todos a uma atitude de positiva misericórdia para com os mais pobres. As

perseguições pelas quais a Vida Religiosa inserida passou colaboraram bastante para a sua purificação. A dimensão político-libertadora que levava a muitos desentendimentos foi adquirindo características mais amadurecidas devido ao processo de democratização da maioria dos países e em razão da distensão das posições revolucionárias. A Vida Religiosa inserida ao descobrir o universo ainda pouco explorado das culturas e da religiosidade popular encontrou um campo exigente para a conversão e encarnação mais radical nos meios populares.

Hoje já quase não se vê, entre os inseridos, o otimismo um pouco auto-suficiente de antes, que deixava irritados a outros setores da Vida Religiosa. A Vida Religiosa inserida passa por certa crise: há retração e desânimo entre muitos. Alguns falam de um “inverno” que se abateu sobre os movimentos populares, as CEBs e as pastorais sociais. Mas a VR inserida amadureceu. Faz hoje parte da Vida Religiosa em seu todo. A ponto até de alguns temerem que ela tenha sido cooptada e esteja correndo o risco de perder o seu sal renovador.

A situação vivida hoje por esse modelo inserido tem duas origens. Há, primeiro, o fechamento do sistema econômico e político em torno do *modelo neoliberal*. Para milhões e milhões de pobres da América Latina a acelerada implantação desse modelo está significando uma exclusão ainda mais crassa com relação a uma possível melhoria de vida. O povo se vê cada vez mais sem alternativas. Corre o perigo de perder sua capacidade de esperar ativamente e de agir politicamente com perseverança, enfrentando a opressão estabelecida em todos os níveis. Os anos 90 trouxeram para os movimentos populares e para as CEBs um clima muito distinto do experimentado nos anos 70 e 80. A impressão que se tem é de um sentimento geral de apatia política e silencioso desespero. Há desânimo e há medo quanto ao futuro. Há desmobiliza-

ção com um conseqüente recuo para posições de salve-se quem puder. Resultado final: descrença e cinismo ante as mudanças; violência individualista, aceitação do "status quo", passividade. A religiosidade se volta para a busca intimista do consolo e do milagre.

Em segundo lugar constata-se na sociedade e nas Igrejas (não só na Católica) uma retomada *neoconservadora*. No vazio sócio-político-religioso provocado pela ausência de propostas de mudança, firmam-se os projetos e os sentimentos de origem neoconservadora. O neoconservadorismo é distinto do tradicionalismo rançoso das elites políticas e/ou de décadas atrás. Ele incorpora em si muito do moderno e não só em termos de linguagem. Mas é basicamente uma reafirmação da prevalência do que é contínuo na Tradição. Por essa razão tende a se firmar na instituição e na autoridade, embora revendo a ambas. Não está excluído que ao longo do processo o lado "moderno" do neoconservadorismo político ou religioso seja obstruído e silenciado por seu lado "tradicional" e mesmo reacionário. Há na Europa de hoje vários indícios dessa tendência, até entre a juventude que retorna em alguns setores a posições neofacistas reacionárias e violentas. Os neoconservadores são modernizantes no que toca a economia: prometem o fim da recessão, da inflação e do desemprego através da integração no mercado internacional. É o caso do Chile e do México; são os projetos do Nafta e do Mercosul. Nas questões políticas e sociais, esse neoconservadorismo é mais reticente: rejeita, aparentemente, as ditaduras, mas impõe uma ordem global, também jurídica, que torna possível a participação democrática e o exercício da cidadania apenas para certos grupos mais privilegiados. O sistema político e social é pensado só em função dos que se situam dentro do espaço do "establishment". No que tange à cultura, aos valores e aos costumes, esse neoconser-

vadorismo é mais nitidamente conservador. Só que de um conservadorismo de cara nova, pois não ataca reacionariamente o sistema; aceita-o e o endossa. Questiona, porém, os excessos desse modelo, argumentando desde uma ética cujos valores têm a ver parcialmente com a herança judaico-cristã do Ocidente.

Nessa ótica têm cabido, por exemplo, os direitos, em especial os individuais, a preocupação com a ecologia e a espiritualidade, a defesa da moral pública, o feminismo, a afirmação das minorias etc. O que se advoga é um casamento quase impossível entre o liberalismo de mercado (que é sempre protecionista) e uma ética (que tende perigosamente para o puritarismo individualista).

Esse neoconservadorismo avançou ultimamente no campo das religiões, tanto entre as religiões históricas quanto no meio dos movimentos "sectários" de todos os tipos que invadiram os ambientes urbanos do mundo inteiro. Há uma modalidade mais "dura", tendencialmente fundamentalista e fanatizante, e outra mais "light", que se volta para o interior da experiência de Deus, buscando harmonias e integrações. Não é difícil identificar inequívocos traços desse neoconservadorismo nos arraiais da Igreja Católica. Seria errôneo supor tratar-se tão-somente de um movimento em algumas cúpulas episcopais e/ou nos centros de decisão. É algo que vem mais de dentro da onda cultural do momento vivido pela Europa e pelo Ocidente como um todo. Na América Latina, o formidável crescimento do "pentecostalismo católico", que já suplantou numericamente, de longe, as CEBs, é, em meu parecer, claro indício dessa tendência no seio das classes médias urbanas e também em alguns setores populares da Igreja Católica. Há unanimidade entre os observadores na verificação desse fenômeno na orientação implementada pela direção do CELAM há quase duas décadas, apesar de existir ain-

da o fermento Medellín, em todos os níveis da Igreja e também no episcopado, como o demonstrou Santo Domingo. Aí, apesar de todas as Comissões terem sido escolhidas a dedo em um sentido neoconservador, o plenário de Bispos demonstrou repetidas vezes que Medellín não pode ser virada como página passada da história.

O "affaire" CLAR, em seus vários capítulos, prova que a orientação vivida na e pela Vida Religiosa da América Latina tem poderosos adversários nos arraiais neoconservadores e tradicionalistas. Agora, após três anos de "intervenção", chega ao fim esse período de exceção. Não se deve supor que com isso o problema de fundo esteja resolvido. Aliás, esse problema de fundo não foi sequer seriamente discutido e encaminhado por ambas as partes. É um problema que tem a ver com o futuro modelo que se faz necessário. Muito caminho resta à frente para ser andado antes que se esclareça. É uma questão histórica que não se resolve só com medidas políticas e boa vontade.

Não houve ainda tempo para a maturação histórica do modelo. Em termos de cúpula é forte a pressão neoconservadora vinda de setores do episcopado (e não dos Superiores Gerais e das Congregações). Na base da Vida Religiosa há o desejo de continuar trabalhando os materiais que já estão às mãos, apesar da conjuntura menos favorável dentro e fora da Igreja. Terminada uma fase mais otimista e positiva, aproxima-se a "hora da verdade". A "verificação" da validade do caminho já palmilhado dependerá da vitalidade e validade evangélicas intrínsecas à Vida Religiosa mais do que de pressões externas à ela, por mais que essas pressões possam trazer obstáculos objetivos e vacilações subjetivas.

É por demais conhecida a maneira criativa com que a Igreja da América Latina (e dentro dela a Vida Religiosa) assimilou

e elaborou a semente plantada pelo Concílio. A Vida Religiosa levou certo tempo para sensibilizar-se a esse movimento. Quando o fez, foi com determinação e coragem. Objetivamente falando, o processo renovacional foi assumido mais pela Vida Religiosa feminina do que pela masculina. Nessa última, a prevalência do ministério sacerdotal sobre o carisma religioso e a força interna do sistema clerical dificultam até hoje uma revisão mais funda da identidade religiosa das Congregações masculinas e de seu papel na Igreja e na Sociedade. Apesar de tais limitações, a Vida Religiosa toda experimentou o sopro forte das renovações da Igreja, das CEBs e da pastoral de conjunto. Foi elaborado "um novo modo de ser religioso(a)", surgiu uma teologia até certo ponto original de pensar o seguimento de Jesus em um contexto de injustiça social dilacerante. A espiritualidade se renovou, recentrando-se na prática de Jesus e na caminhada de sua Igreja no hoje da história. Não é aqui o lugar de se escrever essa aventura do Espírito. Ela tem seus "referenciais proféticos", como escreve Marcello Azevedo, na inculturação, na libertação e na inserção. Caracteriza-se pela luta em prol da justiça, pela simplicidade, pela presença feminina e pela dimensão laical. No seu cerne mais profundo situa-se a opção pelos pobres, por causa do Evangelho de Jesus. Esse Conjunto "é vivido à raiz de uma identidade trinitária, cristológica e eclesial. Traduz-se por uma práxis missionária, apostólica e pastoral" (9).

À eclesiologia e à concepção teológica subjacentes a esse modelo, Victor Codina dá o nome de "libertadora", reconhecendo ter sido ela decorrência da "moderna" visão teológica e eclesiológica sancionada pelo Vaticano II. O modelo supõe a Igreja enquanto "un pueblo nacido en el éxodo y que camina hacia su liberación. La Iglesia es sacramento de salvación, pero que tiene en la Iglesia de los pobres su forma histórica, visible y concreta; Iglesia que dialoga

con el mundo, pero sobre todo con el mundo de los pobres y camina hacia la escatología, pero deseando anticipar ya signos de vida en la historia. Su sujeto social és el mundo popular y de los pobres, la persona reducida a condiciones inhumanas de vida, campesinos, mineros, sectores suburbanos, el indio, el negro, la mujer... este modelo eclesiológico recoge lo mejor de la tradición profética de toda la historia de la Iglesia y de la Eclesiología bíblica y patrística, recuperando incluso elementos que el Vaticano II no pudo llegar a plasmar” (10).

Foi essa chave de compreensão “libertadora” que empurrou a Vida Religiosa em direção ao mundo dos pobres reais, dos quais ela guardava prudente distância sociológica no modelo surgido após o I Concílio Vaticano. No período que vai de 1870 a 1960, aproximadamente, a Vida Religiosa européia foi transplantada para a América Latina por dezenas de Congregações que acompanhavam os milhões de migrantes europeus, dando origem a uma Vida Religiosa comprometida com as classes sociais que começavam a se formar no bojo da modernização latino-americana. É a esse modelo — de obras poderosas, dedicadas mais aos meios urbanos e à população branca de classe média — que Medellín vem se contrapor. Esse modelo é fruto de “uma opção preferencial pelas classes médias” feita, não muito conscientemente, na virada do século passado. Por debaixo dele existia uma opção política nem sempre explícita, e foi essa que fez da Vida Religiosa mais uma aliada dos grupos em processo de ascensão social do que dos ex-escravos que àquela época estavam sendo liberados do cativeiro, e no Brasil por uma lei de 1888. Por esses a Vida Religiosa fez muito pouco até o presente.

Existe já um modelo?

O itinerário já percorrido permite afirmar que a América Latina já tem um modelo histórico novo de Vida Religiosa?

Não é essa nossa opinião. Temos em mãos apenas os materiais da construção. Essa, enquanto tal, depende ainda de variáveis imponderáveis, situadas fora e dentro da Vida Religiosa. Toda a América Latina se acha mergulhada em uma crise global. O término do ciclo militar e o processo de democratização iniciado em quase todos os países estão longe de ter chegado ao fim. Reina a instabilidade político-social. A indefinição da economia só tem se agravado no ciclo neoliberal imposto pela economia unificada em blocos de interesse, provocando estrangulamentos que atingem de maneira direta a parte mais miserável da população. É uma situação de perplexidade e de indefinição. O modelo que está sendo imposto em virtude da reordenação político-econômica do mundo deixa ainda mais órfãos os pobres, roubando-lhes qualquer espaço e perspectiva de ação para um câmbio social de acordo com seus reais interesses. Tal situação indefinida e tensa atinge também a Igreja. Era-lhe mais fácil manter uma linha definida de ação na fase das ditaduras militares, na qual a democracia havia sido largamente amordaçada. Nesse momento de redemocratização dá-se uma secularização política. O papel da Igreja parece ter-se encolhido. Tudo isso é sentido pela Vida Religiosa da América Latina, também ela perplexa quanto a alguns aspectos do modelo que vinha se firmando, calcado na opção pelos pobres.

Não se deve também olvidar a complexidade da América Latina. Ela não é uma realidade homogênea. Sempre foi plural étnica, cultural e politicamente. A América Latina tem muitos rostos. Não se notam em seu interno nacionalismos como os observados em outras partes do mundo, mas o crescimento da consciência de nossa realidade tem despertado em nós uma visão mais crítica dessa nossa diversidade interna. A Vida Religiosa ao se tornar sensível aos reclamos de cada cultura, às peculiaridades de cada povo, de cada situa-

ção humana, passou a sentir uma dupla necessidade que é contrastante. De um lado é preciso estabelecer uma "unidade" latino-americana, o que demanda estruturas e hábitos de intercâmbio e diálogo dentro das Congregações e entre elas; de outro lado, impõe-se o mergulho inculturado em cada situação específica, o que postula uma "diversidade", não apenas decorativa e folclórica, entre modelos locais de Vida Religiosa.

Outro aspecto que torna complicada a definição do modelo latino-americano são as obras herdadas. É um verdadeiro império constituído por milhares de colégios, hospitais, asilos, obras assistenciais de todo tipo, paróquias, conventos etc. Em época ainda bem recente cabia aos Religiosos(as) que desembarcavam dos navios europeus uma função social de grande responsabilidade e extensão nos campos acima citados. Hoje essa função social foi amplamente assumida pelo Estado. Surgiu também, nos setores de serviços rentáveis, uma concorrência forte da parte de empresas privadas de ensino, saúde etc. O resultado final desse processo secularizante é que a Vida Religiosa acabou sendo apertada contra a parede. O imenso sistema herdado passou a ser uma espécie de elefante branco, de difícil destinação. O novo modelo não pode, por razões sociológicas e por responsabilidades históricas, ignorar um fato tão marcante. Que destinação deve ser dada a esse patrimônio à luz da opção pelos pobres? É evidente que uma ida em massa aos bairros e situações de pobreza, além de inviável e pouco provável, não resolveria esse dilema. A solução mais responsável está na reorientação das finalidades e do estilo dessas obras, mas tudo isto é de grande dificuldade na situação que estamos vivendo. As políticas governamentais, em muitos países, e a pressão do mercado neoliberal tornam-se obstáculos quase intransponíveis.

Ulterior problema é a extensão que o modelo de inserção, tomado em seu sentido mais restrito, deveria assumir. A Vida Religiosa inserida é para todos os efeitos uma conquista adquirida e o foco de iluminação mais poderoso do novo modelo que se busca construir. Mas ela não se refere a todos. Antes, se destina a relativamente poucos. Essa "minoría abraânica", como gosta de falar Mons. Helder Câmara, tem uma função sinalizadora, mas não recobrirá a totalidade do modelo. Hoje já não é hostilizada, já foi aceita, já exerce um papel dinamizador positivo na maioria das congregações. Mas como uma espécie de vanguarda que é, ela não pode atender a todas as exigências da maioria que está à retaguarda.

Por essas e outras razões, "o" ou "os" modelos não existem ainda. Alguns chegam a se perguntar: existirão algum dia? A realidade de hoje na América Latina permite modelos? Serão eles úteis ou nocivos a um desenvolvimento razoavelmente orgânico e sadio, em meio a uma situação cheia de limites e contradições?

Cresce o número dos que falam em "uma encruzilhada histórica" da Vida Religiosa. Para Carmelita de Freitas(11) "la imagen de la encrucijada viene surgida por factores de orden psicológico, sociológico, cultural, y estructural endógeno... que ponen a descubierto la verdadera naturaleza del impase en que se encuentra actualmente la Vida Religiosa. Lo que parece estar en juego son los propios limites (y sus causas) de la renovación llevada a cabo a lo largo de esos años".

II. CRISE DE IDENTIDADE E REFUNDAÇÃO DA VR

1. Renovação ou refundação?

Nos países católicos do Primeiro Mundo, a questão da sobrevivência quase

que física do modelo é central para muitos institutos religiosos. Na França, Holanda e Canadá, por exemplo, as estatísticas indicam que se caminha para verdadeiros becos sem saída. Buscar vocações na Ásia, África e América Latina pode ser uma saída pela tangente. Ao invés de aprofundar a análise do novo modelo, pode tornar mais evidente que a Vida Religiosa perdeu em definitivo sua inteligibilidade na cultura ocidental moderna e pós-moderna. Seria uma escamoteação da "crise" em curso. É essa em toda a sua crueza que precisa ser assumida e vivida como lugar da recriação do que precisa, pode e deve ser recriado, pois é dom precioso de Deus, passível de ser reinventado nas mais diversas circunstâncias.

Na visão do antropólogo e teólogo Marcello Azevedo "crise é uma palavra-chave para caracterizar todo o processo subjacente à transformação profunda que acontece na Vida Religiosa. Crise é fenômeno inerente à condição humana. Numa perspectiva antropológico-cultural e psicossocial, 'crise' é uma situação ou circunstância em que um sistema histórico (um povo, uma nação, uma sociedade, uma cultura, uma instituição, uma empresa, uma universidade, uma ordem religiosa) toca um ponto de sua evolução no qual o efeito cumulativo de suas contradições internas lhe torna impossível resolver seus problemas e dilemas através apenas de adaptações ou ajustes, mantido o quadro de seus princípios ou critérios, modelos e padrões institucionais (I. Wallerstein). É uma situação, pois, na qual é claro e certo ou o imperativo da transformação, ou o declínio e desaparecimento de tal sistema histórico. Em consequência, os que constituem ou conduzem o sistema ou os que dele participam se encontram diante de uma opção real e de uma decisão incontornável. Devem responder à pergunta: que tipo de novo sistema histórico criar ou construir?" (12).

Ora, essa é a situação em que se encontra a Vida Religiosa, enquanto modelo

histórico cuja validade atravessou os séculos. Houve alterações importantes, mas essas não punham em questão a credibilidade da validade do modelo em seu todo, a ponto de se tornar necessária a introdução de palavras como "caos" e "morte" para designar o que está acontecendo (13). É um fenômeno diferente do que no passado levava ao desaparecimento dessa ou daquela congregação específica. É uma crise global e radical. Ela exige uma "refundação" igualmente radical e global do edifício da Vida Religiosa em seu todo. Restaurar o passado, com base na seiva sadia, sempre presente, já não representa uma solução, dada a evolução do processo histórico. É necessário "refundar" a Vida Religiosa. Essa é para Arbuckle a única via que tem futuro. A "refundação" se faz urgente como resposta honestamente evangélica à crise. A crise contém em si uma energia potencial de transformação e renascimento, na perspectiva cristã: Essa energia evangélica não se destina apenas ao redirecionamento interno da Vida Religiosa, embora o suponha necessariamente. Os valores fundantes da fé e do Evangelho devem entrar em ação interativa com os grandes temas que preocupam, problematizam e abrem perspectivas para a humanidade hoje. Questões como a *crescente busca religiosa* em um mundo cada vez mais secularizado e mais sujeito à tecnologia, o progressivo empobrecimento de, ao menos, metade dos seres humanos, a dominação cultural sobre povos e culturas, a da construção da paz solidária em um mundo de violência, bem assim questões como a vivência da sexualidade, a da defesa da vida e da ecologia, a participação de todos no exercício democrático do poder etc., só podem encontrar pistas de solução e encaminhamento através de uma revisão drástica das estruturas de produção, organização, distribuição e comunicação dos bens entendidos em sentido amplo. Uma ordem mundial nova se faz urgente, como insiste o Santo Padre em sua pregação.

Ora, a construção dessa ordem solidária de arco mundial chama em causa a Igreja e, nela, de maneira peculiar a VR que representa a estrutura mais internacionalizada e mais unitária que a Igreja possui. Ela pode, se recriar seu modelo, trazer uma contribuição valiosa à ação da Igreja, das Dioceses, dos Leigos, dos Bispos com os Presbíteros para uma presença evangelicamente nova do fermento do Reino nesse vasto leque de desafios enfrentados pelos povos e pela humanidade no limiar do III milênio da era cristã.

Nesse contexto cabe bem a expressão “refundar” a Igreja e a VR, pois só uma palavra nova pode nos ajudar a perceber a enormidade das tarefas e dos riscos envolvidos na “renovação” postulada pelo Concílio, nos idos dos anos 60. Diz Arbuckle, procurando esclarecer o neologismo muito em voga nos países de língua inglesa: “a frase *renovação da Igreja* já não serve mais adequadamente para recobrir a vastidão do desafio à nossa frente. Por essa razão falo de um processo de refundação da Igreja, isto é, de uma busca e implementação de novas maneiras de trazer ao mundo a Boa Nova da fé e da justiça. É um processo que tem mais afinidade com o de um renascimento, como o da Fênix, do que com essa atmosfera gentil e tranqüilizadora que a expressão “renovação” passou a significar... Pessoas que se dedicam à refundação não são antitradicionais. Ao contrário, reconhecem como sendo a mais desafiadora tarefa dos dirigentes da Igreja guiar esse árduo, desigual e interminável movimento de adaptação da mensagem do Evangelho a uma sociedade em mudança permanente, sem romper ou destruir o sentido de continuidade com o passado, a qual nos possibilita chegar às raízes de nossa identidade” (14).

Afirmar validamente a continuidade equivale a não negar o caráter “caótico” da presente situação. Essa palavra precisa ser entendida em seu sentido bíblico e

pneumatológico, tão presente no Gênesis e Dêutero-Isaías e bem conhecido de Jesus e de seus discípulos. Para Arbuckle a compreensão do caos é pré-condição para a refundação. Caos designa o “colapso cultural, em geral repentino, que desintegra a rede de sistemas de significados (símbolos, mitos e rituais) de um povo. Como resultado das inseguranças e incertezas provocadas por esse caos, as pessoas se sentem paralisadas, confusas, irritadas e perdidas” (15).

A VR sente tais reações ante a situação caótica a que o Espírito a está impelindo. A atitude espiritual exigida da VR passa por esses sentimentos de amargura e encolhimento sobre si própria. Não pára contudo nessas reações primárias, por mais humanas que possam ser. A fé, a esperança e o amor, virtudes batismais que o Religioso(a) deve viver intensamente, em virtudes do carisma por ele recebido, abrem a possibilidade de recuperar, no meio da crise, um sentido novo que vem do Espírito. Uma atitude “nova”, ensinada pela lição da história, é aquela “velha” virtude dos que conhecem desde dentro o mistério da morte e da ressurreição do Senhor. É uma atitude de “minoridade”, de consciência da própria fragilidade e da radical confiança na força de Deus.

2. Crise de identidade social na A.L.

É de J. Grindel, um dos participantes da monumental pesquisa sobre o futuro da VR nos Estados Unidos, realizada sob a orientação da Nygren e Ukeritis, a seguinte observação: “a dificuldade mais básica encontrada foi a da perda da *identidade social* por parte dos religiosos” (16).

Para saber se também na A.L. existe um fenômeno análogo de perda da identidade social, há que esclarecer primeiro o que é identidade social da VR. É “a compreensão do modo como a VR, enquanto instituição social, se correlaciona com a

Igreja e com a Sociedade, entendidas em seu sentido amplo” (ibid). Muito frequentemente os Religiosos têm dificuldade em captar esse conceito. Costumam encarar a crise de identidade apenas como algo que se dá no nível dos indivíduos, como expressão de sua personalidade. Ou, indo um pouco além, ligam o conceito a fenômenos que estão se dando fora das pessoas no campo social. Nesse sentido, por exemplo, na A.L. muitos chegam a perceber que opções pessoais difíceis como a tomada por Leonardo Boff são mais do que um acontecimento isolado, de foro íntimo. Na atitude de uma pessoa está tipificado algo mais amplo e mais geral.

O conceito de identidade social vai mais além. Refere-se a dados e condições da natureza objetivamente sociológica. Fala de uma crise que abrange a instituição, ao processo social de sua construção sociológica.

Que na A.L. se dão crises psicológicas e psicossociais, todos o sabemos. Que essas crises de indivíduos possam mostrar as inconsistências também da instituição, igualmente o sabemos. Mas estará acontecendo na A.L. uma crise institucional do edifício socialmente construído de sua figura? Eis a questão.

Minha hipótese é que tal crise está se dando. Existe uma anomia social quanto ao modelo. Mas não é bem o que é descrito na pesquisa norte-americana. Minha impressão é que a A.L. já percebeu o rumo e já possui os elementos. Falta-lhe tempo suficiente para a “verificação” do modelo intuído, já lançado e já aceito, por mais lacunas que ainda possa apresentar. É um modelo realmente *alternativo* ao anterior. Responde melhor à situação de violência e opressão da sociedade latino-americana e corresponde aos apelos do Evangelho. Mas precisa passar, ainda, pelo crivo da verificação histórica que é o único capaz de sancioná-lo e de dar-lhe consistência enquanto histórico e institucional. Aqui não

adiantam os voluntarismos teológicos, nem o ardor missionário. A identidade social é fruto de processos lentos e só com paciência histórica é que se pode fazer sua verificação.

A A.L. percebe a existência de uma crise em sua identidade histórica, que pervade todos os níveis postos pela pergunta em torno da identidade. No Brasil, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) colocou como objetivo geral de seu trabalho no triênio 1992-1995 “aprofundar, em todos os níveis, a identidade da VR, no seguimento de Jesus pobre, em sua preferência pelos pobres, no dinamismo profético dos carismas específicos, em comunhão com todo o povo de Deus e os pastores, a serviço da vida, da justiça e da esperança”. Esse objetivo geral, denso em espiritualidade e teologia, é concretizado em sete ênfases e 16 linhas de ação, que estão sendo o eixo dos esforços nesse triênio. Lendo atentamente esse conjunto de apenas 2 páginas votado por 510 Superiores Maiores, por ocasião da Assembléia geral de 1992, salta à vista que o objetivo tem, no fundo, a ver com a identidade social da VR que se está construindo em nosso país.

A crise da CLAR expressa também a tensão em torno da identidade social concreta que a VR deve assumir. Os “Lineamenta”, texto da consulta inicial sobre o Sínodo dos Bispos, indicam como resposta clara que não dá margem a dúvidas o que diz o Cânon 573, citado por inteiro. Os Religiosos e Religiosas da AL são capazes de valorizar a riqueza teológica contida nesse Cânon. Mas não o vêem como de ajuda na “descoberta” e na “verificação” da identidade social a ser construída em seus países. A Assembléia geral da CLAR, no México, em 1990, pretendia investigar melhor as tendências existentes concretamente na VR do continente. Elaborou para tanto um questionário despretensioso enviado aos vários países. A Equi-

pe de Reflexão Teológica da CLAR sintetizou as respostas em um pequeno texto de trabalho. Na véspera da Assembléia a Presidência da Clar recebeu um comentário de 2 páginas, vindo da Congregação da Doutrina, em que se levantavam 29 observações negativas sobre o pequeno subsídio dos teólogos. Resultado: o texto dos teólogos não foi usado como instrumento de trabalho da Conferência.

É certo que todos estamos de acordo quanto à teologia subjacente ao Cânon 573. Mas é evidente e certo, também, que há desacordos sérios quanto à sua concretização em uma figura histórica com identidade social recriada em nosso contexto latino-americano.

Mas seria a questão apenas um reflexo da tensão entre a visão dos protagonistas principais do atual modelo de Igreja, da Hierarquia e VR? Penso que não.

A questão está dentro da própria VR. Comblin, em um comentário provocativo ao que Santo Domingo diz sobre a Vida Consagrada, tem as seguintes duras, mas reveladoras, palavras: "Quem olha a VR desde a perspectiva do mundo atual tem a impressão de que os maiores problemas são outros: irrelevância da VR para a juventude hoje, a pequena influência que exerce na sociedade contemporânea, seu débil impacto no mundo, sua ineficiência na evangelização da sociedade moderna"... "Temo bastante que o Sínodo romano deixe de lado os problemas mais agudos e se concentre na questão dos meios, sem preocupar-se em primeiro lugar com os fins, e que se contente com algumas fórmulas genéricas sem conseqüências" (17a.).

Quem vê de maneira teologicamente evangélica e sociologicamente crítica a verificação da identidade social ora em curso na AL não irá concentrar os esforços na reafirmação genérica de fórmulas, nem enfocará a atenção nos problemas intra-eclésiásticos vividos pela VR, por importantes que possam ser. Uma versão "para-

monástica" (Secondin) e canônica não é base suficiente para se projetar o futuro modelo histórico. O núcleo a ser pensado e vivido, praticado e revisto será histórico-profético e carismático-missionário no hoje da Missão da Igreja. É nesse caminho que se forjará o modo de seguir a Jesus comunitariamente na AL de amanhã.

3. O cerne do problema: uma nova "figura histórica"

Carlos Palácio via, em 1979, os seguintes pontos de estrangulamento na definição do futuro da Vida Religiosa no Brasil: a concepção da Vida Religiosa, não como essência mas em sua concretização, possuía contornos e margens sem definição. Tal falta de clareza dava origem a choques, resistências a mudanças e troca de valores. A dificuldade central residia na interpretação do sentido e corpo a ser dado ao carisma, que com isto passava a ser relido desde sentidos distintos e até contraditórios. Os esforços para afirmar e fazer crescer a Vida Religiosa acabavam levando a lugar nenhum. A Vida Religiosa era, então, tentada a voltar-se "para dentro" de si mesma, sem condições para se deixar interpelar pelo que vinha "de fora", pelo mundo que deve se constituir em referência para a definição da identidade "ad intra" (18).

Passados quinze anos, Palácio retornou ao tema com um artigo agudamente novo. Nesse texto ele se pergunta como explicar que após tanto tempo e tantos esforços envidados em prol da renovação da Vida Religiosa essa "não apresente ainda um rosto suficientemente nítido, uma "figura" convincente e significativa, capaz de expressar de maneira imediata a sua proposta evangélica" (19). Ou seja: por que a Vida Religiosa não consegue sair da "encruzilhada" em que se meteu (ou foi metida pelo Espírito)? Por que não logra, finalmente, se renovar? O difícil não é constatar os limites da renovação; o difícil mas

fundamental é descobrir as causas ou a causa responsável por esse impasse.

Ora, essa causa, para o teólogo brasileiro-espanhol, está basicamente no *esgotamento* “dessa figura histórica de Vida Religiosa, com a qual o seguimento de Jesus se identificou em um certo instante e da qual não mais consegue se desvencilhar, por razões externas e internas à Vida Religiosa. Uma figura histórica na vida de uma instituição, como também, analogamente, na vida de uma pessoa ou em torno de um acontecimento, só pode existir na medida em que possuir uma visibilidade reconhecida pelos demais através de uma série de sinais que “configuram” e tornam “reconhecida” sua identidade e sua validade. Mas toda figura histórica tem mais do que elementos configurativos externos. Ela possui uma “alma”, um conteúdo, um princípio unificador que lhe dá sentido. Ela é uma mensagem e é por essa razão que os outros a vêem, compreendem e lhe dão resposta. A atual “configuração” da Vida Religiosa é evidentemente resultado de uma certa convergência de fatores históricos que lhe deram corpo e plausibilidade social. Padece, por isso, da grandeza e do limite de toda figura histórica. É que essa, quando entra em crise e já não corresponde aos reclamos de realidade, como que separa o espírito do corpo. Desaparecem e perdem sentido as expressões que a tornavam portadora de uma mensagem viva. É exatamente esse o processo pelo qual está passando a atual figura histórica da Vida Religiosa. Ela está perdendo sua visibilidade social e sua capacidade de atração. Já não está conseguindo “passar” à Igreja e à Sociedade seu sentido mais profundo que é visibilizar a experiência do seguimento de Jesus por causa do Reino. Antes, até pouco tempo atrás, ela o lograva fazer. Essa capacidade se esgotou, em larga medida. O modelo ainda vigente é incapaz de deixar transparecer a síntese vital entre a experiência de Deus e a opção apostólica, entre a “mística” e a “missão”. Ela está se

mostrando também incapaz de assimilar o “novum” que transparece em tantas buscas atuais e no desejo e necessidade hoje sentidos de adquirir uma transparência evangélica real. Esse “novum” surpreende e desconcerta por ser irreduzível à configuração já conhecida. A tensão é irreconciliável porque outros são os paradigmas, outras as perspectivas, outros os pressupostos. “O que está em jogo não é esse ou aquele elemento isolado, é o projeto de vida em sua totalidade” (20).

A saída que Palácio vê é a assumida por Abraão, nosso Pai na fé, ao ver-se obrigado a sacrificar o filho no qual estava depositada a esperança da promessa que o próprio Deus lhe fizera. A postura que se faz necessária é exodal: “Sai de tua terra e vai... eu te indicarei”.

É preciso recriar “ab immo” a figura vigente, revitalizando-a em seus três elementos fundantes: na maneira de experimentar o Deus da Promessa; na percepção e discernimento das interpelações trazidas no seio da realidade vivida; e na opção por vias e mediações que sejam respostas aptas a sinalizarem, nos termos da cultura de hoje, o aqui e agora do Reino que esperamos no amanhã. Vista por aí, a tarefa não é só ou apenas a de “construir” um modelo e sim a de se deixar modelar pelo Espírito de Deus nas encruzilhadas históricas de nosso tempo.

C. CONCLUSÕES

I. ELEMENTOS PARA UM POSSÍVEL MODELO

Li há pouco em um jornal brasileiro (21) uma frase um tanto chocante do atual Ministro da Educação da França, François Bayron. Referindo-se à situação da educação em seu país ele dizia: “Navegamos na neblina. Assusta-me a quantidade de perguntas às quais não sabemos responder e

aquelas às quais damos respostas ultrapassadas". É o que sinto ao chegar à essa parte final de meu trabalho.

O que aqui se mostra representa mais minhas convicções e sonhos do que elementos para um verdadeiro modelo. Não vejo as coisas em preto ou branco. A dialética entre o velho e o novo, familiar a Paulo, é que irá demarcando se, e em que medida, essas convicções e esses elementos se tornarão de fato um novo modelo, uma configuração original do projeto da Vida Religiosa que outra coisa não é senão a memória viva de Jesus.

1. Algumas convicções pessoais

Os latino-americanos presentes no Congresso Mundial promovido pela USG (Roma, 1993) se sentiram muito acolhidos e encorajados pela Síntese Teológica elaborada no final do evento. A impressão geral dos participantes era que essa Síntese captava as principais posições e convicções sentidas pela VR de nosso continente. Supondo que esse texto seja conhecido, gostaria de acentuar algumas convicções pessoais que julgo partilhar com muitos Religiosos(as) da América Latina e que, com linguagem um pouco distinta, estiveram presentes no Congresso da USG (220).

Minha convicção central é que o caminho da VR no futuro será de tipo *exodal* e *kenótico*. A VR continuará sendo empurrada pelo Espírito Santo em direção à periferia, à fronteira e ao deserto. Por "periferia", entendo que ela continuará migrando das posições de centro e de poder para ir assumindo mais claramente a impotência de Jesus diante dos poderosos; por "fronteira", entendo que prosseguirá em deslocamento para as margens da sociedade, para as regiões liminares do humano e da cultura, lugares desde os quais poderá viver com maior transparência sua natureza profética e escatológica; por deserto, entendo finalmente os vazios de Deus neste mundo moderno que se impõe na miserá-

vel sociedade latino-americana que constitui um lugar privilegiado de provação e de silêncio existencialmente contemplativo, em deserto no qual Deus se revela como Absoluto que só Ele basta (23).

O protótipo desse novo tipo de VR não será mais o convento imenso e sólido, arraigado como uma torre, e sim a tenda, o vaso frágil, a semente que morre para dar a vida.

Será uma VR pascal. Em inglês se usa a expressão "passing over" (passagem pascal) para designar a caminhada em direção à terra prometida, o Reino que está mais para lá e que torna a VR, no dizer de alguns, uma vida "anormal" porque apontada para o amanhã diferente que virá (escatologia). Esse "passing over" se processará em três direções, estreitamente enlaçadas entre si. A VR passará para o lado dos *pobres* da terra; "passará" para o compromisso da inserção nas *culturas* dos pequenos e oprimidos; "passará" a dialogar desde dentro com os lugares onde a humanidade busca hoje seu sentido religioso (diálogo inter-religioso) e seu sentido ético (os areópagos das causas humanitárias, da arte, da Política...).

Inclui-se nesse "passing over" a missão "ad Gentes", vista como um grande movimento de solidariedade entre os povos, especialmente do hemisfério sul, movimento em cujo bojo a VR expressa sua radical adesão à causa do Reino e a pessoa de Jesus e seu anúncio a todos os povos da terra.

É um êxodo porque se trata de "deixar" para seguir caminhando na direção indicada pelo Espírito. Há aqui duas dimensões importantes: a primeira e mais fundamental é a escuta da Palavra de Deus, a leitura orante da Bíblia, através da qual a VR na AL está recuperando o segredo da vitalidade da Vida Consagrada presente nela desde sua mais remota origem (24). A palavra êxodo não é usada aqui em sentido apenas metafórico, embora, como em

toda transição humana, não se trate de um voltar ao zero absoluto ou de um partir para o absolutamente inédito. As riquezas da Tradição serão mantidas. As grandes e pesadas obras construídas neste último século não podem ser sopradas como se fossem um castelo de cartas. Têm um peso histórico a ser ponderado responsabilmente e reorientado, no que for possível, em função da meta exodal. A porção da VR que atuar nas obras terá mais consciência de que seu sentido deve vir do movimento maior e da opção mais fundamental que é a evangélica opção pelos pobres.

No início do artigo foi dito que a VR se achava em meio a uma mudança "epocal". Olhando a situação da VR desde a A.L. (e do chamado Terceiro Mundo), vejo como característica dessa nova época a *mundialidade* da VR. Cessa a fase européia da história da VR. Abre-se uma nova, alimentada por seivas de muitas outras origens e faces. A VR será invadida pelos "novos bárbaros" vindos do sul do hemisfério. Elas terão vez e voz, pela primeira vez, nos últimos mil anos. Uma condição para que a passagem epocal se faça sem perturbações destrutivas é a possibilidade de poder expressar a nova seiva com liberdade, autonomia e responsabilidade, sabendo que o Espírito fala todas as línguas da terra. Outra condição é que a passagem marque uma fase nova nas "mútuas relações". Essa deve evoluir de uma visão dual (Hierarquia e Vida Religiosa) para outra, católica, na qual o laicato tenha plena participação, alterando a concepção clericalizada que ainda pesa sobre a atual figura da VR.

2. Traços de um possível modelo

Relembrando a afirmação feita anteriormente de que não existirá "um" e sim "muitos" modelos, quero indicar telegraficamente alguns traços presentes, provavelmente, na nova figura histórica em gestação na América Latina:

- Terá características mais marcantes de *discipulado*.

A *pessoa de Jesus*, sua prática de vida, terá lugar central na vida e missão da comunidade, muito mais visivelmente comprometida em seu estilo de vida e serviços com a causa dos pobres.

- Será mais marcada pela *disponibilidade à missão* a partir dos carismas fundacionais recriados em função das urgências da missão, discernida com e na Igreja local, mas com consciência da "universalidade" inerente à vocação religiosa.

- Será mais marcada pelo *profetismo* em seu tríplice sentido de uma funda experiência da *Palavra de Deus* em situações concretas nas quais a VR se encarna para poder expressar o que Deus diz. Também no sentido do *anúncio-denúncia* que aponta para alternativas de esperanças e justiça.

- Será mais acentuadamente marcada por "*rupturas*" com o mundo para deixar claro seu caráter liminal e sua natureza "anormal" em relação à Igreja e à sociedade.

- Ao mesmo tempo será mais *secularizada* em três sentidos: terá estilo não sacralizado de vida; terá maior consciência de sua dimensão laical; e será aberta ao laicato numa linha de comunhão e participação quanto à espiritualidade, ao trabalho e à partilha de vida.

- Terá um rosto mais *feminino*, recuperando nos termos de hoje a indispensável tensão criativa do masculino x feminino.

- Será mais conscientemente *crítica* de seu papel *político* real em um mundo dividido. Tomará posições mais definidas em favor da justiça, correndo com isto o risco da perseguição.

- Será mais *pluralista* em suas expressões; para evitar a dispersão e a fragmentação necessitará de:

- comunidades vivas, com forte consciência de pertença e com compromissos

assumidos com plena liberdade das pessoas. Serão comunidades de vida e missão;

- comunidades *contemplativas*, em estilo de "retiro" e em estilo de "inserção".

3. Algumas "questões disputadas"

- As comunidades do futuro serão mistas, isto é, compostas por pessoas com compromisso total ao lado de outras parcialmente comprometidas? De pessoas celibatárias e casadas? De homens e mulheres? De católicos e pessoas de outras religiões?

- Até que ponto a Igreja permitirá à *mulher* ter participação em sua vida?

- Até onde a VR deverá se deixar moldar pelas peculiaridades de cada povo, de cada cultura, de cada Igreja local? Como

dar corpo à sua universalidade fundamental em um planeta tornado aldeia global?

- Até onde a VR precisa e deve assumir características secularizadas para poder ser sinal visível do Reino em uma cultura secularizada?

CONCLUSÃO

Termino citando uma palavra de umas das matriarcas da VR no Brasil, a Irmã Ana Roy. Ela sintetiza poeticamente o que aqui tentei dizer analiticamente sobre a VR do futuro:

"Vida Religiosa querida e cheia de graça; pequena também, sujeita a todos os ventos, realidade frágil e forte, nunca terminada... segue adiante! No momento oportuno, Ele fará novas todas as coisas!"

NOTAS:

(1) Neste artigo falaremos da Vida Religiosa Apostólica. Renunciaremos propositadamente a falar sobre um problema tão abrangente como o recoberto pelas várias formas existentes de consagração já existentes e ainda por vir. Além disso, pretendemos restringir nossas considerações ao que se dá no âmbito da América Latina. Falece-nos a competência para estender as observações do que se passa em outros continentes e em outras modalidades de consagração, clássicas (vida monástica, ordens contemplativas) ou de origem recente (institutos seculares, novos movimentos e associações laicais).

(2) Na América Latina, não se pode descrever a Vida Religiosa como sendo uma questão de "sobrevivência" quase física. Em países como o Brasil constata-se um relativo envelhecimento, em especial na Vida Religiosa feminina, mas o afluxo de novas vocações é ainda a tônica, havendo possibilidades objetivas até de um aumento vocacional. Um estudo publicado pela CLAR em 1987 demonstra que na maioria dos países as curvas vocacionais indicavam clara tendência à ascensão. Uma análise mais acurada irá provavelmente mostrar que a situação é diferenciada de acordo com o grupo social e a situação socio-cultural. Em áreas urbanas, onde a mentalidade

secularizada é dominante, a tendência é ao decréscimo.

(3) Cf. Lipovetsky, G., *La era del vacío*, Ed. Eneagrama, 1992, e Sobrelí, J.J., *El asedio a la modernidad*, Ed. Ariel, 1992.

(4) Libânio, J.B., *As grandes rupturas socioculturais e eclesiais*, CRB, Rio de Janeiro, 1980. Quanto aos modelos usados pela teologia na América Latina a resenha mais atualizada é a de Alberto Antoniazzi. Ele resume em 10 grandes tipos ideais o complexo quadro das teologias praticadas hoje entre nós. Confer, Cf. *Enfoques teológicos e pastorais no Brasil hoje*, em *Vários Autores, Vinte Anos da Teologia na América Latina e no Brasil*, Vozes, Petrópolis, 1994, pp. 97-160.

(5) Alguns desses modelos são bastante conhecidos e, em geral, já foram superados pelo rápido câmbio social e econômico. Em 1961 o governo dos EUA publicou o modelo "Global 2000", cujo objetivo era predizer o futuro das sociedades pós-industriais. Jay Forrester, em 1970, e D.L. Meadows, em 1972, colaboraram com o Clube de Roma para a criação de um modelo matemático que estudava 5 das áreas mais vitais do desenvolvimento. Muito semelhante foi o "Modelo Integrado Mundial" de M. D. Mesarovic e

E. Peste, de 1975. Na América Latina, C. A. Mallman e outros tentaram elaborar, em 1976, um modelo que partia mais da atenção à distribuição equitativa da riqueza que ao desenvolvimento favorecedor de minorias.

- (5a) Secondin, Bruno, I nuovi paradigmi culturali em V.V. Carismi e Profezia, USMI, Roma, 1993, pp. 97 ss. A citação de Küng é tirada desse artigo.
- (6) Fuellenbach, Johannes, SVD, Ordensleben in Jahr 2000, em Ordenskorrespondenz, 34 (1993), pp. 296-308. Nygren, D. J., e Ukeritis, M. D., The Religious Life futures Project em Review for Religious 52 (1993) 1, pp. 6-55.
- (7) Leddy, M.J., Reweaving Religious Life. Beyond the Liberal Model, Mystic, CT, Twenty Third Publications, 1990; Chittister, J., Vida Religiosa hoy, em Diakonia 17 (1993) 68, pp. 3-6 (Nicarágua) e especialmente Arbuckle, G.A., Refounding the Church, Geoffrey Chapman, London, 1993, pp. 158-177.
- (8) Cf. Arbuckle, G. A., op. cit. pp. 158-163.
- (9) Azevedo, Marcello de, Vidas Consagradas: rumos e encruzilhadas, Ed. Loyola, São Paulo, 1993.
- (10) Codina, V., La Eclesiologia desde América Latina, Verbo, Estella, 1990, p. 122.
- (11) Freitas, Carmelita de, Identidad de la V. R.: un in-

tento de relectura desde la experiencia latino-americana, paper apresentado na Assembléia Interamericana de Religiosos, Santo Domingo, 1994.

- (12) Azevedo, Marcello de, op. cit. p. 187.
- (13) Hostie R., Vie et mort de ordres religieux, Desclee de Brower, Paris, 1972; Arbuckle G. A., Out of chaos. Refounding Religious Congregations, Mahwah, Paulist Press, 1988.
- (14) Arbuckle, G. A., id., p.4
- (15) Arbuckle, id. ibd.
- (16) Grindel J. e Peters, S., Religious-Life Issues in a Time of Transition, em Review for Religious (1992) 3, pp. 267-275.
- (17) Comblin, J., Interpeleções à V. R., em Convergência (1993) pp. 264-275.
- (18) Palácio, Carlos., Presente e Futuro da V. R. no Brasil, em Convergência (1979), pp. 213 ss.
- (19) Palácio, Carlos, O Sacrifício de Israel: uma parábola da Vida Religiosa, em Convergência, (1992) nº 123, pp. 359-376.
- (20) Palácio, Carlos., Ibid. pp. 522.
- (21) Jornal do Brasil (Rio de Janeiro) de 13.03.1994.
- (22) Cf. Confer, revista de Vida Religiosa (1994) nº 125, pp. 105 ss.
- (23) Sobrino, J., Resurrección de la verdadera Iglesia, Santander, 1981, pp. 335.
- (24) Cf. Leitura Orante da Bíblia, CRB, R. de Janeiro, 1990. I vol. da coleção "Tua Palavra é Vida".

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. O Concílio Vaticano II foi eminentemente eclesiológico, levando à necessidade de um outro "tipo ideal" de Igreja diante da constatação da relatividade histórica dos modelos e, igualmente, da relativização de um único modelo de vida religiosa. Você teria dificuldade em aceitar um tipo de vida religiosa fundamentalmente diferente daquele que você vive ou acredita que é o único e melhor modelo? Qual é a facilidade que se percebe em seu grupo diante do "novo" da vida religiosa?
2. Diz o autor: "aos religiosos(as) latino-americanos nos interessa mais um modelo solidário com a causa dos pobres do que um outro (que tem sua validade),

cujo centro de interesse sejam as questões que vêm da modernidade, do mundo liberal, culto, rico e bem alimentado". Como você se situa diante dessa afirmação?

3. Na nova figura histórica da VR em gestação na América Latina parece já ser possível perceber alguns traços marcantes: o discipulado de Jesus, disponibilidade à missão, profetismo, rupturas com o mundo, secularização, rosto mais feminino, consciência crítica do seu papel político, pluralidade com comunidades vivas e contemplativas. Destes traços quais você já verifica existirem em sua congregação? Quais parecem particularmente desafiadores?

ALGUNS DESAFIOS DA CIDADE AOS RELIGIOSOS

Pe. José Comblin
Serra Redonda/PB

A pessoa que sabe tudo não sabe nada, e a que faz tudo não consegue nenhum resultado.
Uma palavra válida para todos não vale para ninguém.

A vida religiosa é sempre um mistério. Cada religioso, cada religiosa obedece a uma inspiração divina. Esta não se submete a nenhum critério que uma ciência humana possa avaliar. Deus sabe o que faz. Sabe porque chama tal pessoa para tal modo de vida. Este pode não ter nenhuma relação aparente, nenhuma motivação que a sabedoria humana possa apreciar. Por isso pode não haver nenhuma relação visível entre a vocação de uma pessoa e a situação da sociedade humana. Uma vida religiosa pode não exercer nenhum efeito sobre as outras pessoas. Só Deus sabe o efeito real.

Assim Carlos de Foucauld não teve nenhum imitador a não ser muitos anos depois da sua morte. Não fez nenhuma conversão e não deixou iniciado nenhum diálogo entre o cristianismo e o Islã. Santa Terezinha foi proclamada padroeira das missões, mas nunca saiu do convento, não converteu ninguém e somente ficou conhecida depois da sua morte. Quantos monges viveram e morreram no anonimato absoluto no deserto do Egito, na Ásia, na Síria e

assim por diante! Quantos eremitas viveram totalmente isolados do mundo! Só Deus sabe o papel que exerceram na salvação do mundo.

Ainda hoje bem sabemos que muitas vocações seguem apelos divinos totalmente pessoais, totalmente incompreensíveis não somente para o mundo mas também para os colegas e os próprios superiores!

Por isso devemos ser prudentes e não querer encaminhar as pessoas concretas para caminhos que parecem mais razoáveis aos olhos humanos. Toda vocação é pessoal e somente se justifica pela obediência a um apelo direto e imediato de Deus. Os chamados superiores religiosos (que nunca são superiores, mas coordenadores de instituições humanas) devem respeitar as vocações pessoais: não podem impedir a obediência a Deus. Todos sabem que não é verdade que a obediência a Deus sempre passa pela obediência aos superiores humanos. Os melhores superiores e os mais santos podem errar e querer impor um caminho errado aos que foram entregues ou se entregaram aos seus cuidados.

Tudo isso é bem sabido e é sempre verdade. Agora, uma vez lembrada essa doutrina tão tradicional, é bom levar em conta que muitas vocações se apresentam como vocações missionárias ou apostólicas. Muitos religiosos e muitas religiosas acham que a sua vocação os leva a transmitir o evangelho aos seus irmãos e suas irmãs, ou pelo menos alguns irmãos ou algumas irmãs. A partir desse momento, a vocação entra no mundo, isto é, numa área

que é também objeto de conhecimento, experiências e ciências humanas. A vocação sobrenatural pode enviar para outros seres humanos, mas não revela nem a condição, nem o pensamento, nem a situação cultural ou social desses seres humanos. Se um religioso deseja comunicar-se com outra pessoa, tem de recorrer a conhecimentos humanos, experiências humanas. Deus não lhe diz o que deve fazer no concreto dos encontros com as pessoas.

No caso que nos ocupa, nenhuma pessoa humana poderá dizer a um religioso ou uma religiosa que deve evangelizar o povo das cidades. Somente Deus poderá dizer isso. Mas hoje em dia vários religiosos e várias religiosas se sentem chamados para evangelizar o povo das cidades, ou de tal cidade determinada ou tal categoria de pessoas que moram em tal cidade determinada. Ocorre inclusive que a hierarquia, por exemplo no Brasil na atualidade, multiplica os apelos aos cristãos para que evangelizem as cidades. Vários religiosos e várias religiosas se sentem atingidos ou atingidas por tal apelo. Pois bem, o que vamos escrever agora vale somente para esses religiosos e essas religiosas. Não quer e não pode convencer ninguém de que deve fazer essa escolha. Porém, quem fez essa escolha precisa aprender as condições humanas, o aspecto humano de tal vocação.

1. A DIVERSIDADE

A cidade contém uma grande diversidade de situações humanas, de grupos e categorias sociais: diferentes pela origem, pela raça, pela idade, pela atividade econômica, pela cultura, pelos grupos sociais que constituem, pelas instituições que os reúnem. Numa grande cidade há milhares de categorias ou de grupos diferentes. A missão entre os cegos é diferente da missão dos surdos-mudos, dos doentes mentais, dos retardados, dos prisioneiros, dos drogadictos, dos aidéticos, dos hansenianos, dos vendedores ambulantes, dos motoristas de táxis, dos motoristas de ônibus, dos

guardas-noturnos, dos vigilantes, e assim por diante.

Ora, cada categoria tem problemas próprios, mentalidade própria e a presença cristã no meio dela não se pode improvisar. Uma real comunicação exige longa preparação, convivência longa e permanente e o conhecimento dos recursos naturais disponíveis. Cada categoria pode fornecer um campo de missão não somente a uma pessoa mas também a uma grande família de vocações semelhantes.

O que não funciona na cidade é a pessoa que sabe tudo, faz tudo e sempre improvisa. A pessoa que não se prepara durante anos para adquirir as qualidades necessárias. Isto não quer dizer que o apóstolo se torna um profissional, mas que deve ter como base toda uma formação quase profissional além da vocação religiosa, como condição de seriedade da sua vocação. A pessoa que sabe tudo não sabe nada, e a que faz tudo não consegue nenhum resultado.

A fraqueza das paróquias é seguir a dinâmica do mundo rural onde tudo é homogêneo. Na cidade a paróquia quer atingir todo mundo, quer dizer, não atinge ninguém pessoalmente, não consegue interessar ninguém e não ajuda ninguém. Uma palavra válida para todos não vale para ninguém. Dada a diversidade da cidade, toda missão, todo apostolado precisam ser personalizados.

2. A SUBJETIVIDADE

Há outro motivo pelo qual toda comunicação precisa ser personalizada: na cidade nasce e se desenvolve a subjetividade. Cada um torna-se um sujeito, experimenta-se como sujeito único. Por isso na cidade não há pastoral de massas. Pode haver reuniões de milhões de pessoas, mas cada uma delas terá sido preparada, atingida pessoalmente numa fase anterior. Exemplo disso é a difusão das igrejas evangélicas

cas pentecostais. Em poucos anos fizeram milhões de conversões. Mas cada conversão foi individual. Cada pessoa foi chamada pessoalmente, foi objeto de cuidados especiais por parte do pastor ou de outros ministros.

Daí a necessidade inelutável da missão personalizada. Cada pessoa é uma história única. O missionário deve convencer-se de que tudo o que sabe não vale no caso dessa pessoa com a qual iniciou uma conversa. Tem de recomeçar tudo de novo. Obra de paciência. Por isso todo apostolado é limitado.

Antigamente os 12 famosos franciscanos que chegaram ao México pouco depois da conquista de Hernán Cortés puderam batizar 4 milhões de pessoas. Claro está que não houve evangelização personalizada. Naquele tempo os povos inteiros adotavam a religião dos seus reis. A mudança de regime político fez com que os índios sentissem que não adiantava resistir: o Deus dos cristãos era mais forte, era necessário buscar apoio nele. Tais façanhas são impossíveis hoje em dia. Ainda há mudanças religiosas que afetam milhões de pessoas, mas estas supõe a ação de milhares e dezenas de milhares de agentes.

Pode-se dar a impressão de que a cidade moderna é como uma empresa sumamente organizada e que uma organização perfeita e perfeitamente funcional resolveria o problema. Porém, a religião não segue as mesmas regras que as empresas que produzem objetos materiais ou serviços. A produção de objetos ou de serviços pode ser muito racionalizada, mas não a conversão. Racionalidade e subjetividade crescem simultaneamente.

Mais do que nunca a evangelização é efeito de relações pessoais de uma pessoa com uma pessoa. Os meios de comunicação de massa podem condicionar ou determinar a compra de objetos ou a aceitação de serviços, mas não conseguem mudar a religião. Não provocam o compromisso pessoal, não mudam as atitudes diante da

vida. O recurso aos meios de comunicação de massa pode oferecer um enriquecimento, informações, imagens ou argumentos a quem já se converteu, mas não converte. Ninguém adota uma religião porque viu um programa de TV, mas todos entram numa religião nova quando encontram uma personalidade forte que conseguiu convencer pelo seu entusiasmo, pela própria convicção ou pelo exemplo da sua vida.

Os religiosos podem sofrer a tentação de formar grandes "empresas" de conversão. De qualquer maneira, o momento importante será o momento do diálogo pessoal, o que supõe que o religioso aceite ser limitado, mas se dedique totalmente às poucas pessoas que Deus colocou no seu caminho.

3. A LIBERDADE

Já foi dito muitas vezes que a cidade é um grande mercado, inclusive um mercado religioso. Aí estão na oferta todas as religiões do mundo. Pois hoje em dia a circulação das religiões cresce tanto quanto a circulação das mercadorias. Com essas condições os habitantes das cidades comparam. Antigamente afastavam-se com horror das outras religiões quando por acaso as encontravam no seu caminho. Hoje em dia a maioria olha, escuta, quer saber e quer comparar. Muitos ficam interessados por certos aspectos de outras religiões. Cada vez mais os sujeitos se fazem a si próprios as suas crenças, o seu código de valores, o seu programa de atos religiosos. Escolhem em diversos sistemas. Poucas são as pessoas já incondicionais de uma só religião. Muitos participam pelo menos em parte de alguns aspectos de outra religião (espiritismo, religião oriental, macumba, candomblé etc.)

O que não se suporta é o autoritarismo, a vontade de controlar o comportamento de outros. Não desaparece a autoridade. Vários pastores pentecostais são muito autoritários. Mas cada um conserva o re-

curso de abandonar a igreja que não lhe agrada, para buscar outra, o que é bastante freqüente hoje em dia.

O clero católico tem a fama de ser sumamente autoritário. Não propõe suas crenças, mas impõe: a verdade é esta. Não discute, não aceita razões contrárias. Para ele a verdade é única e indiscutível. Da mesma maneira, o clero tem uma moral rigorosamente definida em todos os assuntos. Nunca duvida, sempre impõe. Não discute, nem faz concessões. Para ele, ser católico é tudo ou nada.

Nesse sentido, freqüentemente os religiosos compartilham a sorte do clero. Como o clero, eles têm a fama de ser autoritários, intransigentes, de querer impor, de considerar que ser católico é tudo ou nada. Ora, justamente o homem da cidade nunca aceita um tudo ou nada, porque tem certeza de que a verdade é muito mais complicada, que todos têm um pouco de razão e que ninguém tem toda a razão.

Na cidade as pessoas querem ser livres de escolher a sua religião. Nada é mais importante do que a liberdade religiosa. Por isso é perigoso apresentar-se como a pessoa que é depositária da verdade, que sabe a verdade e quer comunicar essa verdade a toda força. Ninguém incomoda mais do que as Testemunhas de Jeová, porque querem impor a sua verdade. Mas a Igreja católica tem também essa fama. Por isso hoje em dia nas cidades todos os habitantes consultam um guru: pode ser um pai-de-santo, uma mãe-de-santo, um médium, um vendedor de sabedoria oriental ou um pastor evangélico: muito poucos são os que consultam um sacerdote católico, seja ele secular ou religioso. Por que? Porque se pensa que ele é intolerante e se acha dono da verdade, uma verdade que os outros não aceitam.

As pessoas consultam um conselheiro porque acham que essa pessoa pode ajudá-las a descobrir a verdade. Não querem um verdade já feita, já elaborada, não querem

uma verdade abstrata: querem uma verdade que lhes sirva, que ilumine a sua própria vida. Aí há um campo infinito aberto para os religiosos: aconselhar, orientar, iluminar, mas com a condição de não imaginar que são os donos da verdade e que já sabem tudo porque sabem o que está escrito no catecismo. As pessoas querem saber o que lhes ajuda hoje, não amanhã ou ontem. Não querem saber uma verdade que será a mesma, ontem, hoje e amanhã. Tal verdade não serve para nada.

4. UMA ESPIRITUALIDADE

Se os religiosos querem entrar na missão, precisam trazer uma espiritualidade. Não adianta uma teologia abstrata, teórica. O que se lhes pede é um caminho concreto, prático para ser cristão no mundo de hoje. Não adianta saber que o cristianismo é a verdade. De que adianta uma verdade que não é capaz de entrar na vida? O que é preciso é saber como fazer. Cada carisma religioso traz uma maneira prática de colocar o evangelho na vida numa situação específica, num tempo específico no meio de condições bem definidas.

Mesmo em situações semelhantes há diversas maneiras de reagir. Diversas formas de espiritualidade são possíveis e necessárias. Se não há diversidade na oferta os habitantes da cidade vão achar que a Igreja tem pouca coisa para lhes oferecer. Pois não adianta oferecer verdades abstratas, fórmulas dogmáticas ou valores morais absolutos. Todos sabem que ninguém vive isso completamente.

Uma espiritualidade somente poderá oferecer respostas úteis se existe em diversos níveis ou degraus. As Ordens medievais tiveram as suas Ordens terceiras que lhes permitiram uma grande presença nas cidades. Hoje em dia poucos são os que podem assumir para a vida toda uma espiritualidade que abrange e orienta a vida toda durante todos os momentos.

As Ordens terceiras podem não ser sempre as estruturas mais adaptadas à sociedade contemporânea. Existe, porém, uma grande variedade possível de associações de leigos que podem viver na sua vida uma forma mais simplificada de espiritualidade. Além desse círculo ainda restrito—porque são poucos os que podem viver de acordo com todas as exigências da Igreja—, há muitas formas possíveis de laços mais ou menos permanentes com todos aqueles que não podem assumir uma vida cristã de acordo com as normas sociais estabelecidas na Igreja, mas podem viver um certo nível de espiritualidade nas condições em que estão: espiritualidade para divorciados casados de novo, para prostitutas, homossexuais, marginais, viciados e vítimas da desintegração social. A sociedade atual produz uma grande porcentagem de excluídos: eles também podem viver como filhos de Deus. Além disso há todos aqueles que andam buscando, que aderem até certo ponto. O cristianismo atual deveria constar de um grande número de prosélitos — que aceitam até certo ponto uma espiritualidade cristã, mas não podem aceitar tudo.

Na cidade os religiosos poderiam dedicar-se inteiramente a uma missão de orientação ou aconselhamento espiritual, pelo menos os que sentem uma vocação apostólica. Todo o resto pode ser feito por leigos. Os religiosos e as religiosas poderiam dedicar-se a esses contatos pessoais, seja com os leigos que pertencem já a uma esfera de influência da sua espiritualidade, seja às pessoas dispersas no mundo, cada um dentro do ambiente que conhece e frequenta.

Primeira tentação: a paróquia urbana

Na cidade, a paróquia é o refúgio dos católicos mais tradicionais que não se acostumam ao ritmo da cidade e procuram refazer na cidade algo equivalente à sua igreja rural antiga. Aí todos os problemas da cidade são filtrados e somente aparecem numa forma abstrata e formalista que os

torna inofensivos. Vive-se num pequeno paraíso protegido contra todos os vícios, as angústias, as desordens, mas também as aventuras, os experimentos da cidade. A paróquia tende a reconstituir uma sociedade completa: escolas paroquiais, dispensários ou hospitais paroquiais, clubes de lazer, grupo musical, círculos de idosos, creche, lazer para crianças, biblioteca, cinema, enfim todo o possível. Numa paróquia de Porto Alegre assisti um dia a um desfile de modas e disseram-me que essa era uma atividade habitual da paróquia. Claro que se tratava de moda católica.

A paróquia precisa de uma multidão de colaboradores. Um religioso pode facilmente dedicar-lhe a totalidade do seu tempo e sentir que não faz a décima parte daquilo que seria necessário.

No entanto a paróquia não responde aos problemas próprios da cidade. Ela prolonga um passado que se apaga pouco a pouco, mas não resolve a questão do homem e da mulher da cidade. Dentro da paróquia pode-se tranquilamente afirmar todos os dogmas, repetir todos os preceitos de moral e oferecer um programa de atividades sem levantar nenhum problema. Todos concordam.

Ultimamente um certo número de religiosas foram mobilizadas a serviço das paróquias. Não faltam tarefas. Se fossem dez vezes mais numerosas ainda não poderiam assumir tudo o que seria desejável.

Parece difícil crer que Deus chame realmente essas pessoas para trabalhar numa paróquia urbana. Seria necessário ter uma vocação tão especial para simplesmente alimentar o ritmo habitual das atividades paroquiais? Claro que se um religioso ou uma religiosa me afirma que sente que Deus o chamou ou a chamou especificamente para colaborar com a paróquia, tenho de aceitar. Mas duvido que essas vocações sejam muito numerosas. Estou mais inclinado a pensar que quem chamou não foi Deus, mas o vigário. Dir-se-á que no caso o vigário fala em nome de Deus. Mas

isto não está tão evidente. Nem me atreveria a dizer que Deus quer absolutamente que continuem as paróquias urbanas.

Segunda tentação: mão-de-obra para as pastorais

A Igreja burocratizou-se. Para cada necessidade que se possa detectar na sociedade, a Igreja (mundial, nacional, diocesana, paroquial) criou uma entidade destinada a elaborar respostas. Essa entidade faz muitas reuniões, preenche muitos papéis, examina muitos problemas, discute, elabora programas, e de vez em quando consegue ter alguma forma de contato com pessoas comuns da população. Quanto a resolver problemas, nem pensar. Formou-se dessa maneira uma burocracia que emprega muitas pessoas.

A burocratização segue as leis de toda burocratização: cresce cada ano. As entidades chamadas pastorais nunca desaparecem e sempre aparecem novas. Na realidade somente a limitação dos recursos humanos e financeiros impede um maior crescimento. Já que a sociedade urbana é infinitamente diversa, cada diocese poderia ter milhares de "pastorais".

De modo geral é forte a tentação de aumentar a burocracia graças à ajuda de uma mão-de-obra barata. Onde encontrar mão-de-obra barata? Entre os religiosos — que por algo fazem voto de pobreza, um voto bem cômodo para os outros. E sobretudo entre as religiosas, que por ser mulheres já estão predispostas a aceitar um salário inferior. Há muitos religiosos e muitas religiosas nas burocracias eclesásticas. Com certeza fazem ali um trabalho honesto. Muitas vezes entregam a Deus a questão de saber se essa burocracia é útil ou não. Já que existe o voto de obediência, basta que o superior diga que esse trabalho é muito fecundo para que se tenha que acreditar. No entanto, pode-se perguntar se aqui de novo Deus chamou realmente esse religioso ou essa religiosa para adotar a espiritualidade da sua ordem ou congrega-

ção para trabalhar nessa burocracia. Pode ser que seja efetivamente um apelo direto de Deus. Nesse caso todos temos que inclinar-nos. Há porém, casos duvidosos.

As burocracias afastam das pessoas concretas e substituem problemas de pessoas por problemas de conceitos. Em princípio promovem e organizam trabalhos pessoais. No entanto ocorre com certa frequência que não há proporção entre o trabalho burocrático e os verdadeiros contatos pessoais que dele resultam. Às vezes "as pastorais" são um substituto da pastoral. A Igreja não escapa aos defeitos de toda a sociedade moderna. Deixou-se modernizar inconscientemente. Às vezes tomou os aspectos menos recomendáveis da modernidade.

Cidade e saúde

A cidade moderna é cruel para com os seus habitantes. Cada final de semana, quem pode, foge. Quem não pode, agüenta, mas sofre. As cidades contemporâneas prejudicam não somente a saúde física dos seus habitantes, mas sobretudo a saúde mental. Os religiosos escapam? São mais fortes? Pode-se supor que são feitos da mesma matéria.

Muitas vezes a formação não prepara. Trata-se de saber manter o equilíbrio, de saber adotar um ritmo viável e sobretudo a serenidade mental.

Os meios de comunicação de massa, TV, rádio, impressos, aumentam a tensão. Excitam a angústia, alimentam sentimentos depressivos. O ambiente de sexualidade sempre excitada que alimentam, aumenta mais ainda a tensão. A cidade cansa muito, sobretudo aqueles que não aprenderam um mínimo de disciplina. Não basta a disciplina passiva dos noviciados clássicos em que as regras são definidas pelos superiores e não sofrem nenhuma possibilidade de infração. O problema surge quando os próprios religiosos precisam impor-se a si mesmos uma disciplina pessoal, um

ritmo de vida que permita sustentar o ritmo da cidade sem perder a cabeça.

A freqüência dos recursos aos psicólogos e aos psiquiatras mostra que o problema não é tão fácil. Pois, além dos problemas comuns a todos os cidadãos, há um problema específico dos religiosos: este religioso ou esta religiosa está realmente no seu lugar? Está na sua verdadeira vocação? Está vivendo a sua vocação de acordo com o seu ritmo próprio? Não insisto porque este problema da saúde física e mental nos leva a uma terceira tentação ligada à vida urbana.

Terceira tentação: o narcisismo da cultura urbana

Não tomarei aqui essa palavra num sentido científico em referência a tal sistema psicológico determinado, mas antes no sentido da cultura comum. Narcisismo nesse sentido é o modo de ser da pessoa totalmente insegura de si própria, que sempre tem de averiguar se está bem, se sente bem, se não está sofrendo por algum lado. Pessoas constantemente preocupadas pela saúde ou pelo bem-estar físico, sempre à procura de novas receitas ou de novos tratamentos. Ora, a cidade de hoje é um imenso mercado de remédios para todos os tipos de problemas físicos. Estes procedem de todos os países do mundo.

Ou então pessoas sempre preocupadas pelo seu estado de ânimo, sempre beirando a depressão ou com o temor de cair na depressão, sempre auscultando os seus sentimentos, alarmadas por um momento de tristeza, que correm ao psicólogo desde a menor preocupação.

Ou então pessoas inseguras do pensamento, à procura de novos argumentos ou de novos conceitos, sempre duvidando de tudo e sobretudo dos seus próprios pensamentos. Participam de um sem-número de seminários, cursos rápidos, encontros ou então vão para o estrangeiro para recorrer a fontes mais misteriosas.

Maior ainda do que a preocupação pela saúde física ou intelectual está a preocupação de comunicar essas preocupações para outros, de saber o que outros acham, de receber aprovação ou estímulo. São pessoas que precisam refletir sempre outras pessoas, mas nunca se contentam e sempre precisam de mais apoios de parte de outros. Pessoas sempre à procura de si próprias.

A subjetividade moderna nasceu nas cidades. No entanto até há pouco tempo era um luxo reservado a uma porção mínima da sociedade. Com os "mass média" há um estilo de vida urbana, um culto da subjetividade que se divulga em todas as classes sociais. Nesta época de pós-modernidade a subjetividade alcança um ponto extremo. As tarefas objetivas, a transformação do mundo, as mudanças na sociedade ou no mundo interessam muito menos. O que interessa é o próprio "eu" comparado com o "eu" de outros que rodeiam o primeiro. O trabalho deixou de ser importante, salvo como meio de buscar dinheiro. A nação já não interessa. Os movimentos sociais perderam o seu atrativo. Só permanece o "eu", instável, inquieto, insatisfeito, com necessidade de receber sempre novos estímulos, novas sensações, novos sentimentos. Daí o medo da solidão, o horror do silêncio, a incapacidade de se ocupar por si próprio, a necessidade de sempre trocar impressões com outros como para dar-se a si próprio pelo menos a impressão de existir.

Assim é a cultura urbana nas suas tendências recentes. Até que ponto os religiosos se deixam contaminar? Com certeza trata-se de um fenômeno inconsciente. Não me atrevera a afirmar que religiosos e religiosas estejam imunizados, embora no tempo presente a formação tenha por objetivo bem claro a formação de uma personalidade forte e tranqüila, livre do seu próprio "eu", capaz de realmente pensar em Deus e no próximo.

A cultura narcisista busca uma diversidade de formas religiosas. Está encanta-

da com a "New Age" e vibra com todas as mensagens religiosas que oferecem emoções e afetos fortes.

Em certos casos as pessoas de fora perguntam-se se os religiosos e as religiosas de hoje são formados para o recolhimento, o silêncio e a solidão que são o contrário do narcisismo cultural, e que fornecem as condições indispensáveis para a oração e o estudo. Uma coisa é certa: quem nasceu e se formou na cidade precisa passar por uma revolução cultural para adquirir as disposições que requer um vida religiosa. É possível passar do meio urbano para a formação religiosa sem transição? Não se impõem etapas intermediárias? Algumas pessoas podem começar fazendo 10 minutos de silêncio por dia. Já seria quase um milagre. Porém, passar da cidade para uma hora de silêncio por dia ultrapassa certamente as forças de muitos.

O ambiente urbano de hoje é feito de barulho permanente. As pessoas nascidas

no barulho adoecem na tranqüilidade: precisam do barulho como os drogados precisam de cocaína. É a droga deles. Para se acostumar a outro modo de ser, uma fase prévia de desintoxicação será necessária. Até a religião tornou-se um barulho incessante. Porém, substituir um barulho profano por um barulho religioso não resolve o problema. A questão é a formação da personalidade de tal modo que a pessoa possa realmente viver em função do objetivo, Deus e o próximo, e não sempre em função de si própria.

Será preciso inculturar-se na cidade, mas não a ponto de se tornar puro reflexo dessa cultura urbana. Há muitas experiências, e também muitas pessoas que não conhecem essas experiências. Uma revista poderia facilitar o intercâmbio de experiências de presença nas grandes cidades, e assim realizar uma ajuda mútua na procura de uma espiritualidade factível.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU O DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Os religiosos(as) que sentem o apelo para evangelizar as cidades encontram-se diante da situação da *diversidade* de situações humanas, de grupos e categorias sociais; diante da *subjetividade* que faz com que a evangelização seja efeito de relações pessoais de uma pessoa com outra; e diante da *liberdade* que as pessoas exigem na experiência religiosa. Como você experimenta, na prática, esses três desafios da cidade à evangelização? Qual lhe parece mais disciplinar na situação concreta de sua ação pastoral?
2. "Ultimamente um certo número de religiosas foram mobilizadas a serviço das

- paróquias. Não faltam tarefas. Se fossem dez vezes mais numerosas ainda não poderiam assumir tudo o que seria desejável. Parece difícil crer que Deus chame realmente essas pessoas para trabalhar numa paróquia urbana. Estou mais inclinado a pensar que quem chamou não foi Deus, mas o vigário". O que você acha desta afirmativa do autor?
3. Quem nasceu e se formou na cidade precisa passar por uma revolução cultural para adquirir as disposições que requer uma vida religiosa. Como deveriam ser as etapas intermediárias de formação para uma transição fecunda do mundo urbano para o mundo da VR?

A MISSÃO NO EVANGELHO DE LUCAS

Ir. Lina Boff, SMR
Rio de Janeiro/RJ

Paulo desconhece completamente a função das mulheres na ressurreição. Para ele, Cristo apareceu a Cefas, aos Doze, a mais de 500 irmãos de uma vez, a Tiago e, por fim, a ele. Para Paulo, as mulheres não tiveram nem presença nem atuação.



nosso objetivo com este estudo-reflexão é aprofundar o significado que Lucas confere à palavra *missão* enquanto ação do Espírito (pneuma), na prática dos seguidores e das seguidoras de Jesus.

Na teologia lucana encontramos o sentido da palavra *missão* muito ligado ao sentido da palavra *espírito*¹. Dos diferentes significados que o evangelista confere à palavra *missão* enquanto ação do *espírito* destacamos o sentido de *missão como anúncio* que se acha referida aos Doze (Lc 9,1-6), aos Setenta (Lc 10,1-16) e às Mulheres Lc 24, 1-11).

Este nosso estudo terá sua continuidade quando abordarmos a *missão do Espírito Santo* na comunidade primitiva descrita no Livro dos Atos.

1. MISSÃO COMO ANÚNCIO²

As citações em que Lucas sublinha o significado da palavra *missão* mostram que ele a emprega junto com a palavra *envio* (apestéilen) e junto com a palavra *anúncio* (keryssein) e a emprega sempre com o mesmo sentido.

A aproximação das palavras “envio” e “anúncio” portanto, segundo exegetas e teólogos, não é casual, mas tem seu fundamento concreto. Sem a convocação (= chamado) e o envio em missão, não há pregadores e sem estes não há anúncio.

Para a teologia lucana, a convocação e o envio são feitos em vista do anúncio do Reino de Deus, o qual constitui a *missão* não só de Jesus como Enviado do Pai mas dos Doze, dos Setenta e das Mulheres. Ao falar da convocação e do envio destes três grupos, o evangelista usa a proposição “o enviado anuncia” da mesma forma que o faz com Jesus. A citação que destacamos confirma o que acabamos de dizer: “Devo *anunciar* também a outras cidades a Boa Nova do Reino de Deus, pois é para isso que fui *enviado*” (Lc 4,43).

Já no fim da atividade terrena de Jesus, quando os judeus começam acirrada discussão por causa da autoridade dos seus ensinamentos, Lucas apresenta o *anúncio* (keryssein) feito por Jesus, como ensinamento (didaskalia)³. É o tempo em que se inicia um confronto direto entre Jesus e a autoridade judaica. A citação em destaque confirma-o: “Enquanto Jesus *ensinava* o povo no Templo, *anunciando* a Boa Nova, os chefes dos sacerdotes, os escribas e

fariseus, questionavam a autoridade com que fazia estas coisas” (cf. Lc 20, 1-2).

Se Jesus *anuncia* é porque foi *enviado*. Daí a necessidade de se entender o fundamento e o significado da *missão como anúncio* em Lucas referido aos Doze (Lc 9,1-6), aos Setenta (Lc 10,1-16) e às Mulheres (Lc 24,9-11).

Para uma compreensão adequada da proposição o “enviado anuncia”; levamos em consideração dois qualificativos que os atribuímos ao mandato dado por Jesus. São eles:

O primeiro dizemos que é de natureza *estrutural*⁴, porque Lucas explicita e refere diretamente aos Doze e aos Setenta o mandato de Jesus.

O segundo dizemos que é *indicativo*, porque o evangelista não explicita com os mesmos termos o mandato referido às Mulheres. Expressa-o de outras formas e com outras palavras.

Com efeito, não encontramos explicitado por nenhum dos quatro evangelistas o mandato direto dado por Jesus às Mulheres, durante sua vida terrena, senão a partir da manhã da páscoa e de maneira um tanto restrita, aos apóstolos e aos que estavam com eles.

A própria narrativa do encontro do Ressuscitado com as Mulheres, que se anteciparam e foram ao túmulo cedo, sofre sérias restrições por parte de seus autores e também acréscimos que foram feitos a tais narrativas.

O significado da palavra *missão* na teologia de Lucas, portanto, encontra seu fundamento nos seguintes elementos: na **convocação** para o envio ou mandato missionário; na **proclamação** da Boa Nova da salvação pela palavra humana; e no **ensinamento** da doutrina daquele que envia em missão.

As perícopes que tratam da missão destes grupos são consideradas como ponto de partida do nosso estudo-reflexão em

torno do qual queremos elaborar a fundamentação do sentido que Lucas atribui à palavra *missão*.

Queremos deixar claro o seguinte: as perícopes tomadas para o nosso estudo-reflexão e tudo aquilo que dissermos em vista desse objetivo, assim como a interpretação das passagens ou palavras-chaves de tais perícopes, pressupõem o quadro determinado pela exegese bíblica dentro do qual se devem ler os textos. Este quadro não é apresentado mas pressuposto. Mergulhamos na palavra da Sagrada Escritura com a finalidade de buscar inspiração e sentido profundo da missão como anúncio segundo a teologia lucana. A nossa leitura portanto é teológica pastoral.

2. A MISSÃO COMO ANÚNCIO REFERIDA AOS DOZE

O papel missionário dos Doze tem seu fundamento e seu fim na iniciativa histórica de Jesus que os escolheu (Lc 6,12-16) para associá-los à sua função de Enviado do Pai (Lc 5,10b)⁵. Por isso os Doze participam do poder (*dínamis*) e da autoridade (*ecsousía*) próprios de Jesus (cf. Lc 4,14; 32; 36; 5,17-24).

A experiência missionária dos Doze está em conexão com a experiência da missão da primeira comunidade cristã, da qual Lucas fala no Livro dos Atos 2,1ss. Esta conexão se dá através do esquema tão caro à reflexão teológica de Lucas, o da **continuidade**⁶.

A perspectiva teológica do conjunto da obra lucana — Evangelho e Atos — mostra dois critérios de leitura empregados por este. São eles:

1º) o critério da **continuidade** da obra de Jesus que se prolonga na história pelo poder do Espírito;

2º) e o critério da **unidade** do desígnio salvífico de Deus que se realiza na história.

A **continuidade unidade** da obra lucana é atuada em Jesus, prolonga-se no tempo através da pregação viva e é garantida pelo dom do Espírito manifestado em Jesus que o doa àqueles e àquelas chamados e enviados a realizar a mesma missão de Jesus.

A) A missão dos Doze em Lucas 9,1-6

Nesta perícopé os Doze são enviados a proclamar o Reino de Deus (Basileía tou Theou) e a curar (iasastai). No capítulo precedente 8,1s, esta mesma missão é reservada a Jesus, e aqui os Doze continuam a missão que Jesus começou.

A missão como proclamação e como prática se fundamenta em dois elementos constitutivos da teologia lucana. O primeiro é o da **convocação** do apóstolo para o envio e o segundo é o **anúncio** como tal.

a) Convocação para o envio

Lucas mostra a importância que tem para ele o momento em que Jesus convoca (prosephônêsen) e envia os Doze⁷.

Depois de haver feito sua primeira manifestação pública na qual se aproximou do povo (Lc 4,31s; 5,12s; 6,6ss) e das autoridades e das autoridades religiosas da sua cidade (Lc 5,29s; 6,1ss), Jesus vai à montanha e lá passa uma noite inteira em oração, a fim de encontrar junto ao Pai a luz necessária para eleger (eklexamenos), dentre os que o seguiam, os Doze mais próximos dele (Lc 6,12-16).

O movimento inaugurado por Jesus destina-se a ultrapassar sua própria pessoa e ministério. Por isso ele precisa cercar-se de pessoas capazes de compartilhar a sua missão e continuá-la depois dele.

Os Doze são convocados por Jesus, isto é, são chamados junto (sugkalesámenos)⁸, para o seu projeto e são enviados para atuar este projeto.

A convocação para o envio é o elemento que fundamenta a missão do apóstolo, pois sem a convocação não há mandato missionário de Jesus e sem este não há missão, não há anúncio.

A pessoa convocada a anunciar a Boa Nova da salvação não o faz por própria autoridade, mas sob a autoridade de quem a enviou. Na simples forma verbal *apestéilen*, a qual traduz o *sehiha* aramaico, "aquele que é enviado", designa uma pessoa credenciada a representar quem o enviou, e nesta forma verbal está contida a instituição da missão apostólica.

Para a teologia lucana o enviado é também o "mensageiro" (kêryx), no sentido que lhe dá o NT (cf. Lc 9,52), o "servo" (doulos) como prefiguração de Jesus Cristo (cf. Lc 10,11.13b)⁹. Se os mensageiros se empenharem em partilhar o destino de Jesus e prolongar a sua missão correm os mesmos riscos de rejeição e insegurança que Jesus mesmo correu¹⁰.

O enviado não proclama as próprias experiências, mas o Reino de Deus que está próximo, isto é, a chegada do próprio Jesus que envia em missão¹¹. Sem a convocação e o envio, o anúncio é um absurdo, um engano, pois que fala daquilo que não existe. E falar de Jesus nesta condição é só propaganda, não missão¹². Por isso é importante saber qual o conteúdo do anúncio.

b) Conteúdo do anúncio

A pregação dos Doze está centralizada sobre o Reino de Deus (Basileía tou Theou)¹³, já inaugurado com a vinda de Jesus. É exatamente por meio de atos, como proclamar o Reino de Deus e curar pessoas enfermas, que se revela a salvação de Deus no meio de seu povo e qualifica a missão dos Doze como a de Jesus (Cf. Lc 4,43; 8,1).

As passagens referidas por Lucas sobre as recomendações de Jesus aos apóstolos (Lc 9,3-4.5) são uma espécie de "estatuto" da pessoa enviada em missão. O es-

tatuto do apóstolo contém um radicalismo sem meios-termos: não levem nada para a viagem (Lc 9,3); sejam hóspedes discretos e não abusem da hospitalidade oferecida (Lc 9,4); podem contar com a rejeição da vossa palavra e do vosso testemunho em favor do Reino que vocês anunciam (Lc 9,5).

Esse radicalismo mostra a força incisiva da pregação e o tipo de conflito que esta levanta para os que não aceitam a Boa Notícia¹⁴.

Neste sentido a teologia lucana apresenta a missão como fator de **juízo** porque tem alcance escatológico, isto é, tem conseqüências para o juízo final; e como fator de **testemunho de acusação** porque a urgência do anúncio do Reino de Deus é forte e pressiona.

A resposta que o enviado exige de todos e de todas é clara: não há tempo para discussões, nem para esperar que os ouvintes se convençam do contrário. O juízo de Deus se aproxima e confirma a sentença proclamada pelos apóstolos. O motivo que os leva a sacudir a poeira dos pés contra as cidades resistentes à pregação do Reino¹⁵ é sério.

O conteúdo da missão como anúncio, portanto, se expressa no trabalho missionário dos apóstolos, conteúdo que anuncia o início de um novo tempo e se conclui com um tempo final.

A urgência deste trabalho caracteriza a missão dos Doze como a missão de Jesus. Para a teologia lucana esta realidade tão viva é a textura que une a comunidade dos Doze às comunidades que irão se formar após a ressurreição do Senhor.

Com a ressurreição, o mandato missionário é renovado (Lc 24,46-48), e a partir deste evento toda pregação dos apóstolos é feita e é compreendida à base da fé no Senhor Ressuscitado. Desta forma a realidade da ressurreição passa a constituir a plenitude do *kerygma* da comunidade primitiva. É o que se verá na segunda parte deste parágrafo.

Para concluir pode-se dizer que a **missão como anúncio** referida aos Doze a partir da perícopa Lc 9,1-6 é proclamação do Reino de Deus acompanhada de sinais concretos. Proclamação inaugurada por Jesus e continuada pelos Doze, pelos Setenta e pelas Mulheres que foram chamados e enviados em missão para anunciar e pregar esta Boa Nova sobre Jesus e em nome do Senhor Jesus. A teoria (pregação) e a prática (curas) constituem a missão propriamente dita do Reino de Deus que está chegando.

O nosso próximo passo agora será encontrar e aprofundar detalhes significativos do sentido que tem a **missão como anúncio** para os Setenta, a partir da atividade realizada por estes no ambiente específico descrito por Lucas.

3. A MISSÃO COMO ANÚNCIO REFERIDA AOS SETENTA

Jesus toma o caminho de Jerusalém (Lc 9,51ss) enviando à sua frente mensageiros a fim de preparar o povo para receber a missão dele. As três imagens do seguimento que figuram no começo desta sua viagem (Lc 9,57;59;61) preparam a missão dos Setenta que é narrada a seguir.

Só Lucas relata a missão dos Setenta (Lc 10,1-16)¹⁶. Fala da missão destes, no âmbito do mesmo significado da missão referida aos Doze (Lc 9,1-6), com autoridade e tarefas análogas. O método de trabalho missionário, o estilo e as perspectivas da obra dos Setenta são semelhantes aos dos Doze¹⁷. Algumas características que a diferem serão apresentadas a seguir.

A) A missão dos Setenta em Lucas 10,1-16

Os Setenta são para Lucas uma explicitação dos mensageiros enviados por Jesus antes de sua viagem para Jerusalém (Lc

9,52). A atuação messiânica destes ultrapassa os confins da Galiléia, e os que colaboram nesta missão devem aumentar de número (Lc 10,2).

A interpretação teológica lucana da perícopé afirma que este grupo maior de colaboradores na missão de Jesus não só são os enviados do Senhor que os designa e os envia para ir à sua frente como mensageiros (Lc 10,1)¹⁸, mas são os operários (ergatai) da messe, a eles compete cuidar da sementeira como da colheita, trabalho não fácil de ser realizado como não o foi para Jesus. Os verbos que o evangelista emprega são peremptórios: "(...) *Pedi*, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita. *Ide!* Eis que eu vos envio como cordeiros entre lobos" (Lc 10,2-3).

A perspectiva que se abre para os Setenta é que eles não poderão contar com a força, o poder, a violência. São cordeiros em meio a lobos, hóspedes e não donos.

O despojamento e a pobreza do início desta missão se tornam fundamento e sinal da liberdade que o missionário deve ter ao se dedicar plenamente a esta tarefa única. Não há paradas pelo caminho. Num ambiente de hostilidade e resistência, Lucas destaca a atuação pacífica e construtiva da missão dos Setenta.

a) Designação para o envio

Duas observações queremos destacar com relação ao mandato missionário dos Setenta¹⁹. Em primeiro lugar o evangelista não emprega o verbo "convocar" (pro-sephônêsen) no sentido de chamar para reunir, como o faz no discurso da missão dos Doze. Mas emprega o verbo "designar" (anédeicse)²⁰ no sentido de mostrar com sinais e gestos a escolha dos Setenta e as tarefas concretas da missão destes.

Como testemunhas autorizadas por Jesus, os Setenta também deverão dar a conhecer a todos, com sinais e gestos, que a proximidade do Reino é iminente (Lc

10,9b)²¹; que a vinda de Deus no meio dos povos na pessoa de Jesus não é só legitimada e continuada pelas pessoas que ele designa e envia, mas até antecipada (Lc 13-14).

Em segundo lugar observa-se que na redação peculiar de Lucas neste discurso missionário, o Senhor envia os Setenta dois a dois²², e diz-lhes que passem de casa em casa para levar a missão que receberam dele.

A partir deste lugar — da casa onde os dois se hospedarem —, devem abrir sua pregação ao povo da cidade e curar as pessoas enfermas que aí houver (Lc 10,9).

A atuação missionária dos Setenta será interrompida (Lc 10,10) para aqueles que não acolhem a Boa Nova dos enviados do Senhor. Para estes, Lucas não mede palavras de alerta com o objetivo de prepará-los para os riscos e o insucesso a que se expõe a missão realizada pelos que o Senhor designa e envia.

A denúncia daqueles que não acolhem a Boa Nova deve ser feita publicamente, fora das casas, nas praças da cidade (Lc 10,10-11)²³.

b) Características da missão dos Setenta

Três dados caracterizam a missão dos Setenta com relação à missão dos Doze:

1º) Para os Doze Lucas emprega explicitamente o verbo "proclamar" e "anunciar", no sentido de tornar público e conhecido de todos o conteúdo da missão que é *Basileia tou Teou*. Enquanto para os Setenta ele emprega o verbo "dizer" (eleghen) nos seguintes sentidos:

— no sentido de desejar a paz (eirênê shalom) como programa de vida (Lc 10,5);

— no sentido de falar da proximidade de tempos bons que estão chegando (v. 9b);

— e no sentido de dar a conhecer publicamente a rejeição e o pecado das pessoas que se recusam a ouvir a mensagem de perdão e de justiça dirigida a todos, bons e maus, justos e injustos (vv. 10-11s).

2º) Com relação ao discurso dirigido aos Doze, no dos Setenta Lucas evidencia o seguinte:

— em um primeiro tempo enfatiza o envio “dois a dois”. Trata-se de dar crédito à pregação, pois no testemunho de dois ou três está a garantia de toda verdade;

— em um segundo tempo o evangelista abre a pregação sobre o Reino de Deus e manda curar as pessoas enfermas de outros povos, porque a salvação deve chegar a todos. O que não aparece no discurso dos Doze.

O núcleo do discurso teológico de Lucas nos Setenta evidencia ainda:

— o tempo jesuânico como tempo histórico-salvífico de paz²⁴, no sentido de Lc 4,18ss;

— e a realização antecipada desta paz, o que se dá entre os homens e as mulheres dignos dos bens temporais e espirituais²⁵, porque aparece em Lucas 22,35²⁶ como resposta às instruções dadas por Jesus aos Setenta no momento do envio.

3º) Ao apresentar Jesus enviando os Setenta não só para as regiões da Palestina mas do mundo inteiro (cf. Lc 10,13-14), o evangelista antecipa de certa forma a presença do elemento universal que marca o anúncio do Reino de Deus na sua teologia²⁷.

Pode-se dizer que o estudo teológico desta perícopé acentua três pontos:

Primeiro ponto: acentua o tema da proteção sob a qual Lucas coloca os Setenta ao vincular a passagem de Lc 10,2.5b.9b e 11b com Lc 22,35, interpretação autêntica e normativa oferecida pelo próprio autor do terceiro Evangelho.

Segundo ponto: amplia a concepção do tempo jesuânico como marco histórico-salvífico do plano de Deus revelado em Jesus Cristo. Na revelação deste plano Jesus Cristo incluiu os filhos e todas as filhas de Deus. Neste sentido pode-se falar da missão referida às Mulheres.

Terceiro ponto: antecipa o princípio da universalidade da missão.

4. A MISSÃO COMO ANÚNCIO REFERIDA ÀS MULHERES

Lucas coloca as Mulheres em dois pontos significativos para o estudo teológico da missão referida a elas²⁸.

O primeiro ponto considera a missão das Mulheres desde a perícopé 24,9-11. Aqui o anúncio da ressurreição não lhes é dado explicitamente pelo Ressuscitado. Todavia as Mulheres que seguiram a Jesus durante sua vida terrena e o conheceram de perto sentiram-se impulsionadas a dar o anúncio da ressurreição imediatamente ao grupo dos Onze e aos outros que estavam com eles, ao recordarem as palavras que tinham ouvido de Jesus. Diante dos sinais deixados pelo Senhor tiveram uma atitude de fé e leram com o coração o significado de cada um deles.

O segundo ponto considera a missão das Mulheres nos outros evangelistas.

A) A missão das Mulheres em Lucas 24,9-11²⁹

O anúncio da ressurreição tem início com a experiência das Mulheres que partem para anunciar aos Onze e a todos os outros a ressurreição de Jesus como o “vivo”³⁰. De acordo com a teologia lucana o conteúdo deste anúncio feito pelas Mulheres consiste em proclamar que Jesus está vivo.

O texto lucano narra o seguinte: “Ao voltarem do túmulo, anunciaram tudo isso

aos Doze bem como a todos os outros. Eram Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago. As outras mulheres que estavam com elas *disseram-no* também aos apóstolos; essas palavras porém lhes pareceram desvario, e não lhes deram crédito” (Lc 24,9-11).

Esta expressão utilizada por Lucas, o “vivente”³¹, traz a influência do ambiente bíblico onde Deus é chamado o “vivente”. O evangelista recorre ao patrimônio tradicional da profissão de fé para formular o anúncio pascal revelado por Deus.

O Ressuscitado é aquele que vive a mesma vida do Deus vivo e está presente em meio a seu povo (Js 3,10). Jesus é o “vivente” pela vida de Iahweh (Jz 8,19) e participa desta vida divina em um modo singular, ele é o Ressuscitado de Deus.

Na comunidade de Lucas esta denominação é referida especificamente a Jesus Ressuscitado (cf. At 1,3: 25,19). É uma maneira de falar da ressurreição de Jesus em termos compreensíveis também para as pessoas estranhas à cultura bíblica.

Ao comunicarem esta mensagem – núcleo central de toda a fé cristã –, as Mulheres se tornam protagonistas³² de um anúncio de vida em plenitude, porque Jesus Ressuscitado não só é a vida plena, mas é a própria fonte de vida (cf. 1Cor 15,45b).

Ao citar Paulo aqui, não se pode ignorar a omissão do seu pensamento teológico ao falar da ressurreição (1Cor 15). Ele desconhece completamente a função das Mulheres neste fato. Para Paulo Cristo apareceu a Cefas, aos Doze, a mais de quinhentos irmãos de uma vez, a Tiago e por fim a ele (cf. 1Cor 15, 3-8). Omite a presença e a atuação das Mulheres.

No entanto, estas Mulheres são contadas entre as testemunhas da ressurreição porque fizeram a experiência do Jesus Ressuscitado da cruz, isto é, da Vida que brota da cruz³³.

O que se quer dizer é que a ressurreição não foi vista. O Ressuscitado, sim!

Donde: a ressurreição é deduzida a partir do Ressuscitado. No caso de Jesus, trata-se de uma pessoa histórica que as Mulheres conheceram antes de sua morte, a qual se deu em lugar e data precisos, em Jerusalém.

Quando Lucas como também os outros evangelistas falam da ressurreição, dizem que Jesus “aparece” (Mc 16,9b), “se revela” (Mt 28,9-10), “se manifesta” (Jo 20,15-16), “se aproxima, chega, está no meio” (Lc 24,36ss).

A ligação entre o desaparecimento do corpo de Jesus e a sua ressurreição, enquanto vida nova trazida por ele, é uma ligação lógica, e uma ligação que nada tem de material³⁴.

Entre estas duas realidades – o desaparecimento do corpo físico de Jesus e a ressurreição –, há uma continuidade irrefutável da vida do Jesus terreno e da vida do Jesus Glorificado. A modalidade desta continuidade faz parte do mistério de que fala Paulo na elaboração da sua doutrina (cf 1Cor 15,51).

Jesus morre para ressuscitar, isto é, para dar início a uma vida nova (= transformada), a vida da ressurreição.

No quadro desta compreensão, toda a palavra pronunciada sobre a experiência feita pelas Mulheres na manhã da páscoa supõe uma sintonia espiritual com seu projeto histórico dentro do plano de salvação pensado pelo Pai³⁵.

Por isso as aparições do Ressuscitado não são oferecidas indistintamente a todos, mas às testemunhas chamadas e enviadas. Foram estas que ouviram as palavras de Jesus e as observaram como palavra vinda da parte de Deus (cf. Jo 14,22-24).

Estas Mulheres estão entre as testemunhas que conheceram Jesus antes de sua morte e estiveram muito próximas a ele até o fim. Esta experiência encontra sua continuidade no mistério pascal e encontra também sua formulação para ser comunicada aos outros.

A teologia continua reverente diante de tal mistério e, com humildade, busca precisar aquilo que faz parte da linguagem, dos recursos da apologética e aquilo que é a mensagem da ressurreição³⁶.

O anúncio deste mistério aflora somente no fim deste primeiro quadro pascal. Aí a palavra de Deus, realização da promessa de Jesus (Lc 9,22; 9,44-45; 18, 31-34), oferece a chave hermenêutica para compreender a nova experiência de salvação.

Por esse motivo o autor do terceiro Evangelho relata as palavras de Jesus³⁷. Estas explicam o sentido do plano salvífico de Deus, plano que se atualiza na vida de Jesus, humilhado e glorificado (Lc 24,7).

A compreensão que as Mulheres têm desta experiência – a da salvação – se relaciona com toda a trajetória histórica de Jesus na qual elas tomaram parte ativa desde a pregação (Lc 8,1-3)³⁸, até sua paixão e morte (Lc 23, 27.49.55).

Veremos agora como os outros evangelistas falam do envio e da missão referidos às Mulheres, segundo a narrativa de cada um.

B) O envio e o anúncio das Mulheres nos outros evangelistas³⁹

No quadro dos sinóticos, Mateus e Marcos, e do Evangelho de João, destacam-se dois elementos fundamentais para uma teologia da missão como anúncio referida às Mulheres: o envio das Mulheres e o anúncio que elas fazem do grande evento pascal⁴⁰.

a) O envio e o anúncio das Mulheres em Mateus

Em Mateus a expressão de Jesus que fala do envio e da missão das mulheres é clara: “Não temais! Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galiléia; lá me verão” (Mt 28,10).

As Mulheres nesta narrativa aparecem como se fossem as ministras do Ressuscitado, no sentido particular de quem ajuda na execução do plano salvífico trazido por Jesus. Ao mesmo tempo elas aparecem como instrumentos de atuação salvadora deste plano do mesmo modo que os discípulos.

A missão que o Ressuscitado confia às Mulheres destina-se diretamente aos discípulos que o Glorificado chama de “meus irmãos” (Mt 28,10a).

O encontro das Mulheres com o Ressuscitado e a missão que elas recebem deste misturam-se para produzirem, juntos, uma só manifestação histórica e divina: anunciar a vida nova trazida por Jesus com a ressurreição.

Os sinais concretos desta manifestação histórica se expressam na atitude das Mulheres que aparecem abraçando os pés do Ressuscitado e lançando-se por terra diante dele (Mt 20,9-10).

São atitudes da ordem do humano feminino, modo original com que a mulher comumente expressa a ternura e o amor. Animadas por este espírito, as Mulheres anunciam aos homens que viveram mais perto de Jesus a vida nova (=transformada) trazida pelo Ressuscitado.

b) O envio e o anúncio das Mulheres em Marcos

Em Marcos o Ressuscitado apareceu primeiro a Maria Madalena, que foi anunciá-lo àqueles que tinham estado em companhia dele (Mc 16, 9.10)⁴¹.

A mulher tida como pecadora e de quem Jesus havia expulsado sete demônios é a primeira escolhida para receber o aparecimento do Ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana (Mc 16,9).

Com esta aparição a Maria Madalena, Jesus põe fim a todas as separações que a ressurreição realizou de maneira definitiva (cf. Hb 7,27; 9,14-25). Suprime também a

distância existente entre as pessoas, homens e mulheres, consideradas "justas", daquelas consideradas "pecadoras".

A vida nova (=transformação) que está começando com a ressurreição cancela as discriminações de gênero, de sexo e de classe. Ao reconhecer no Ressuscitado o Jesus que havia seguido fielmente durante sua pregação pela Galiléia, Maria Madalena confirma sua fé vinculada ao evento todo de Jesus desde o início de seu ministério até a ressurreição da cruz.

A experiência de fé desta mulher se encarna quando ela vai anunciar o Ressuscitado aos que haviam estado na companhia de Jesus e que, por não entenderem o significado profundo dos últimos acontecimentos daqueles dias, continuavam chorosos e aflitos (Mc 16,10).

c) O envio e o anúncio das Mulheres em João

Em João, Maria Madalena outra vez é a primeira *que vai anunciar* aos apóstolos e aos discípulos, "Vi o Senhor", e as coisas *que ele me disse* foram estas: "Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus" (Jo 20, 17.18).

Depois de haver se deixado reconhecer pela fé desta mulher, o Ressuscitado dá-lhe o mandato de anunciar aos discípulos o seu retorno ao Pai.

O conteúdo do anúncio desta mulher, "Vi o Senhor!" (Jo 20,18), é rico em significado e exprime o objeto da fé⁴².

A experiência pascal de Maria Madalena faz com que o Ressuscitado tome um rosto humano feminino, lugar primordial da fé enquanto acontecimento e não enquanto instituição.

O que entendemos dizer com isto é o seguinte: a mulher tida como pecadora foi capaz de dar manifestações evidentes de amor sincero, de gratuidade, de fé profunda em Jesus, manifestações estas que não se pode recusar (Jo 20,17a).

A profunda ligação que Maria Madalena manteve com Jesus durante a vida terrena é caminho necessário para estabelecer um outro nível de contato com ele. A humanidade gloriosa de Jesus assegura este contato pela fé.

Duas coisas importantes nos ajudam a compreender a experiência pascal destas Mulheres:

— A primeira sublinha a abertura e a disponibilidade de Maria Madalena em aceitar um novo modo de encontro com o Senhor.

— A segunda evidencia os gestos de amor gratuito e de fé que manifestam sinais da realização das promessas bíblicas as quais falam da inclusão de todos no plano de salvação trazido pelo Ressuscitado.

Ao concluir este nosso estudo-reflexão descobrimos duas coisas que consideramos importantes: durante a vida terrena de Jesus de forma indicativa, as Mulheres anunciaram o Reino junto com todas as pessoas que o seguiam na sua pregação; no evento pascal e durante a vida do Jesus Glorioso, as Mulheres são as primeiras a anunciar a plenitude do Reino. Elas falam do Deus vivo que se revela na pessoa do Ressuscitado aos Onze e a todos os outros que estavam com eles.

O anúncio do Ressuscitado, que tem início com as Mulheres, encontra continuidade na comunidade de fé descrita por Lucas no Livro dos Atos.

1. DONALD SENIOR E STULHUMUELLER, C. *Os fundamentos bíblicos da missão*. Ed. Paulinas, S. Paulo 1987, 347-381; COMBLIN, J. *Teologia da Missão*. Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, 31-58; CONZELMANN, H. *El centro del tiempo*. La teologia de Lucas. Ed. Fax, Madrid 1974, 287-326.
2. Lc aprecia o emprego do verbo anunciar: é encontrado dez vezes no evangelho e quinze vezes nos Atos, a maioria das vezes a propósito da Boa Nova ou Evangelho do reino. Empregamos esta palavra com o sentido de *kerygma* = proclamação, pregação, mensagem onde se enfatiza o conteúdo do anúncio e não o *Kêrix* = o anunciador, o arauto, o mensageiro. Às vezes aparece com o sentido de *kerysso* = anunciar como apóstolo, isto é, como enviado. O *kerygma* inclui o ensinamento, as instruções, palavras que também usamos com o sentido de *didaskalein* = ensinar, ou *didaskalia* = ensino, doutrina.
3. STÖGER, A. O Evangelho segundo Lucas/3/1. Edit. Vozes, Petrópolis 1984, 161: Jesus enche com sua palavra o templo do qual tomou posse. Seu ensinamento é pregação do Evangelho da salvação que já veio. "Hoje a salvação veio a esta casa" (Lc 19,9). Com a pregação do Evangelho é concedida a salvação. Jesus ultrapassa os mestres em Israel que ensinam, mas não anunciam a salvação; supera os profetas que prometem a salvação, mas não a trazem e não a concedem.
4. CONZELMANN, o.c., 81.101.304. A primeira observação que se faz a Lc no que concerne à missão dos apóstolos e discípulos é que ele mantém distintos em dois discursos o mandato da missão: um dirigido aos Doze (Lc 9,1-6) e outro dirigido aos Setenta (Lc 10,1-16). A missão que Jesus confere é a mesma.
5. Para este parágrafo citamos CONZELMANN, o.c., 300-301 onde ele diz: Os apóstolos para Lc ocupam uma posição especial. Basta ver o uso de tal conceito em primeiro lugar na passagem Lc 6,13 que é normativa para a definição deste conceito. Conzelmann diz ainda que em Lc aparece também o conceito geral de apóstolo, o que não se trata de um dos "descuidos" de Lc ao atribuir a função de apóstolo a Paulo e a Barnabé como vê em At 14,4.14. "Apóstolo" significa "enviado". O termo, já conhecido no mundo judeu como *sheliah*, veio a designar no cristianismo os missionários "enviados" (cf At 22,21+) como testemunhas de Cristo.
6. Cf. *Os fundamentos bíblicos da missão*, o.c., 369.378. Os aa. da obra sublinham a continuidade da missão apostólica sob a direção do Senhor Ressuscitado e pelo poder do Espírito na própria comunidade. Os Doze que caminharam com Jesus testemunham a sua ressurreição e absorvem o seu Espírito, são os que estabelecem a missão universal.
7. Para esta exposição servimo-nos das obras e artigos de aa. que comentam e interpretam especificamente esta perícopa à luz da teologia e da exegese bíblica. Cf.: STÖGER, A. *O Evangelho segundo Lucas*. Primeira parte. Edit. Vozes, Petrópolis 1984, 254-256; LANCELOTTI, A, e BOCCALI, G. *Comentário ao Evangelho de Lucas*. Edit. Vozes, Petrópolis 1979, 106-107; GIRARDET, G. *Il Vangelo della liberazione*. Lettura política di Luca. Col. "Serie Bíblica", 27 Edit. Claudiana, Turim 1975, 71-74; FABRIS, R. *Gesù di Nazareth*. Storia e interpretazione. Edit. Cittadella, Assisi 1983, 149-157; PIKAZA, J. *A teologia de Lucas*. Col. "Teologia dos Evangelhos de Jesus", 3. Ed. Paulinas, S. Paulo 1978, 66-67; SAMAIN, E. "Manifesto de libertação: o Discurso-programa de Nazaré (Lc 4,16-21)", in *REB/34*, fasc. 134, junho 1974, 261-287.
8. A raiz do verbo *kaléo* quer dizer "chamar para si", no sentido de aproximar.
9. Cf. STUHLMUELLER, C., *Evangelho de Lucas*. Ed. Paulinas, S. Paulo 1975, 203-204. Lc nos dá a entender que a missão do Filho, na compreensão dos ouvintes de Jesus, era a idéia central. Pela rejeição e morte que Jesus sofre da ímpia Jerusalém ele se torna o centro da nova Jerusalém.
10. O julgamento escatológico de Lc é motivado pelos povos e grupos que não acolhem os apóstolos que anunciam o Reino de Deus. Este anúncio é também pregação da penitência (Lc 24,47) e é pelo anúncio do Reino que é concedida a remissão dos pecados como juízo de Deus. A palavra de Deus é julgamento e quem a rejeita se torna testemunha de acusação. Mas há no entanto um fato que mais do que qualquer outro provoca o juízo de Deus: é o da incredulidade humana que em nome da Lei levou a processo e à morte o próprio Jesus (Lc 24,20; At 13,28) e com isto julgou o mundo. A história posterior não fará outra coisa que explicitar e manifestar ao mundo a justiça e a misericórdia do Pai no Filho, proclamado Cristo e Senhor.
11. FRIEDRICH, G., "kêryx", in *Grande Lessico del Nuovo Testamento X*, Paideia, Brescia 1975, 402; 423. O *Kêryx* no NT perde completamente a importância que tinha no mundo grego onde era considerado o mensageiro, o arauto sagrado e inviolável, embaixador dos deuses. Só três vezes o termo ocorre nos escritos do NT e sempre em passagens relativamente tardias. Isto porque o acento é posto sobre aquele que anuncia a palavra, enquanto o verdadeiro anunciador é Deus ou Cristo mesmo, assim que o *Kêryx* tem bem pouca importância. A S.E. não quer falar de anun-

ciadores humanos, mas do anúncio em si mesmo. O NT não conhece pessoas sagradas intangíveis do mundo. Os anunciadores e as anunciadoras de Jesus são antes "cordeiros no meio de lobos" (Lc 10,3). Portanto, mais que o *Kêryx*, no NT é mais importante o *Keryssein*.

12. O pensamento do NT se manifesta através da proclamação da *Basileia ou tou Teou*, linguagem popular e aderente à realidade concreta daquele povo.
13. O conteúdo específico da mensagem neotestamentária enfatiza que o mais importante não é o *kerygma*, mas o Reino de Deus que se faz ponto central do *kerygma*.
14. A cidade que não aceitar os apóstolos deve ser considerada terra pagã, contaminada e contaminadora (At 13,51). Com esta não se pode perder tempo, e que os apóstolos se afastem dela, rompam a comunicação e a tratem como os Judeus que sacudiam o pó dos pés antes de saírem de terras pagãs para entrar na Terra Santa. A atuação dos apóstolos é julgamento, isto é, a ação firme deles tem em vista provocar a reflexão e o arrependimento. Para a cidade que repele os apóstolos, estes se tornam testemunhas de acusação. Cf. LANCELLOTTI, A. e BOCCALI, G. *Comentário ao Evangelho de São Lucas*. Ed. Paulinas, S. Paulo 1979, 106-107. STUHLMUELLER, C. *Evangelho de Lucas*. Ed. Paulinas, S. Paulo 1975, 119-120.
15. Cf. LANCELLOTTI & BOCCALI, o.c., 71-72. O comentário que este último a. faz da passagem evidencia que Jesus e os seus enviados exigiam uma resposta clara: ou com ele ou contra ele.
16. BARRET, C. K. *El Espíritu Santo en la tradición sinóptica*. Secretariado Trinitário, Salamanca 1978, 208: Não é necessário discutir sobre os números "doze" e "setenta-e-(dois)". O relato lucano da missão dos "setenta-e-(dois)" é claramente um duplicado da exortação missional dos "doze". Cf. FABRIS, R. *Gesù di Nazareth. Storia e interpretazione*. Cittadella Editrice, Assisi 1983, 149s. STUHLMUELLER, C. *Evangelho de Lucas*. o.c., 119s.
17. HOFELMANN, U. *A missão de Jesus e a missão da comunidade no evangelho de Lucas e em Atos dos Apóstolos*. Estudos Teológicos, São Leopoldo 1988, v.28, n. 1: 71ss.
18. SPINETOLI, O. *Luca. Il Vangelo dei poveri*. Cittadella Editr., Assisi 1986, 364. Os mensageiros evangélicos são, por definição, portadores de boas notícias (cf. Is 52,7-9); Jesus os compara aos anjos, símbolo por antonomásia da mansidão, mas terão diante de si "lobos", isto é, homens violentos, despóticos. A sua missão porém é sempre a de levar a todos a bênção e a paz. Deste modo Jesus se propõe a renovar o mundo inteiro a partir da Palestina.
19. CONZELMANN, o.c., 155-156. A proteção aos

discípulos que Lc deixa transparecer nesta perícopé pode guardar uma profunda vinculação com Lc 22,35. Nesta citação Jesus avalia o resultado da ordem que ele dá aos discípulos quando lhes pede que não levem nem bolsa, nem alforge, nem sandálias, e nem por isso lhes faltou alguma coisa.

20. Este verbo tem como raiz *anadefknumj* que quer dizer: apontar, indicar, sinalizar alguma coisa.
21. VAN DEN BORN, A. "Discípulo", *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Ed. Vozes, Petrópolis, 403-404: os discípulos de Jesus são conhecidos pelo amor mútuo (Jo 13,35). Se forem fiéis até o fim, não de receber uma recompensa especial e terão um papel notável no juízo (Lc 22,28-30).
22. Cf. STÖGER, A. *O Evangelho segundo Lucas/3/1*. Ed. Vozes, Petrópolis 1974, 295: de dois a dois são enviados, pois devem servir de testemunhas. Concordem duas testemunhas entre si acerca de uma coisa, então o testemunho delas tem pleno valor, é válido e legal (Dt 19,15; Mt 18,16).
23. Para CONZELMANN, o.c., 155, enquanto Mt 10,16 acentua a ameaça a que os discípulos estão expostos, Lc 10,2s acentua a proteção sob a qual se acham os discípulos.
24. Cf. CONZELMANN, H., o.c., 214s. Lc não oferece uma apresentação estrutural expressa, mas pressupõe uma imagem firme do que seja o plano histórico-salvífico. O esquema que apresenta é o seguinte: o começo do plano histórico-salvífico vem marcado pela *criação*, sendo esta entendida não como "época", mas como ponto limite da reflexão histórico-salvífica. O outro é a *parusia* da qual não se oferece nenhuma exposição sobre ela, nem enunciados referentes, mas só se descreve o transcurso dos acontecimentos até chegar a ela. Entre estes dois pontos limites discorre a história seguindo três fases: Tempo de Israel, da Lei e dos Profetas. Tempo de Jesus Cristo. Tempo intermédio entre a entrada em cena de Jesus e a sua parusia: quer dizer, tempo da Igreja, tempo do Espírito. E esta é a última era; não se nos diz que seja breve. Estas três épocas guardam uma continuidade.
25. Alguém digno de receber os bens materiais e espirituais não como o mundo os dá, mas como o Senhor Glorioso sabe dá-los (Cf. Jo 14,27).
26. O texto de Lc continua mostrando aos seguidores de Jesus o combate decisivo dentro da história e os prepara para enfrentá-lo. Se na primeira missão nada faltou, agora o discípulo deverá enfrentar a carência de tudo, até do estrito necessário para concretizar o Reino. A proposta do Jesus de Lc avança em radicalidade e despojamento.
27. Cf. *Fundamentos bíblicos da Missão...*, 355-356s; VAWTER, B. "O Universalismo no Novo Testamento", in *Concilium*/121, 1977,89-97.
28. Assinalamos como ponto de partida para o estudo deste parágrafo a teologia feita na ótica femi-

- nista de: QUÉRÉ, F. *Le donne nel Vangelo*. Rusconi Libri, Milano 1983, 19s 46-51; 61-66; 154-163; 203-208. TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus*. Ed. Paulinas, S. Paulo 1990. Utilizamos especificamente: 42-50; 86-101; 123. Toda a *REB/46*, fasc. 18 de março 1986: "Teologia Feminista na América Latina"; GEBARA, I. e BINGEMER, M.C. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres: Um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Col "Teologia e Libertação". Tomo XIII. Série IV: A Igreja, Sacramento e Libertação. Edit. Vozes, Petrópolis 1987; BINGEMER, M.C. *O Segredo feminino do mistério*. Ensaio de Teologia na ótica da mulher. Ed. Vozes, Petrópolis 1991.
29. QUÉRÉ, F. o.c., 46-56. TEPEDINO, o.c., 85-124. Para as diferentes temáticas que foram surgindo ao longo do aprofundamento marcam significativa contribuição: BOFF, L. *O Rosto materno de Deus*. Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. Ed. Vozes, Petrópolis 1979. De modo especial a Parte II que trata da análise sobre o feminino como meditação teológica, 35-11; e a Parte IV que vê à luz da teologia a vida e a obra de Maria de Nazaré como mulher de fé e como mãe solidária, 135-210. Ainda do mesmo a.: *O destino do homem e do mundo*. Ensaio sobre a vocação humana. Ed. Vozes, Petrópolis 1976, 61-66. *A Ave Maria*. O Feminino e o Espírito Santo. Ed. Vozes, Petrópolis 1980, 61-71. FIORENZA, E.S. "Quebrando o silêncio: a mulher se torna visível", in *Concilium* 202, 1986.
 30. ZARELLA, P. *La risurrezione di Gesù*. Assis, 1973. Enviamos para a n. seguinte deste parágrafo.
 31. O "vivente" não significa um que está ainda em vida, mas que é a vida mesma, é aquele que entrou em um mundo que é o de Deus, o "vivente" por essência, segundo a tradição bíblica (cf. Nm 14,21-18; Dt 5,26; 32,40; Ez 5,11). FABRIS e MAGGIONI, 240.
 32. JOÃO PAULO II. *Mulieris Dignitatem de dignitate ac vocatione mulieris anno mariali vertente*, 15 augusti 1988: AAS 80, 1988, 16. Ao falar das mulheres como primeiras testemunhas da ressurreição, o papa diz claramente que elas "são também as primeiras a serem chamadas a anunciar esta verdade aos apóstolos" (cf. Mt 28,1-10; Lc 24, 8-11).
 33. Em si, o evento da ressurreição não se funda somente sobre a realidade do sepulcro vazio, mas é uma automática dedução. A transpassagem de Jesus no reino dos viventes não foi constatada por ninguém, como ninguém viu o momento em que ele deixou a tumba, "prova" que não demonstra a ressurreição. SPINETOLI, 729; FABRIS, R. e MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (II)*. Ed. Loyola, S. Paulo 1992, 238-241.
 34. Cf. CONZELMANN, o.c., 137; 280; 301-306.
 35. BEAUDE, P-M. *De acordo com as Escrituras*. Col. "Cadernos Bíblicos" 2. Ed. Paulinas, S. Paulo 1980, 24-25, faz interessante comentário e interpretação com o subtítulo: "Recordai-vos...". Constata-se que o a. nada diz e nada cita da Escritura que se refira à lembrança das mulheres na manhã da ressurreição ao ouvirem os mensageiros celestes a recordar-lhes as Escrituras. É aceito que para Lucas a fé nas Escrituras vem ligada à ressurreição. O a. cita a tríplice ligação entre: palavras de Jesus - Escritura - evento, ligação salientada por muitos exegetas.
 36. A continuidade entre as duas existências, a do Jesus histórico e a do Glorificado, não se discute. A modalidade do transpasse faz parte do mistério (cf. 1Cor 15,51), citado por SPINETOLI, 729-730, a quem já nos referimos no texto.
 37. Ver DUPONT, J. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*, o.c., VAWTAR, B. "O universalismo no Novo Testamento", in *Concilium* 121, 89-96.
 38. Para o comentário e interpretação da perícopa Lc 8,1-3, servimo-nos: QUÉRÉ, F., o.c., especificamente "Le forme della testimonianza", 19-20. TEPEDINO, A.M., o.c., da qual tomamos "Seguidoras do princípio ao fim", 91. LAURENTIN, R. "Jesus e as mulheres: uma revolução ignorada", in *Concilium* 145, 1980/4... (pp.).
 39. Cf. FABRIS, R. *Gesù di Nazareth*. Storia e interpretazione. Cittadella Editr., Assisi 1983, 344: o modelo com que os evangelistas descrevem as aparições da ressurreição às Mulheres: do Anjo do Senhor em Mt 28,5.2, do Jovem sentado perto do túmulo em Mc 16,5 e dos dois anjos vestidos de branco em Jo 20,12, nada têm a ver com as do Ressuscitado, cuja linguagem entra no modelo religioso tomado da tradição bíblica, onde se fala da revelação-manifestação do Senhor e da sua vinda.
 40. QUÉRÉ, F. *Le donne nel Vangelo*, o.c., 45-55; 61ss. TEPEDINO, A.M. *As discípulas de Jesus*, o.c., 93-101. SCHMID, J. *El Evangelio Según San Lucas*, o.c., 508-510. FEUILLET, A. "La dignité et le rôle de la femme", in *New Testament Studies* 21, 1975, 157-191, art. citado por FIORENZA, E. em "O papel da mulher no movimento cristão primitivo", publicado na revista *Concilium* 111, 1976, 6-17. Levamos em conta também os comentários e a teologia feitos a partir desta perícopa de aa. citados em nn. anteriores e que serão referidos oportunamente. Tornamos citar JOÃO PAULO II. *Mulieris Dignitatem*, 1988 AAS 80, de modo especial o parágrafo 16. Um grupo de teólogas católicas brasileiras fizeram uma interpretação desta Carta Apostólica e publicaram um fascículo intitulado: *O lugar da mulher*. Ed. Loyola, S. Paulo 1990, fascículo org. por Maria Clara Bingemer do qual citamos especificamente, 25-30; 39-44.

41. Sabe-se que a perícopes 16,9-20 é um acréscimo feito desde o século II, quando começou a fazer parte do texto oficial e canônico do evangelho. A fé na palavra escrita pelos quatro evangelistas e a tradição da comunidade primitiva, que procura uniformizar Marcos à tradição comum da época, nos dão fundamento para a escolha destes

versículos para o objetivo o nosso estudo. Cf. BARBAGLIO, G., FABRIS, R. e MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. Ed. Loyola, S. Paulo 1990, 619-621.

42. Veja-se TEPEDINO, especificamente: "A segunda visita de Maria Madalena" (Jo 20,11-18), 100-108; cf. FABRIS e MAGGIONI, 481-483.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU DEBATE EM COMUNIDADE.

1. A convocação dos Doze, dos Setenta e das Mulheres se deu num contexto bem diferente do nosso. Em que contexto está se dando a mesma convocação do Senhor, hoje, às mulheres e aos homens de todas as culturas sobretudo às jovens e aos jovens das nossas comunidades cristãs?

2. Que formas de expressão toma o conteúdo do anúncio dado pelas nossas comunidades religiosas a partir do lugar onde elas vivem e trabalham?

3. Seria viável discutir ou trocar idéias e opiniões com a comunidade religiosa ou com grupos de mulheres a respeito da

convocação dos Doze e dos Setenta, convocação que estruturou uma forma de Igreja que continua até hoje sem maiores avanços no que se refere à participação da mulher nas diferentes instâncias dessa maneira de ser Igreja?

4. Baseada nos relatos da ressurreição que colocam em evidência o encontro de Jesus com as mulheres, de que maneira você e sua comunidade vêem e interpretam o chamado e o envio das mulheres pelo Ressuscitado? E por que esta convocação para a missão não conseguiu estruturar uma forma de Igreja mais participativa com a mulher?

AO ENCONTRO DA TERCEIRA IDADE

Pe. Victor Hugo S. Lapenta, CSSR
São Paulo/SP

Parece ser prática lamentável ir vivendo como se a velhice, a doença e a morte fossem problemas apenas para os outros... até o momento em que o sujeito se percebe e se declara velho e acabado! A velhice é uma etapa absolutamente previsível.

“Saber envelhecer é a obra mestra da sabedoria e uma das partes mais difíceis da grande arte de viver”

Amiel

Em outros tempos, as realidades que cercavam as pessoas pareciam estáticas, fixas, perenes. O indivíduo tinha a impressão de que era ele que passava pela vida, como quem percorre uma estrada e vai contemplando as sucessivas paisagens. Agora, a sensação é outra: tudo acontece tão depressa que é como se estivéssemos sentados em uma sala de projeção e assistindo a um filme de correria desenfreada. Quando nos damos conta, percebemos que estamos dentro do

enredo e que também nós vamos voando vida afora, e, de repente, chegamos à velhice. O tempo passou, nós estamos passando...

A problemática da terceira idade é uma novidade própria do mundo moderno. Entre as grandes modificações pelas quais passamos está o envelhecimento da humanidade. Até o início deste século apenas uma pequena minoria chegava a ultrapassar os 50 anos. Há cem anos nos países mais adiantados a expectativa de vida era de 47 anos. Os progressos da ciência, especialmente da medicina e da alimentação, permitiram um grande avanço no prolongamento da existência humana. Hoje, no Primeiro Mundo, vive-se normalmente até os 75 anos, e em nosso país 65 anos é a média. E a tendência é ainda prolongar-se bastante mais o tempo de vida das pessoas.

Os Institutos e as comunidades religiosas também experimentam essa mesma realidade do envelhecimento de seu pessoal. Isto acontece tanto porque as pessoas agora vivem mais como porque já não entram tantos jovens como até há poucos anos. É cada vez maior a proporção de religiosas e religiosos da terceira idade. E grande parte dos demais aproxima-se rapidamente dessa etapa da vida.

É uma exigência que nos preparemos para isso, para bem convivermos com os idosos e para nos encaminharmos saudavelmente para nossa própria velhice. Aí está uma tarefa que atinge não só os indivíduos, mas as comunidades e mesmo os Institu-

tos como um todo. Desde agora fica uma pergunta: qual é o seu projeto pessoal, o de sua comunidade e o de seu Instituto para a sua própria terceira idade e para a de seus confrades ou co-irmãs?

Acredito que alguns leitores não tenham gostado de encontrar uma referência assim tão direta ao seu processo de envelhecimento. É muito mais fácil vermos como os outros ao nosso redor vão acusando o peso dos anos do que encararmos a realidade de que a cada dia ficamos mais velhos. É a lei inexorável da existência. A tendência comum é caminhar adiante, de olhos fechados, com medo de tomar consciência de nosso amadurecimento e dos desgastes progressivos, como se isso impedisse o tempo de fazer seus estragos. Ou podemos com lucidez assumir nossa idade e nosso futuro, preparando-nos adequadamente para as modificações que irão acontecer em nosso organismo e em nossa mente, fazendo-nos senhores do processo e tendo assim condições de irmos para um futuro com melhor qualidade de vida.

Parece que a prática lamentável da maioria é ir vivendo e trabalhando como se a velhice, a doença e a morte fossem problemas apenas dos outros... até o momento em que, de súbito, o sujeito se percebe e se declara velho e acabado. Aí só restam a resignação, ou o entorpecimento, ou a revolta! E no entanto, se há uma etapa que pode ser preparada é a da terceira idade. Ela é absolutamente previsível, a não ser que a vida seja interrompida acidentalmente antes da hora.

1. TERCEIRA IDADE, UMA ETAPA

A vida humana se desenvolve em etapas sucessivas, cada uma com suas características próprias, não apenas nem principalmente em termos de idade cronológica. "Depois de Deus o mais poderoso é o tem-

po", diz um ditado espanhol. Contudo, nós somos atingidos mais pelos acontecimentos do que pelo tempo que passa.

É bom ter bem claro que velhice não é apenas uma questão individual de desgaste físico. O processo de envelhecer envolve a pessoa toda e todo o seu contexto vital. Simone de Beauvoir começa seu livro "A Velhice" lembrando que "ela é um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, conseqüências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo como o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural: na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence". O organismo, o psiquismo, o existencial e o social de cada um sofrem modificações com a idade que chega. Tanto o sujeito, como o mundo que o rodeia são afetados por essa mudança significativa de sua realidade vital.

Existe, sem dúvida, um certo paralelismo entre a idade cronológica de um ser humano e a sua idade de pessoa ou psicológica. Os acontecimentos que mais contam não são os fatos exteriores, mas aqueles que se dão em nosso íntimo. A medida que vamos vivendo nossas experiências, vamos também modificando nosso modo de ser, nosso modo de nos relacionarmos com as pessoas e com o ambiente.

A vida humana se desdobra em etapas sucessivas, das quais a velhice é a derradeira. Podemos abordar essas etapas a partir de perspectivas bem diferentes.

Uma delas é a biológica, orgânica, corporal. Verificamos então a transformação progressiva de nosso organismo e os refle-

xos que isso tem na modificação de nossa qualidade de vida e em nossa conduta.

Já os psicólogos estudam o desenvolvimento humano a partir dos estágios da evolução psicológica, ou da conduta da pessoa. E para isso centram sua atenção em aspectos diferentes da personalidade, de acordo com a importância que atribuem a este ou aquele fator para compreensão do ser humano. Freud e muitos outros analisam a evolução afetivo-sexual do sujeito para determinar as diversas etapas da vida. Piaget e seus seguidores trabalham com o desenvolvimento da inteligência. Atualmente é cada vez mais freqüente a abordagem do desenvolvimento pela percepção do processo de inserimento ou integração social do indivíduo. Aí está situado, por exemplo, o Construtivismo.

Muito interessante a perspectiva desenvolvida pelo psiquiatra E. Erikson. Ele apresentou um modelo que desdobra todo desenvolvimento humano em 8 estágios que abrangem o decurso da vida, dos quais a velhice é o último. Mesmo sendo um seguidor de Freud, Erickson destaca a importância dos fatores sócio-culturais que condicionam a evolução de cada um.

A velhice, dentro dessa percepção, não é apenas, e nem principalmente, o resultado dos desgastes e marcas produzidas no sujeito, seja em seu corpo, seja em sua mente, pelo passar do tempo. Muito mais decisivos são as características, significados, papéis e status que o contexto socio-cultural empresta às pessoas que ultrapassaram a plenitude da maturidade e o modo como se relacionam com elas.

O processo de identidade ocupa um lugar central nos estudos de Erikson. Nos sucessivos estágios o sujeito remodela suas respostas às duas questões fundamentais que nos acompanham ao longo de toda nossa existência consciente: "Quem sou eu? Vale a pena ser quem eu sou?". Conforme as respostas que cada um der para si mes-

mo, ele sentir-se-á feliz e realizado ou frustrado com a vida...

Erikson destaca ainda o fato de cada estágio da vida ser marcado por um conflito central, duas tendências opostas entre as quais o sujeito faz sua escolha: uma delas leva ao desenvolvimento, a outra produz a fixação ou regressão, com sofrimento e desencanto. Na etapa da velhice o sujeito se define entre "valeu a pena viver como vivi? ou não valeu a pena..." De acordo com as respostas que ele se der, irá sentir-se de bem com a vida, em paz e realizado, ou amargurado e frustrado, sentimentos que, uns e outros, irão determinar o ânimo com que viverá seus anos maduros.

1.2. Envelhecer, um Processo

Só os seres complexos envelhecem e morrem naturalmente. O biólogo sabe que os seres mais simples não morrem, a não ser que sejam atingidos por um fator externo que os elimine. Já nós humanos e todos os animais temos inscrito em nosso código de vida, nos genes que recebemos ao sermos gerados, também um plano progressivo de envelhecimento e de eliminação de nosso organismo.

Uma bactéria, depois de viver uns 20 minutos, subdivide-se em duas novas bactérias que começam nova vida e por sua vez se subdividem. Assim por diante, sem limites... a não ser que sejam agredidas por um fator externo... Não envelhecem, não morrem.

Já os seres complexos têm uma multidão de células. A maioria são células somáticas, as que formam o corpo. Outras são germinativas, cuja tarefa é a da reprodução. O organismo, depois de adulto, gera seus descendentes e gasta uma parte significativa de sua existência na ajuda a filhos, para que estes, por sua vez, se desenvolvem e possam reproduzir-se. Os organismos sexuais precisam somar colaboração, unir-se com outro para a tarefa de dar

B
I
O
L
O
G
I
A
E
V
E
T
I
C
U
L
A
R
I
A

continuidade ao seu patrimônio vital, tanto para gerar, como para criar condições de existência para seus filhotes. Esse é o dinamismo biológico da vida.

O ser humano, como ser consciência e livre, não está biologicamente escravizado ao programa de reprodução. Ele pode escolher, com alguma liberdade, se quer e quando quer gerar e cuidar de filhos. Isso porque a vida humana é muito mais rica de sentidos do que o simples dar continuidade à espécie.

Seja como for, o corpo humano tem que passar pelo processo da existência que significa, nascer, viver, desgastar-se e morrer. O envelhecimento está inscrito em nossas células desde o nosso momento inicial de existência no útero materno. Estamos programados para isso. E esse processo começa logo no início da vida própria. Quando nascemos, células e funções do nosso organismo já estão marcados para o envelhecimento e destinados à morte.

O envelhecimento não tem um início exato. As indicações de idade são aproximadas e diferentes de pessoa para pessoa. Hoje é comum considerar de terceira idade quem chegou aos 65 anos. Mas é apenas uma indicação média. Há indivíduos que bem mais cedo estão envelhecidos, outros vão até bem mais tarde com um potencial muito dinâmico de vitalidade.

Fatores hereditários, ambientais e circunstâncias históricas da vida de cada um influem no envelhecimento pessoal.

1.2.1. O Envelhecimento Físico

A certa altura, o organismo começa a ser afetado por um desgaste progressivo. Não se trata de uma doença. Mas estas podem ser mais frequentes daí por diante, pois o organismo vai-se enfraquecendo em suas defesas naturais.

Nota-se a diminuição da taxa metabólica e ficam mais lentas e fracas as trocas de energia corporal. As energias usadas não

são plenamente repostas. Aumenta o cansaço, diminui a capacidade de resistência física, a recuperação é mais demorada.

Os vasos sanguíneos têm diminuída sua elasticidade e se estreitam. A circulação é cada vez mais difícil. Com isso, o organismo recebe menos oxigênio, fluidos e alimentos carregados pelo sangue. O rompimento de artérias e veias pode acontecer com maior facilidade, com risco menores ou maiores, conforme a área atingida.

Os músculos são progressivamente atrofiados, isto é, diminuem de volume e de força, são sempre mais frágeis e podem ser atingidos por infecções e disfunções. O músculo do coração sofre o mesmo enfraquecimento, justamente agora que precisaria ser mais forte para bombear o sangue pelas artérias estreitadas e rígidas. Os pulmões perdem capacidade de purificar, oxigenar o sangue.

A pessoa sente-se com menos força, precisa descansar mais, já não agüenta muito esforço físico, seja para o trabalho, seja para o esporte.

A pele enruguece, os cabelos diminuem e alvejam, os ossos perdem calcificação e ficam cada vez mais frágeis e sujeitos a fraturas, as articulações estão cada vez mais rígidas, a coluna vertebral mais curva, os movimentos menos ágeis.

Alimentação mais sadia, exercício físico, descanso proporcional, são as medidas mínimas de cuidado para que esse processo de desgaste seja menos prejudicial e perigoso. O exercício melhora a circulação e oxigenação de todo o organismo, fortalece a ossatura, os músculos e as artérias.

1.2.2. O Envelhecimento Psicossocial

O conjunto de diminuições de funcionamento orgânico acaba afetando todo o universo relacional da pessoa que envelhece.

Audição, vista e paladar perdem progressivamente sua capacidade e já apre-

sentam falhas. Mesmo as habilidades mentais são afetadas. Acontecem alterações dos sistemas neurotransmissores, com mudanças no reflexo cerebral, no metabolismo dos neurônios e até na atividade bioelétrica. Tudo isso afeta a capacidade de pensar, de analisar, de lembrar-se, de reagir, até de emocionar-se.

Torna-se cada vez mais difícil o desempenho de atividades e relacionamentos muito complexos. Porém as condutas do idoso só podem ser consideradas doentias, quando ele apresenta um grave déficit ou prejuízo, ficando prejudicadas até as suas atividades mais simples, tais como conversar com nexos, cuidar-se (manter higiene pessoal, vestir-se, alimentar-se), entender as realidades do momento e semelhantes.

2. REFLEXOS NA VIDA

Aos poucos vai-se acentuando uma diminuição da capacidade de adaptação a novas situações e circunstâncias. Cresce, com isso, a necessidade de estabilidade, de estar em local sem maiores complexidades, bem conhecido e sem mudanças súbitas, que não exija esforços maiores de acomodação ao novo e ao diferente.

Aumenta também a necessidade de estar em ambiente saudável fisicamente, de ter cuidados com a saúde, de ser liberado de tarefas pesadas e constantes.

É então mais forte o desejo de conviver com pessoas conhecidas e queridas, que inspiram confiança e não representam ameaças. O idoso carece de perceber que está com quem possa recorrer em caso de emergência, com quem está atento a seus possíveis problemas e não vai abandoná-lo.

No passado o ancião estava no centro da família, era respeitado, amado, escutado, considerado experiente (na vida e nas atividades), um mestre na arte de viver. O contexto social continuava na velhice o mesmo em que ele havia nascido, cresci-

do, atuado, com os mesmos valores, princípios, normas e práticas.

Atualmente as mudanças muito rápidas da sociedade, as modificações dos padrões e estilos de vida, colocam os velhos para escanteio. São considerados excluídos na sociedade moderna, na família, na comunidade.

2.1. Reflexos na Consagração

O religioso e a religiosa idosos têm mais tempo e interesse para o cultivo da vida interior. A terceira idade, por várias razões, tende a fazer a pessoa mais contemplativa. A atenção maior não está no imediatismo prático do momento que passa, volta-se para aquelas dimensões fundamentais da vida, para o definitivo, para o eterno, para Deus. Normalmente há mais tempo e mais gosto para a oração e para a meditação.

A criança e o idoso são mais vizinhos de Deus. Os adultos vivem ocupados com as tarefas e os compromissos, ou ardendo no fogo das paixões que os prendem nos limites de seus envolvimento. A criança leva a sério o brincar, o idoso reza e contempla. Ele está mais facilmente pronto para a escuta da Palavra, porque seu coração não vive mais tão distraído com as coisas terrenas que antes o entretinham.

Em contraposição, a terceira idade na vida consagrada pode estar habitada pelo demônio meridiano. Esse demônio do meio-dia ataca aqueles e aquelas que já estão há mais tempo nas rotinas da vida religiosa. Ele traz as marcas do tédio, da secura, do desinteresse, da perda de entusiasmo, da inveja de quem vive sem os pesos dos compromissos religiosos ou de quem pertence a outras comunidades.

Se o infeliz religioso(a) viveu um passado frustrante, se não conseguiu pôr seu entusiasmo e sua alma no dia-a-dia de sua consagração, esse demônio ataca mais for-

te. Aí ele vem reforçar a desesperança de quem não conseguiu encontrar sentido naquilo que viveu e realizou. O religioso ou a religiosa que, olhando para o caminho percorrido, ficam com a impressão de que andaram por estradas desinteressantes e que muito pouco resta de seus passos dados estão nas garras desse demônio do meio-dia descrito pelo monge-teólogo João Cassiano, já no século IV.

Em linguagem dos dias de hoje essa mesma realidade de vazio e frustração interior que pode atacar as pessoas mais idosas tem o nome de "vazio existencial", conforme o batismo de Viktor Frankl, o pai da Logoterapia.

Quem está nas garras do demônio meridiano é tentado a buscar compensações, privilégios, distrações e fugas, que os livrem do mal-estar. Outros cultuam o amargor da alma, a intriga, a murmuração.

Pode ser exorcizado esse demônio pelo diálogo fraterno, pessoal e comunitário, pelo confronto com a direção espiritual, em certos casos pelo apoio profissional do psicológico e, principalmente, pela volta para Deus, o Pai de misericórdia. O cultivo da oração, da meditação, da escuta da Palavra são o caminho para reencontrar o sentido e o entusiasmo de vida.

3. MAS O QUE CARACTERIZA A TERCEIRA IDADE?

A terceira idade é a *etapa vivida a partir da plenitude da maturidade, quando o sujeito já não se sente na plenitude de suas forças vitais e se vê como quem está em declínio definitivo. Ou quando assim é visto pelos que o rodeiam.*

Não está aqui uma definição, nem mesmo uma caracterização exata e, menos ainda, completa... apenas uma descrição da percepção incorreta que as pessoas com muita frequência têm da terceira idade,

simplesmente como um período de declínio. Na realidade ela é mais rica e complexa. Sua riqueza está em seu profundo sentido de vida!

Positivamente, ela significa que a pessoa *atingiu um pico realista de vida vivida, de onde contempla sua própria trajetória com "sabedoria", e com capacidade de descortinar novos horizontes de atividade e de doação.*

Figuradamente, podemos dizer que a vida é como a escalada de uma montanha. Infância, juventude, primeira vida adulta são os passos que nos levam para cima, para o alto. Na plenitude da vida adulta atingimos o ponto mais elevado. Daí podemos olhar para trás e rever a rota percorrida, as curvas de nossa estrada pessoal, lembrar as sucessivas paisagens, considerar o que fizemos e o que deixamos de fazer ao longo dos passos e dos dias.

E é só quando chegamos ao lugar mais elevado da montanha, que teremos condição de olhar para a frente e ver as trilhas que ainda poderemos palmilhar. É só quando aí estamos que vamos experimentar essa nova realidade da caminhada, ver os panoramas do outro lado da elevação, os horizontes que se estendem adiante. Aí sim, podemos dizer que começamos a conhecer a montanha toda, a subida e a descida do viver...

A sabedoria será então grande patrimônio adquirido. Ela é experiência de vida, vida vivenciada com sentido. É a capacidade de saborear os significados do vivido, capacidade de lidar com as realidades da existência com saber, bom senso, segurança e tranqüilidade. É preciso investir muito tempo para adquirir tal tesouro. Não bastam inteligência, estudo, aplicação e esforço. Só mesmo quem vive, pode sentir o sabor da vida...

É pela sabedoria que a terceira idade confere ao idoso um jeito novo de ser

pessoa, um estilo renovado de doação e de atividade e lhe permite dar uma nova contribuição à vida, à consagração, à fraternidade e à missão.

Esse jeito novo é marcado pelo vivido, pela experiência adquirida nos longos anos passados, pelo realizado no dia-a-dia, pelos desgastes físico-psíquicos que os embates da existência trouxeram, pelos limites e falhas que acompanham a caminhada humana e pelo enfoque social atribuído a esse estágio. O idoso é pessoa num estilo muito diferente da juventude, especialmente de sua própria juventude. Todo seu universo de relações consigo e com os outros está agora revestido pela bagagem que foi sendo armazenada no percurso feito montanha acima.

4. O VALOR DO SER IDOSO HOJE

Nosso pensamento e nossa conduta pessoais e mesmo o pensamento e a conduta de nossas comunidades são sempre marcados pela cultura na qual estamos mergulhados. Podemos desenvolver um pensamento e uma série de posturas e atitudes, sem nos darmos conta que estamos reproduzindo uma percepção da vida que nada tem a ver com nossos conceitos conscientes, vg. os evangélicos.

O Capitalismo e a Modernidade, colocando todo o valor da pessoa em sua capacidade de produção econômica e no lucro, desconsideram a terceira idade. Ela é uma etapa que não só não produz, como dá despesa e que deve, portanto, ser marginalizada.

Sabedoria, experiência, sentido de vida são valores não econômicos, não produzem dinheiro... O único saber que hoje conta é o técnico, o que produz bens econômicos, o que aumenta a produtividade.

São estas as expressões da cultura atual para designar a pessoa que passou dos ses-

enta e cinco anos: aposentado, pensionista, de terceira idade, jubilado, ancião, emérito, velho. Todas elas contêm um ressaibo de superação, de problema, de diminuição de capacidade, de não produtividade.

Nós corremos o risco de assumir em nossas comunidades, sem nos darmos conta disso, a estreita visão capitalista que não tem capacidade de perceber o sentido de vida e a contribuição que só a pessoa idosa pode dar. Afinal, qual é a produção específica da vida consagrada? Vida é produzida não só quando se produzem bens materiais ou que podem ser avaliados por dinheiro, ou trabalho físico ou mesmo mental. O viver valores transcendentais, que ultrapassam o imediatismo e o material da produtividade econômica, pode ser muito mais vida.

Pelo simples fato de ser vida humana, a vida vivida na velhice teria um valor insuperável, máximo. Nada mais valioso que o ser humano em todo o universo criado. Mas não é só por ser vida humana a vivida pelo idoso, que este deve ser considerado. É a qualidade específica desta idade, única e insubstituível, que só pode ser de quem viveu e experienciou a vida, de quem percorreu as etapas anteriores, da infância, da adolescência, da vida adulta até a plena maturidade, é essa qualidade de vida com suas características e riquezas que lhe dão um sentido específico.

4.1. Um Sentido para a Própria Pessoa

Mas, falando mais concretamente, o que vem dar sentido à terceira idade? Enumero aqui apenas alguns itens dessa realidade extremamente complexa:

— Saborear a vitória de ter vivido, de estar vivendo. Um idoso costuma dizer aos mais jovens: "faça força e talvez você consiga chegar até minha idade!" É bom poder olhar para trás e poder contemplar o caminho andado.

— Saborear a satisfação de ter realizado — Já vimos antes que o idoso está diante de uma encruzilhada: ou fica feliz com o que viveu e realizou, ou sente-se mal com o fracasso, agora sem mais a possibilidade de retomar e refazer a vida... O idoso ou é alguém carregado com a experiência feliz de ter alcançado o que buscava, ou alguém amargurado e desesperançado pelas frustrações...

— Saborear a possibilidade de concentrar-se nos valores mais altos — Nessa altura da vida, o que mais conta são as realidades que transcendem o imediatismo do dia-a-dia das ocupações. Agora há tempo para o mais importante e significativo da existência. O idoso é quase sempre um contemplativo, um místico em comunhão mais íntima com Aquele que é o sentido maior de sua existência.

— Saborear o tempo disponível para o que interessa — ter mais idade é também ter mais tempo. Menos ocupado em tarefas mesquinhas porém necessárias, que ficam para os mais jovens, agora pode o idoso cultivar aquilo para onde vão suas simpatias, para aquilo que talvez no passado tenha sido obrigatoriamente posto de lado, desde as coisas mais sérias e significativas, tais como um estudo, uma pesquisa de interesse pessoal, ou até os passatempos mais simples.

— Não mais se alimentar de sonhos irrealizáveis — O vivido das experiências faz o idoso nutrir-se do realismo da vida, já percorrida em seus espaços e em seus limites. Os sonhos ilusórios do jovem, os planos e os projetos que ultrapassaram as possibilidades de acontecer, raramente são parte da bagagem de desejos dos idosos sensatos e lúcidos.

— Saber ver nos mais jovens, com seus ideais, sonhos e planos futuros, aqueles que vêm sucedê-los nas responsabilidades, com a missão de levar adiante a bandeira.

— Preparar-se para o encontro com o Senhor da vida e da morte — Para o idoso a morte não é mais uma realidade distante. Ela está cada vez mais próxima. Se fosse um fera, seria possível ouvir seu rosnar, sentir o sibilar de sua respiração. E quanto mais próxima, mais real, e quanto mais real, menos temida porque não mais distorcida pelas imaginações. Agora ela pode ser vista como o coroamento dos dias e dos anos, como a porta que se abre para a juventude eterna, para a existência definitiva, sem os enganos terrenos, sem as dores e sem os males.

4.2. Um sentido para a Convivência

A convivência fraterna fica sempre enriquecida com a presença de pessoas com características diferentes, com a soma de perspectivas, de qualidades, de necessidades e de disponibilidades. Os de terceira idade trazem para suas comunidades e para seus institutos uma série de contribuições. Estar ao lado deles abre espaço para:

— Desenvolver nossos dons de serviço, de solidariedade, de fraternidade (acolher, querer bem, valorizar, proteger, criar condições de vida melhor para a pessoa envelhecida), de caridade evangélica. Nossos idosos requerem cuidado, atenção e amor especiais.

— Usufruir as riquezas da presença de pessoa vivida, experimentada, curtida, com a sabedoria de outros tempos e de outros contextos. Seu bom senso, experiência, distância pessoal do envolvimento nos problemas cotidianos e das lutas pelo poder transformam-nos em conselheiros pacientes, hábeis, felizes em prestar esse serviço de apoio.

— Aproveitar o modelo de vida que se concentra mais no fundamental sem se dispersar pela agitação e pelo ativismo imediatista. O caminho por eles já percorrido, a fidelidade que lhes permitiu estar

presentes transformam-nos em modelo estimulante para nossa própria fidelidade e coragem. Erikson escreveu: "As crianças sadias não temerão a vida, se seus entes mais idosos tiverem integridade suficiente para não temer a morte". Ele falava da convivência familiar. Pensemos na fraternidade religiosa: o religioso idoso é o espelho da vida para o mais jovem. Sua presença na comunidade contém a possibilidade de uma contribuição vital.

— Saber ler neles a mensagem que nos transmitem: o tempo não é eterno, tem limites. Nossas forças e disposições não duram para sempre. Pela sua simples presença eles nos advertem que a vida é mais que a correria das ocupações e das preocupações.

• • •

A grande missão da terceira idade é *continuar a viver a aventura de ser pessoa humana até o fim, até a plenitude da existência terrena*. Nossos idosos estando aqui entre nós são como setas que apontam para a eternidade. A deles e a nossa.

Para terminar, vou permitir-me um testemunho pessoal. Quando jovem convivi com a figura expansiva de um confrade, o Ir. Pedro. Aos 45 anos, ele dizia: "La vecchiaia é brutta (a velhice é feia), quando eu chegar aos 60 anos me suicido!" Brincando, ele externava um real sentimento de desconforto... Mas Ir. Pedro morreu aos 50 e poucos anos, vítima de um acidente cirúrgico. Não teve chance de chegar aos anos tão temidos. Pois, só agora nos meus anos sessenta, é que me sinto vivendo uma nova realidade da existência, tão mais rica de sentido, de valor único pela vida, por aquilo que para mim significa estar aqui entre as pessoas queridas, podendo ainda usar minhas forças para ajudar a construir um mundo que seja mais Reino de Deus. Fico com a certeza de que, se tivesse morrido antes, teria perdido a possibilidade dessa experiência única, teria morrido mais pobre de vida. Meu conhecimento vivencial da realidade humana estaria truncado, incompleto, empobrecido. Olho agora com muita expectativa as pessoas que chegam aos 80 anos e fico esperando minha oportunidade de atingir esse patamar...

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL DO TEXTO OU DEBATE EM COMUNIDADE.

1. Como em sua comunidade ou Instituto são tratados os da terceira idade? O que você sente diante disso?
2. Diante da sua terceira idade, que já está sendo vivida ou para a qual você se prepara, que respostas você dá às questões da identidade: "Quem sou eu?" Vale a pena ser quem eu sou?"
3. Feche os olhos e imagine — coloque-se

diante de si mesmo e veja como você é física e psicologicamente. Depois de algum tempo, faça uma regressão e veja você há dez, vinte anos. Num terceiro momento, vá para o futuro e imagine como será daqui a outros dez ou vinte anos. Conte para outra pessoa ou para o grupo como foi sua experiência e que reflexões faz a partir de seu encontro consigo agora, no passado e no futuro.

FAZEMOS NOSSO O CLAMOR DOS POBRES

Pe. José Ernane Pinheiro
Brasília/DF

A democracia não se realiza quando o sistema econômico exclui parcelas da população dos meios necessários a uma vida digna. Os pobres são os juizes da vida democrática de uma nação.

INTRODUÇÃO

Ao afirmar, em Santo Domingo, dentro do contexto da América Latina empobrecida, "fazemos nosso o clamor dos pobres" (SD n.296), colocam-se os Bispos, hoje, em comunhão missionária com o Deus da Bíblia: "eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor por causa dos seus opressores; pois eu conheço as suas angústias" (Ex 3,7).

O Concílio Vaticano II inaugurou uma nova etapa da ação pastoral, ao mostrar-se sensível aos sinais dos tempos como sinais de Deus, para melhor concretizar a missão da Igreja ao serviço da humanidade. "Para desempenhar tal missão, a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura

e de suas relações mútuas. É necessário, por conseguinte, conhecer e entender o mundo em que vivemos, suas esperanças, suas aspirações e sua índole freqüentemente dramática" (G et S. n.4).

O Magistério da Igreja na América Latina vem nos impulsionando para a necessidade de melhor conhecermos a realidade e analisá-la, indo às raízes das causas que não são pura casualidade.

Em Medellín, os Bispos estudam a presença da Igreja na atual transformação da Pátria Grande. Concentram a atenção sobre a pessoa humana neste Continente que vive momento decisivo de um processo histórico.

Em Puebla, nossos Pastores confirmam que "a Igreja tem conquistado paulatinamente a consciência, cada vez mais clara e profunda, de que a evangelização é sua missão fundamental e de que não é possível o seu cumprimento sem que se faça o esforço permanente para conhecer a realidade e adaptar a mensagem ao homem de hoje dinâmica, atraente e convincentemente" (nº 85). Para tanto, "deve ir às causas dos fenômenos, conhecendo os mecanismos geradores da pobreza (cf. n. 1160), para oferecer nossa contribuição e cooperar nas mudanças necessárias, a partir de uma perspectiva pastoral que perceba mais diretamente as exigências do povo" (nº 63).

Por tudo isto é que Santo Domingo considera a Promoção Humana uma dimensão privilegiada da Evangelização, mostrando que entre Evangelização e Promo-

ção Humana — desenvolvimento, libertação — existem laços profundos de ordem antropológica, teológica e evangélica (cf. n. 157). Nesta ótica é que a 4ª Conferência, nas linhas pastorais prioritárias, se insere: “Fazemos nosso o clamor dos pobres... “Convida a todos a promover uma nova ordem econômica, social e política, conforme a dignidade de todos e cada uma das pessoas, implantando a justiça e a solidariedade, e abrindo para todas elas horizontes de eternidade” (cf. SD 296).

1. A CRISE DO BRASIL E A AGENDA 94

1.1. A Crise que perdura

Tendo os apelos da realidade como pano de fundo, tentamos penetrar na crise brasileira. Caracterizamo-la em seus contornos, procurando entendê-la para melhor discernirmos os sinais de esperança que carrega em seu bojo.

É certo que a crise entre nós carrega várias vertentes e tem raízes que vão para além das fronteiras nacionais. Crise das culturas, da moral, da economia, da política, do social... Vivemos no Brasil uma grave crise do papel do Estado; ela coloca em questão o projeto que até então o alimentou e o justificou. O caráter patrimonialista do Estado tem sua fonte nos idos históricos do Brasil Colônia. Desde os primórdios, tivemos uma classe dominante que nada tinha a ver com a vida do povo. A própria industrialização, a partir de 30, sob a égide do Estado, cai do alto. A representação dos interesses maiores das elites vêm sendo permanentemente expressa de modo corporativo. Tornou-se a elite incapaz de elaborar uma consciência ético-política. Mesmo nos momentos mais fortes de mudanças no país não foi quebrada a articulação corporativista e autoritária entre Estado e Sociedade Civil. O que

se tem visto é o Estado a exercer sempre uma decisiva influência na economia, a serviço dos interesses particulares. Privatizando as instituições e os recursos públicos, reparte os benesses entre as elites e submete a população empobrecida a relações clientelistas. Oferece migalhas de participação a troco de lealdade política e do voto que pereniza e legitima seu poder. Esta visão acabou contaminando todas as relações sociais e se expressa, de modo mais gritante, na prática da corrupção. A oligarquia política sufocou o espaço público. O caso da CPI do Orçamento é um modelo exemplar da usurpação do dinheiro público para interesses próprios.

Numa situação de pobreza de grande parte da população, o Estado deveria ser o árbitro em favor da maioria.

Com o aparecimento das políticas neoliberais, vivemos a ambigüidade: o discurso do Estado “mínimo” não bate com a realidade patrimonial já culturalmente arraigada. O Estado tende mesmo a ser salvaguarda do livre mercado. As mesmas lideranças que sugaram o Estado estão, hoje, em defesa das privatizações sem critérios do bem comum, pressionadas pelas exigências da nova Ordem Internacional e seus porta-vozes: O Banco Mundial, o FMI...

Para onde vamos?

1.2. A Agenda 94 para o Brasil

O ano de 1994 pode promover uma virada decisiva para a nossa pátria: a Agenda Política de 1994, no Brasil, está marcada por acontecimentos nucleares:

— As Eleições: hora das grandes opções

Várias vertentes devem ser contempladas num processo eleitoral: o contexto histórico, sobretudo do quadro internacional; o voto em si como apelo ao exercício

da cidadania; o perfil dos candidatos e os projetos dos partidos para o país; as alianças e a correlação de forças do momento; as chances e os condicionamentos do processo eleitoral.

Como considerar estes aspectos diante destas eleições?

a. **Qual democracia?** De um lado, a nova ordem internacional reforça políticas de corte neoliberal, após a queda do socialismo real, com a hegemonia do capitalismo buscando se rearticular; por outro lado, esta nova realidade afasta bloqueios para a busca de novas expressões associativas, possibilitando avanços das forças democráticas. Mas qual democracia?

b. **Recuperação do voto.** Um descrédito nas Instituições, nos políticos especialmente, vem despertando um clima de apatia, levando à conclusão de que não vale a pena votar, sobretudo para o Legislativo, como mostram as pesquisas. Urge recuperar o valor do voto consciente, como pressuposto básico para que o nosso povo possa colaborar para um Brasil melhor e não fique à mercê dos Meios de Comunicação, da indução das pesquisas, ou à margem do processo eleitoral.

6. **O perfil do candidato.** O perfil do candidato é fundamental. Sua vida passada e seus compromissos sociais se mostram, sobretudo, através do **caráter**, do **carisma político** e da **competência**, como características fundamentais para as exigências do país. O **caráter** no compromisso político se manifesta principalmente em três situações típicas: comportamento em relação ao patrimônio e finanças públicas; decisão firme no conflito entre o bem comum da sociedade e interesses particulares ou de eleitores importantes; coerência de posições ao longo da vida pessoal e política. O **carisma político** deveria ser canalizado mediante um programa do partido, nem sempre, entre nós, significando sintonia entre a teoria e a prática. Políticos

com caráter e com carisma mas sem **competência** podem ser um alto risco para os eleitores e para o futuro do país.

d. **Alianças necessárias mas complexas.** A eleição vinculada – concomitância para o Executivo e o Legislativo em nível federal e estadual – terá maior politização do debate e do processo eleitoral. Exige, contudo, maior articulação das forças políticas e alianças mais amplas e consistentes. Dificilmente, na conjuntura atual do Brasil, um partido sozinho poderá sair vitorioso. As alianças se tornam uma exigência e uma chance de maior globalização nos resultados democráticos. No entanto, estas alianças supõem critérios com metas bem definidas. Não basta ganhar a eleição. A filosofia do partido e seus pressupostos programáticos devem oferecer clareza aos eleitores. Infelizmente, no Brasil, os partidos são, muitas vezes, reféns dos candidatos. Certas “arrumações” dos partidos desconcertam e contradizem as expectativas democráticas. A própria realidade do nosso sistema político termina gerando uma série de conseqüências nefastas para a racionalidade política: fragilidade dos partidos; o fenômeno das legendas de aluguel, que é instrumento de manipulação; o “transfugismo” que se tornou a moeda de mais fácil curso da política; as mazelas do financiamento eleitoral...

Duas condicionantes poderão mexer no atual processo eleitoral: as coligações estaduais, com figurino heterodoxo, podem criar impasses para os candidatos à Presidência; e o papel dos formadores de preços com força de nortear o Plano de Estabilização pode deixar seu reflexo nas eleições.

e. **Algo novo desponta.** O Movimento Ética na Política e seus rebentos “Ação da Cidadania contra a Fome e contra o desemprego” vêm contribuindo para a consciência das conseqüências das atuais políticas econômicas: o empobrecimento e o

desemprego. Mas, sobretudo, para uma orientação política nova, explicitando eixos que estarão seguramente presentes nas exigências aos candidatos. A perspectiva dos excluídos poderá provocar questionamentos nas prioridades do discurso eleitoral.

Também foi lançado, na esteira desta dinâmica, O Movimento CIDADANIA PARA UMA NOVA POLÍTICA, com o objetivo de articular alternativas democráticas de governabilidade neste quadro conturbado, com risco de um perigoso vácuo de poder.

f. **A democracia do voto.** Alguns dados da demografia do voto nos ajudam a acompanhar o processo. Conforme publicação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), os eleitores brasileiros revelam **diferenças** que farão **diferença** na hora do voto. São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia somam mais de 50% de todos os votos do Brasil. O eleitor é, na média, muito jovem; 52% têm menos de 25 anos e 74% têm menos de 35 anos. Também o nível de escolaridade das regiões, a concentração feminina ou masculina, o poder aquisitivo dos eleitores... são dados que poderão influir no tabuleiro eleitoral.

g. **A educação política.** Constitui-se o desafio maior para sairmos do círculo vicioso de sempre. A Igreja tem, neste campo, uma importante contribuição para a democracia em nossa pátria, oferecendo um espaço plural para a discussão. Além da tradição das cartilhas, propondo conhecer melhor o perfil dos candidatos e o programa dos seus partidos, circula entre grupos de cristãos idéias novas para a educação política. Propõem a formação de grupos suprapartidários, como espaço de convivência e reflexão, tendo como critérios básicos os valores éticos. Teria como missão ajudar no discernimento do voto, que é um ato pessoal e uma decisão íntima da consciência do eleitor. E daria possibilidade a uma formação para a cidadania ativa pelo

intercâmbio entre os grupos de educação política.

Plano de Estabilização Econômica

O Brasil há anos busca superar a instabilidade econômica. Ao longo deste período muitas políticas econômicas foram adotadas. As experiências frustradas das várias tentativas levam a população a um clima de desconfiança. Planos ditos "ortodoxos" ou "heterodoxos" tiveram o mesmo resultado. Todos os Planos falam em baixar a inflação mas voltam à estaca zero. É a natureza da crise maior que está em questão e ultrapassa as fronteiras do Brasil. Que nos traz de novo o atual Plano de estabilização?

Ainda não podemos perceber a extensão **do Plano** (não foi revelado integralmente), mas podemos caracterizar seus passos, seus impasses, suas esperanças e limites.

Basicamente, o Plano se baseia nas três etapas já iniciadas: a) O Fundo Social de Emergência (aprovado em segundo turno no Congresso e promulgado como emenda constitucional); a Unidade Real de Valor (URV), criada através de Medida Provisória; c) a nova Moeda.

Uma inovação do Plano é a tentativa de comunicação com a população. Para fazer entender a URV, foi elaborada uma cartilha, em linguagem acessível, com uma tiragem de 8 milhões de exemplares, distribuída gratuitamente à população nas agências dos Bancos Federais e os Correios.

O aspecto de maior resistência é a "liberdade de mercado" onde os salários são convertidos pela média dos quatro últimos meses e os preços continuam livres. Fala-se em "livre concorrência". Não será temerário falar de "livre concorrência", referindo-se à realidade do mercado no Brasil, onde 70% dos negócios são dominados por cartéis e oligopólios? Isto vem sendo

motivo de preocupação freqüente da própria equipe econômica do governo.

Sobre a conversão dos salários em URV pela média, à primeira vista, as perdas salariais dependiam da data-base para a conversão; a discussão vem mostrando ser a questão mais complexa. O Relator da Comissão que estudava a Medida Provisória 434, Luiz Gonzaga Mota (PMDB/CE), dizia: "O sucesso do plano não pode estar assentado sobre a infelicidade do trabalhador". Propunha no relatório mudanças no texto. No entanto, a Medida Provisória não foi votada na ocasião.

Neste ínterim, se dá o choque dos três Poderes por causa da interpretação da data de conversão dos salários para a URV, trazendo os militares para a cena nacional. Um clima de insegurança se instalou no país, com desgaste para a democracia.

O apaziguamento dos ânimos se deu com a reedição da Medida Provisória, com maior clareza. O acidente deixou cicatrizes e interrogações para o país. Qual será o papel dos militares nos próximos passos de conjuntura, nos próximos impasses?

A etapa da Nova Moeda poderá ainda trazer elementos específicos para a perspectiva do Plano. Por enquanto, temos diante de nós um instrumento com o objetivo de baixar a inflação, aspiração de consenso entre os brasileiros. A que custo? Sinais de preocupação com o social começam a despontar com o novo Ministro.

Revisão Constitucional

Tornaram-se bem mais amplas as preocupações explicitadas pelos Bispos, na Assembléia de Itaiçuba/93, quanto à oportunidade de uma Revisão Constitucional, agora, nos moldes em que está sendo encaminhada. Além da pressão motivada pela campanha eleitoral, praticamente já desencadeada, as pressões dos eleitores condicionam a liberdade e a objetividade

dos Congressistas Revisores para decidir sobre mudanças na Carta Magna.

Não se trata de evitar mudanças na Constituição, de imobilismo. O que está em jogo é o fato de a Constituição não ser totalmente regulamentada, o momento político e o "quorum" exigido pela Revisão – "voto da maioria absoluta dos membros do Congresso, em sessão unicameral". A emenda constitucional (artigo 60) possibilita maior consenso entre os parlamentares porque discutida em cada casa, com um quorum de 3/5 dos votos.

Passos andados: Instalada a Revisão no dia 05.10.93, as votações das emendas revisionais só começaram em 02.02.94. Após milhares de emendas, mais de trinta pareceres já foram apresentados pelo Relator, deputado Nelson Jobim: sobre temas políticos, sobre a reforma judiciária, uma emenda alterando a sistemática de elaboração do Orçamento, propostas de mudança na ordem econômica... Destes pareceres colocados em votação, só um, até agora, foi promulgado: o Fundo Social de Emergência. Os outros ou não foram votados ou, se o foram em primeiro ou segundo turno, não foram ainda promulgados.

A ebulição do processo eleitoral, dividindo os próprios parlamentares revisionistas diante dos temas em discussão, a pauta sobrecarregada com outros temas de maior interesse imediato (CPI, Plano), as críticas ao Regimento... têm levado a Revisão a um impasse. Aumenta o número de partidos que defendem uma "saída honrosa" para encerrá-la.

Há várias propostas, em tensão, na meta final, até 31/05/94: a) encaminhar a Revisão mediante determinados itens, através de um acordo. As reformas tributária e previdenciária seriam os temas de maior consenso para uma pauta mínima; b) apressar a votação da ordem econômica; os temas previstos: a quebra dos monopólios

(petróleo e telecomunicação), o subsolo (minérios), o conceito de empresa nacional...; c) adiá-la para 1995, com uma Assembléia Revisora Congressional ou exclusiva, mediante uma emenda constitucional. O futuro da revisão não está esclarecido.

Os três aspectos desta pauta política, 1994, estão intimamente relacionados. O Plano pode influenciar no processo eleitoral, as definições da Revisão Constitucional podem oferecer orientações para a prática do Plano e para as eleições, assim como as eleições poderão desencadear novas perspectivas para o Plano.

Chegaremos neste ano em ebulição a um Projeto de Sociedade com critérios éticos, tentando uma perspectiva política que possibilite conciliar o crescimento econômico com a "divisão do bolo"? Ou legitimaremos as correntes liberais excludentes, defendendo o "crescimento do bolo" para depois dividi-lo?

2. TENDÊNCIAS IMPORTANTES PARA O FUTURO DO BRASIL

Além da crise conjuntural, algumas tendências globais perpassam a realidade da nossa pátria, deixando sua marca tanto na prática da sociedade civil como na busca de saída para o país. Não podemos subestimá-las se queremos concretizar os sonhos de uma nação realmente soberana e democrática.

Em nível de **Política Internacional**, a nova geopolítica do mundo apresenta a tendência à formação de **grandes blocos econômicos** que unem e concentram a riqueza, a força e o poder. Assim, a nova Europa com o Mercado Comum; o NAFTA com América do Norte, Canadá e México; os "tigres asiáticos"; o MERCOSUL para o Cone Sul... Sem dúvida que há valores de integração a serem considerados nos

blocos, mas podem ser, também, uma maneira de os países ricos aumentarem a dependência dos países pobres.

Os eventos de Santiago del Estero, na Argentina, e Chiapas, no México, onde a violência social provocada pela miséria começou a estourar, deixaram lições significativas e interpelações éticas expressivas para nós.

Que **tendências importantes** estão presentes no Brasil?

- o novo retrato populacional;
- a realidade urbana em crescimento e ebulição;
- os pobres se tornaram "massa sobrando" da sociedade.

Os resultados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio de 1990 e do Censo Demográfico de 1991 revelam algumas tendências expressivas:

a) **Transformações na estrutura etária.** São fruto da queda da taxa de fecundidade, reduzindo o ritmo de crescimento populacional. A partir de 1970, registra-se que a diminuição das taxas de natalidade vem acompanhada de um progressivo aumento da população na faixa adulta (de 20 a 59 anos) e na categoria dos idosos (60 anos e mais). A população dos idosos passou de 5,06% em 1990. Conseqüentemente, verifica-se uma expressiva diminuição da população jovem. Enquanto em 1970, de 0 a 19 anos tínhamos 53,02% de jovens, em 1990, só 44,51%.

Outra transformação importante no padrão demográfico brasileiro é a queda da taxa de fecundidade. Até 1960, o nível de fecundidade manteve-se alto, com a taxa de 6,28 filhos por família. Observa-se progressiva redução, com a taxa de 2,70, em 1991. Este declínio ocorre em todas as regiões do país, embora em ritmos diferenciados. Naturalmente, este problema tem seu reflexo em outros setores e causas

múltiplas: mudanças culturais, novos papéis da mulher na sociedade, políticas de controle de natalidade de âmbito nacional ou internacional, por interesses econômicos claros: "acabar com os pobres em vez de acabar com a pobreza". São questões que socializam teses com fundamento ético duvidoso em favor do aborto, esterilização... É o tema a ser estudado, em setembro de 1994, no Cairo, pela Conferência Mundial das Nações Unidas: **População e Desenvolvimento**.

b) **Do Rural ao Urbano.** A partir das últimas décadas, observa-se que a distribuição espacial se altera no Brasil. Em 1940, tínhamos 68,76% da população na área rural e 31,24% na urbana. Este quadro transformou-se; em 1991, temos 75,47% como população urbana e 24,53% como população rural. O caráter rural, até 1960, vinculava-se à importância das atividades agrícolas antes que a modernização tecnológica tomasse conta das cidades. Vários fatores estiveram presentes nesta alteração. Primeiro, uma série de políticas governamentais afetaram profundamente a organização agrícola. A Reforma Agrária continua sendo uma "questão de paz e justiça social e garantia da democracia" (expressão do Papa João Paulo II). Depois, as "luzes da cidade" começam a ofuscar o rurícola: atrativos diversos o levam para cidade, sobretudo a busca de emprego. Basta ver que em 1950 havia no Brasil 1.887 cidades; em 1991 este número se eleva para 4.491. Em 1950, o Brasil só tinha 2 cidades com mais de um milhão de habitantes; em 1991, contava com 8 cidades do mesmo porte, concentrando 21,66% da população urbana. Em 1950, tinha 11 cidades intermediárias, com mais de 100 mil habitantes; em 1991, já são 130, mostrando nova localização das migrações. A cidade tornou-se o espaço da modernização tecnológica, do avanço dos Meios de Comunicação... A urbanização, porém, não se confunde com desenvolvimento integral. O processo de urba-

nização entre nós se mostra frágil e perverso, levando em conta os alarmantes indicadores sociais: saúde, educação, habitação... A decisão de migrar e procurar emprego ou subemprego nas cidades aproxima-se de uma verdadeira escravidão branca.

c) **Urgências Sociais.** A concentração de renda no Brasil está entre as maiores do mundo. Não acontece, por acaso, que grandes parcelas das massas sejam "prescindidas" (sobrantes). O Mapa da Fome, publicado pelo IPEA, em 1993, mostra que 32 milhões de brasileiros são indigentes; uma população equivalente à da Argentina defronta-se, diariamente, com o problema da Fome. O que mais choca é constatar que o Brasil produziu nos últimos sete anos uma média de 59 milhões de toneladas de grãos (arroz, feijão, trigo, milho e soja). A fome destes milhões não se explica pela falta de alimentos, mas reside nas decisões políticas globais, nas diferenças regionais. Conforme o IBGE, em 1990, enquanto os 10% mais pobres tinham 0,8% da renda, os 10% mais ricos detinham 48%. E ainda pior: 50% dos mais pobres têm menos de (12,6%) que 1% dos mais ricos (13,9%). Não é, por acaso, que a violência se torna, cada vez mais, institucionalizada.

3. PERSPECTIVAS PARA O BRASIL

No Documento "Exigências éticas da ordem democrática", os Bispos do Brasil afirmam que a "democracia não se realiza, de fato, quando o sistema econômico exclui parcelas da população dos meios necessários a uma vida digna..."(n.69). "**Os pobres são os juizes da vida democrática de uma nação**" (n.72).

3.1. O papel da Sociedade civil

O que existe de novo no panorama nacional é o desejo, explicitado em boa

parte da sociedade, de superar o derrotismo por uma crescente consciência de que o Brasil tem um futuro. A dinâmica da Cidadania, o crescimento das exigências éticas diante do empobrecimento proporcionaram o surgimento de novas bandeiras nos Movimentos Sociais com **novos sujeitos históricos**, em busca de uma consolidação da democracia. O público não estatal começa a se afirmar.

Como muito bem expressaram as Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (91-94): "Constata-se hoje na sociedade, nas religiões, na Igreja, a emergência de novos agentes, atores ou interlocutores, comumente chamados "novos sujeitos históricos", os quais, em razão de sua forte consciência coletiva, apresentam-se de forma mais ou menos organizada em movimentos, associações, comitês e comunidades. Surgem de diversas inspirações em torno de "várias bandeiras"...(n.300/301).

Apresentam propostas de novas relações e de novas estruturas, em que haja maior participação e maior autonomia, em vista à construção de uma nova sociedade e de uma nova humanidade. Alguns valores estão sempre permanentes nas bandeiras dos novos sujeitos históricos: a dignidade da pessoa humana, a ética, a solidariedade, a sede de libertação, o desejo de participação e co-responsabilidade, aspiração ao espírito associativo... São sinais dos tempos nos interpelando.

A ação da Cidadania — a democracia na prática

A Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria pela Vida, além de possibilitar a formação para a sensibilidade ao outro, vem se tornando o grande veículo para denunciar a falta de democracia social com os milhões de empobrecidos; mas, sobretudo, a grande chance para superarmos a cultura da apatia. Ser cidadão é ser responsável. De fato, é a sociedade civil, atra-

vés das suas entidades, e não os partidos ou o Governo que está criando espaço de esperança para a população.

Incontáveis iniciativas ganham espaço, veiculadas pelos meios de Comunicação Social (TV, Jornais, Rádio). Debates, Semanas de Estudos ou de Arte sobre o tema, Romarias a Aparecida... envolvem artistas (shows contra Fome em nível regional e nacional), escritores (cadernos especiais nos grandes jornais do país), iniciativas dos favelados, militares, empresários...

O estoque de solidariedade não acabou, diz Betinho em entrevista ao Jornal do Brasil, no dia 07/09/93. Milhares de **Comitês** exercem a cidadania, com muita criatividade, praticando a solidariedade como opção ético-política.

O Movimento vem mostrando três etapas na sua pedagogia: a) emergencial contra a Fome; b) luta pelo emprego; c) busca de alternativas para o país...

Nesta Campanha estamos descobrindo que a cidadania implica generosidade, preocupação com o outro. Ela aproxima a linguagem política da linguagem moral: generosidade, compaixão, caridade, solidariedade, respeito.

A Ação da Cidadania é suprapartidária, mas quer interpelar todos os candidatos nesta próxima eleição diante do grave problema da Fome. Também fez chegar à Revisão Constitucional uma emenda, propondo a Segurança Alimentar como Direito Fundamental.

O ano de 1993, de fato, foi marcado pela primeira etapa: **contra a Fome**. O ano de 1994 se propõe um passo adiante: **contra o desemprego, o subemprego e as péssimas condições de trabalho**. Assim como a Campanha contra a Fome fez flamejar seu estandarte do **Mapa da Fome** (pesquisa do IPEA), revelando 32 milhões de brasileiros na miséria, o **Mapa do Mercado do Trabalho** (dados do próprio

IBGE) serve de porta-bandeira para a Campanha em prol do emprego. O tema: **Fome se mata com comida, miséria se combate com emprego**. Por ocasião do lançamento da nova fase da Campanha, as cifras gritaram alto pela imprensa. São 20 milhões de pessoas desempregadas ou absolutamente sub-remuneradas, desempenhando atividades de extrema precariedade. Constituem um potencial de desenvolvimento fantástico para o país e simplesmente não há um projeto de desenvolvimento que as integre no mercado de trabalho...

Ao lado da mobilização da Sociedade Civil está o **Conselho de Segurança Alimentar**, que é do Estado. Além de suas várias atividades, possibilita a terceira etapa, — repensar o Brasil — com a **Conferência Nacional de Segurança Alimentar**, a realizar-se em Brasília — em parceria com a sociedade civil. A erradicação da Fome e a Segurança Alimentar são seu objetivo maior. Para concretizá-los deve discutir: políticas concretas e instrumentos efetivos, tendo como pano de fundo a rediscussão do papel do Estado...

3.2. Projetos em oferta ou em discussão

Que projetos estão sendo oferecidos para toda esta complexa realidade? As opções se encaminham para o Brasil das estatísticas econômicas (da modernidade ambígua) ou para o Brasil real, dos empobrecidos, exigindo revolução nas prioridades?

Não é difícil perceber que o Projeto **neoliberal** penetra nos vários segmentos da sociedade. O ano de 1994 com sua Agenda Política, rica em possibilidades de definições, poderá ser o momento para a consolidação dos seus pressupostos: através das eleições, do Plano de Estabilização, da Revisão Constitucional.

Seu objetivo maior é inserir o Brasil na nova ordem mundial que tenta se reorganizar. Tem uma confiança absoluta no Mercado, como moderador das relações sociais. Seu ideário compreende, sobretudo, os ajustes macroeconômicos, as privatizações desenfreadas...

O Documento de Santo Domingo considera como desafio pastoral soluções que prejudiquem os pobres, ao tratar da nova ordem econômica: “diante da crise de sistemas econômicos que conduziram a fracassos e frustrações, costuma apresentar-se como solução uma economia de livre mercado, assumida por não poucos sob o rótulo de neoliberalismo e com um alcance que vai além do puro campo econômico, e que parte de interpretações estreitas ou reducionistas da pessoa e da sociedade” (n. 199). E propõe como linha de pastoral: “denunciar os mecanismos da economia de mercado que prejudicam fundamentalmente os pobres. Não podemos estar ausentes numa hora na qual não há quem vele por seus interesses” (n. 202).

Outras alternativas também são servidas à mesa da sociedade neste momento de decisões: seja através de grupos do próprio Estado e dos partidos políticos, seja através da sociedade civil. Projetos onde a justiça e o direito, a igualdade de bens e a superação da exclusão social, a participação e a solidariedade, a ética... possam ser desde já considerados como força motriz da construção da democracia, visando resgatar a imensa dívida social através da intervenção e regulação de um Estado realmente democrático. Exemplos concretos disto são as experiências que tomam corpo em todo o território nacional, apresentando propostas novas para o país, centralizadas em critérios éticos:

a. **PROJETOS ESTRATÉGICOS PARA O BRASIL**. A partir de uma Conferência, em Brasília, liderada pela Uni-

versidade, estudos sobre vários Projetos que pensam o país se irradiam pelo Brasil afora, nos vários Estados, com atuação sobretudo no campo das Universidades. Propõem cobrar coerência ética na prática política e apresentar soluções para o país. O resultado das Conferências Estaduais deverá ser formulado num novo Seminário, a realizar-se também em Brasília, em agosto de 1994.

b. A nossa 2ª SEMANA SOCIAL - BRASIL: ALTERNATIVAS E PROTAGONISTAS. O fruto das várias Semanas Regionais já está sendo colocado em comum como contribuição da Igreja para o processo de consolidação da Democracia.

O maior mérito destas experiências é proporcionar a prática da democracia local, uma mudança cultural no processo participativo.

3.3. Desencontro entre o "Institucional" e o povo

A crise do Estado está em aceleração como o demonstra o descrédito dos Três Poderes, sobretudo do Legislativo, embora recentemente cresça bastante a desconfiança no Judiciário. As pesquisas revelam que os políticos estão sem crédito na população. A impunidade generaliza-se e a sociedade se sente impotente e indefesa diante dos delitos, da violência.

Por outro lado, a sociedade civil apresenta sinais de saída, de esperança para o país. Há um desencontro entre o institucional e o povo ou suas entidades representativas, entre as expectativas da população e o pacto das elites em reorganização, com riscos de uma ruptura perigosa.

O processo eleitoral é um rico momento para novos passos. As respostas das urnas poderão significar um diálogo profícuo entre a sociedade e as instituições.

4. INTERPELAÇÕES À MISSÃO PROFÉTICA DA IGREJA

As Diretrizes da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (91-94) sugerem uma presença mais significativa da Igreja na sociedade. Como concretizar?

"Reafirma a Igreja que a situação em que vivem os pobres é critério para medir a bondade, a justiça e a moralidade, enfim, a efetivação da ordem democrática de uma nação" (n. 163).

"... Ela olha o conjunto do país a partir das 'massas sobrantes' da modernização cujo grito não cessa de clamar aos céus. E aponta a solidariedade, a união, a organização do povo, como caminho para uma sociedade justa e solidária, para uma sociedade democrática" (n. 165).

"Na reflexão sobre a Ética Social, a Igreja no Brasil procurará não se limitar às grandes orientações gerais, mas descer às situações concretas e às realidades específicas" (n. 239). "Um ponto particular da Ética Social que, no atual contexto, merece aprofundamento é a crítica da ideologia liberal (ou neoliberal) que, no fundo, apenas encobre sua capacidade de subordinar a economia à ética, segundo as exigências da democracia e da justiça" (n. 240).

"A Igreja no Brasil procura contribuir para que se torne realidade não apenas uma democracia formal, mas uma justa repartição dos bens e oportunidades, permitindo a todos o exercício pleno da cidadania e garantindo ao povo uma efetiva participação econômica, social e política. No esforço de promoção da democracia e da justiça social, a Igreja colabora com todas as forças sociais e movimentos populares que buscam a defesa dos direitos da pessoa humana, a valorização da cultura popular, a promoção de uma formação política au-

têmica, respeitando o pluralismo das opções partidárias” (n. 232 e 233).

“A partir de uma atenta análise da realidade, a Igreja continuará a elaborar e desenvolver sua doutrina ou ética social, tornando-a mais acessível à compreensão da maioria do povo, de modo que possa inspirar uma efetiva ação de transformação da sociedade no sentido de maior justiça e solidariedade. Tal elaboração pode ser feita por pastores e leigos, com a colaboração de cientistas sociais e de todos os que possam contribuir para a mesma finalidade” (n. 237).

Procurando oferecer elementos sólidos e mais concretos para a ação pastoral é que a 31ª Assembléia Geral, 1993, elaborou o documento **Ética: Pessoa e Sociedade**. Diz o texto logo no início: “Em nosso nome de Pastores e em nome de todos os que se angustiam com a crise ética, apresentamos este documento para incentivar a busca de novos padrões éticos, que levem a comportamentos moralmente corretos e socialmente construtivos, e para trazer a contribuição da ética cristã em consonância com o Magistério da Igreja universal, para uma renovação da consciência pessoal e pública” (n. 2). E como perspectiva para a Igreja apresenta: “Na tarefa de buscar novos caminhos para a ética não

basta apontar os sintomas da crise, mostrando as suas causas; nem mesmo é suficiente atacar os seus efeitos maléficos na sociedade e nas consciências. Faz-se necessário um esforço de todos para a formação da consciência ética. A Igreja sabe que esta tarefa cabe a toda a sociedade da qual ela faz parte. Por isso, seria impossível levá-la adiante sem um diálogo amplo e compartilhado, envolvendo vários segmentos ou classes sociais, governo e povo, empresariado, trabalhadores, organizações sindicais, instituições representativas das diversas etnias, culturas, religiões, família e escola” (n. 177).

Levando em consideração tudo isto, a Igreja da América Latina, em Santo Domingo, professa: “Fazemos nosso o clamor dos pobres” (SD 296). E a Igreja no Brasil se propõe no Objetivo Pastoral: “...Formar o Povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da Vida e da Esperança, nas diferentes culturas, a caminho do Reino definitivo”.

Para chegar à prática seu intento, a Igreja procura não só refletir, mas quer, também, enfrentar os desafios, buscar e oferecer **alternativas** para o país e para sua ação missionária, testemunhando Jesus Cristo que deu a Vida para que todos tenham Vida” (Jo 10,10).



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1º de setembro de 1994

A Palavra de Deus é a fonte primordial da **espiritualidade, isto é, do agir humano vivificado pelo Espírito**, porque gera, irriga, mantém e renova a fé. O objeto da fé é sempre a Palavra de Deus. E a fé que de nós postula a Vida Religiosa põe em relevo esta verdade. Sem a fé a Vida Religiosa é uma via de acesso a obstáculos sempre maiores. Sem a fé, esta Vida é uma charada simplesmente indecifrável. Para quem crê, porém, ela se parece a um jogo de xadrez. É difícil. É empenhativo. Mas não é insolúvel. É fascinante. Seu destino pode ser uma grandiosa epopéia. Em frente, pois, da **Palavra de Deus que gera, irriga, mantém e renova a fé**, crer naquilo que se lê e ler para ampliar aquilo que se crê.

— *E contou-lhes uma parábola: a terra de um rico produziu muito. Ele, então, refletia: Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita. Depois pensou: Eis o que vou fazer: vou demolir meus celeiros, construir maiores e lá hei de recolher todo o meu trigo e os meus bens. E direi à minha alma: Minha alma, tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos. Repousa, come, bebe, regala-te. Mas Deus lhe disse: Insensato, nesta mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste de quem serão? Assim acontece àquele que ajunta tesouros para si mesmo e não é rico para Deus (Lc 12, 16-21).*

O homem não é senhor nem de sua vida nem de sua morte. Não pode garantir a própria vida com as riquezas. Sua vida pode ser tirada de um momento para outro. Numa palavra clara, explícita, precisa e convicta: o fim que se anuncia irremediavelmente a todos é a morte, um futuro inelutavelmente sempre presente. Uma certeza inexorável. Uma consciência em grau sumo da própria insuficiência. **A expressão maior de um incontornável limite existencial** que a pessoa sabe não poder ultrapassar. A experiência mais universal da humanidade. De tudo podemos duvidar, menos da morte.

Certíssima quanto ao fato, embora muito incerta quanto às circunstâncias de tempo, modo e lugar, a morte revela a impotência e o fracasso do homem para conservar a vida. Cada um, enquanto natureza, nasce, cresce, desabrocha célere, desenvolve-se. Fase ascendente acelerada, de crescimento com desdobramento rápido das forças vitais. **Amadurece. Pujança. Pique. Programa-se preservar as reservas.** A seguir: desgasta-se, debilita-se, se enrijece, vira ruínas. Decadência, tempo de cansaço, de estrutura corporal quebradiça. A percepção reflexa dos estragos que o tempo faz. Frágil e incapaz de continuar vivendo, morre.

O desenlace da morte é o último ato, o ato final de um processo biológico atestado oficialmente pelo médico como término de sua luta para reter o enfermo na vida e constatado por qualquer um. O fim definitivo da história de liberdade, o ponto final na linha temporal de nossa história de vida. O acontecimento que conclui o processo ativo da vida historicamente pessoal vivida em liberdade.

À medida que a vida se desenvolve, prepara-se, simultaneamente, para a ruína. Caminha-se ao encontro da morte que, ora lentamente, vai se inserindo por entre os meandros do organismo, ora intervindo brutalmente. Na morte, **o tempo definitivo se irrompe como eternidade infinita.** Atravessada pela morte, a vida humana é desgastável, consumível, dissolúvel, desde o primeiro instante. Ninguém interrompe o movimento desta marcha implacável rumo à catástrofe biológica que se chama morte. Está inscrita na célula humana desde o início.

Se, à revelia de nossa vontade, a morte faz parte da vida, cumpre-nos aceitar esta pungente irreversibilidade não como acontecimento passivamente suportado mas como ato dinâmico nosso, como presença axiológica em todo o decurso da vida. Ao longo da vida, cada um vai plasmando a própria morte. Também aqui, **só a fé nos ilumina.** Enquanto vai nos abrindo à Infinitude Incompreensível, abre-nos, também, um véu de esperança para o drama humano da finitude.

Em face, pois, do pensamento da morte, **amar o dom da vida. Conservá-la sã. Usufruí-la ao máximo.** Nada de resignação desiludida. A vida é um dom precioso e insubstituível. É vivendo a vida que descobrimos o seu futuro. Postos nas mãos do Pai, ressuscitaremos definitivamente no Filho, Jesus Cristo. Creio na vida eterna e espero a ressurreição dos mortos e a vida que há de vir. Amém.

Desejando-lhe toda PAZ e todo BEM, com fraterna amizade e renovada estima, subscrevo-me,

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB